

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

LINHA DE PESQUISA 1 – CONHECIMENTOS, PRÁTICAS E REFLEXIVIDADES

ENNA MARA OLIVEIRA PINHEIRO

**“O CORPO E O CUIDADO MASCULINO NOS TERRITÓRIOS
QUILOMBOLAS DO ALTO TROMBETAS NO MUNICÍPIO DE
ORIXIMINÁ - PÁ”**

**MANAUS-AM
2025**

ENNA MARA OLIVEIRA PINHEIRO

**“O CORPO E O CUIDADO MASCULINO NOS TERRITÓRIOS
QUILOMBOLAS DO ALTO TROMBETAS NO MUNICÍPIO DE
ORIXIMINÁ - PÁ”**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFAM como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof. Dra. Luiza Dias Flores

Manaus - AM
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P654c Pinheiro, Enna Mara Oliveira
 "O corpo e o cuidado masculino nos territórios quilombolas do Alto Trombetas no município de Oriximiná-Pá" / Enna Mara Oliveira Pinheiro. - 2025.
 100 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Luiza Dias Flores.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Manaus, 2025.

 1. Cuidado. 2. Corpo. 3. Quilombola. 4. Encantados. I. Flores, Luiza Dias. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título

ENNA MARA OLIVEIRA PINHEIRO

**“O CORPO E O CUIDADO MASCULINO NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS DO
ALTO TROMBETAS NO MUNICÍPIO DE ORIXIMINÁ - PÁ”**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. Linha de pesquisa 1: Conhecimentos, Práticas e Reflexividades, como parte das exigências para o título de Mestra em “Antropologia Social”.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Luiza Dias Flores
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM

Prof^ª. D^a. Márcia Regina Calderipe Farias Rufino
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM

Professora Doutora Sônia Regina Lourenço
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social - PPGAS/UFMT

Dissertação Aprovada em: 18/12/2025

Manaus-AM 2025

Dedico esta dissertação ao meu Bisavô Duca Pinheiro e a todos os Encantos presentes em nosso território Quilombola.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os moradores e lideranças quilombolas do território Alto Trombetas que colaboraram para realização deste trabalho, disponibilizando seu tempo e compartilhando suas memórias e histórias. Meu sincero agradecimento.

A Arqmo por me receber e permitir que minha pesquisa fosse realizada em território e conhecer mais da história de luta do Movimento Quilombola do Trombetas.

Agradeço de forma sincera e especial a minha orientadora Dra. Luiza Dias Flores, que acreditou no meu trabalho e durante todo o percurso de escrita desta dissertação foi paciente ao ler meus textos e me orientar para que pudesse escrever este lindo trabalho. Além disso, por ser compreensiva diante de minhas limitações e dificuldades na hora da escrita e pesquisa antropológica.

Agradeço também aos professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que me auxiliaram na aprendizagem sobre Antropologia e pesquisa antropológica. A CAPES pela bolsa de estudo para realizar esta pesquisa e poder está na universidade para cursar as disciplinas.

Agradeço as Professoras Luciana Carvalho (UFOPA) e Patrícia Pinheiro (UNILA) pelas valiosas observações no exame de qualificação. E a banca final composta pelas Professoras Dr^a Sônia Regina Lourenço e Dr^o Marcia Regina Calderipe, pelas suas valiosas contribuições para o meu trabalho.

Aos colegas de mestrado especialmente a Celeste Alberta Melgueiro minha companheira de angústias e que me acolhia sempre que sentia saudades da família. Obrigada pelos momentos de diálogo e descontração!

Agradeço a minha mãe Jocilvana Pinheiro e meu bisavô Duca Pinheiro, por todo amor que me dão e valores que me passam ao longo da vida, possibilitando a minha formação humana e, agora, acadêmica. Especialmente meu bisavô por compartilhar suas histórias de muitas andanças pelo Rio Cuminã que contribuíram para minha pesquisa. À minha avó Nezinha exemplo de ser humano e maior incentivadora enquanto esteve com vida, mesmo seu corpo não estando mais perto de mim, sinto sempre sua energia nos momentos de dificuldades e alegrias.

Agradeço aos seres encantados e bichos do fundo pela permissão em realizar essa pesquisa e cuidado ao estar em seus territórios que é toda a floresta e rios que percorri.

Enfim, a todos que ajudaram a concluir este trabalho. Meus sinceros agradecimentos!

*“Tenham cuidado com a terra de vocês!”
Mestre Baldoíno apud Leonel Colé*

Resumo

Este estudo versa sobre o corpo e o cuidado dentro das comunidades quilombolas do Alto Trombetas, no município de Oriximiná – Pará, sobretudo os cuidados masculinos. Buscou-se por ouvi as narrativas de moradores da comunidade, observar o seu cotidiano e como lhe davam o corpo e o cuidado. A metodologia da etnografia é o aporte teórico que deu sustentação a este estudo, para que eu pudesse não apenas questionar e observar os interlocutores, mas também vivenciar junto com eles as experiências na comunidade. O cuidado masculino esteve sempre presente nas falas dos interlocutores, principalmente na figura de Baldoíno que se entrelaçou com as histórias contadas pelo meu bisavô Duca Pinheiro que também exerceu a arte de cuidado com as castanheiras e posteriormente com seus filhos e netos. Ao finalizar o estudo, constatou-se que, as comunidades quilombolas do Alto Trombetas realizam o cuidado de maneira diversificada, não só realizando o cuidado com corpos enfermos e humanos, mas também exercem o cuidado com não humanos calafetando, cuidando dos rios, matas, para que possam sempre ter onde navegar, com que navegar e manter os encantados presentes no território auxiliando da mesma maneira nos cuidados com a fauna e flora. Assim, o cuidado se torna comunitário, ao feito de maneira partilhada, como num puxirum.

Palavras-chave: Cuidado, Corpo, Quilombola, Encantados.

Abstract

This study is about the body and care within the Quilombola communities of Alto Trombetas, in the municipality of Oriximiná – Pará. The research used to listen to the narratives of the community residents, observe their daily lives, and understand how they approached the body and care. The methodology of ethnography was the theoretical foundation that supported this study, allowing me not only to question and observe the interlocutors but also to live the experiences in the community alongside them. Masculine care was constantly present in the statements of the interlocutors, especially in the figure of Baldoíno, whose story intertwined with those told by my great-grandfather, who also practiced the art of caring for Brazil nut trees and subsequently for his children and grandchildren. Upon concluding the study, it was found that the Quilombola communities of Alto Trombetas practice care in a diversified manner, not only providing care for sick and human bodies but also exercising care for non-humans by caulking (boats/canoes), tending to the rivers and forests, so that they can always have places to navigate, means to navigate, and to keep the "encantados" (enchanted entities/spirits) present in the territory, aiding in the care of the fauna and flora in the same way. Thus, care becomes communal, performed in a shared way, like in a "puxirum".

Keywords: Care, Body, Quilombola, Encantados.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
1. A HISTÓRIA E A COMPLEXIDADE DO CUIDADO QUILOMBOLA DO ALTO TROMBETAS.....	17
1.1 Quilombos e a vida coletiva	17
1.2 Antropologia, Cuidado e territórios quilombolas	20
1.3 Histórico das comunidades	27
1.4 A Comunidade Serrinha.....	34
2. HOMENS QUE CUIDAM: MESTRE BALDOÍNO E BISAVÔ DUCA	39
2.1 O curador que também foi cuidador: Mestre Baldoíno	41
2.2 O Bisavô Duca Pinheiro: cuidador, castanheiro e tocador.....	52
.....	52
3. CORPO-TERRITÓRIO QUILOMBOLA.....	65
3.1 A encantaria	65
3.2 O corpo, a casa e a roça.....	66
3.3 A arte de calafetar: o cuidado com o corpo, o cuidado com o barco.....	73
3.4 Ataques e transformações nos territórios quilombolas	79
4. CONCLUSÃO	88
BIBLIOGRAFIA	92

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como interesse abordar o corpo e o cuidado no seio das Comunidades Quilombolas do Alto Trombetas no Município de Oriximiná - Pará, ressaltando sobretudo o cuidar masculino, tanto com humanos e não humanos, tal como o cuidado com os territórios, destacando os saberes dos povos quilombolas, dentro dos territórios no qual convivem com os seres encantados. Utilizei a técnica de pesquisa etnográfico para realizar a pesquisa, que me permite inserir no trabalho as minhas descrições como observadora participante na pesquisa. Esse fazer pesquisa que vai para além da coletar dados, me oportuniza estar junto com os interlocutores, participar das suas atividades, ter a curiosidade de questionar o que não sei ou nunca vi, de aprender com eles aquilo que ainda é desconhecido para mim. O meu campo foi realizado em mais ou menos dois meses sendo distribuídos entre estar na Comunidade da Serrinha e encontrar interlocutores na cidade de Oriximiná ou na Associação das Comunidades Remanescente de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO). Durante minha estadia na comunidade fiquei hospedada na casa do casal Isabel Cristina (Betinha) e João, que me acolheram muito bem durante a minha estadia para a realização da pesquisa. Junto com eles morava a Dona Elcy bibliotecária na escola da comunidade, que também se hospedava por lá durante a semana e nos fins de semana ia para a cidade quando havia transporte. E com eles consegui conhecer as pessoas da comunidade que ainda não conhecia, ir para outra comunidade e navegar nos rios do território.

Antes de escrever é preciso explicar como essa pesquisa foi realizada. Aqui nesse trabalho utilizei a etnografia, forma de produção de conhecimento bastante consolidada na Antropologia. Para Peirano (2014, p. 383) etnografia não é método, como ela coloca em seu texto, é mais que isso, a etnografia seria uma teoria, uma contribuição teórica para a sociedade, que se dá a partir do encontro entre a criatividade da pesquisadora e a criatividade dos seus interlocutores. Ingold (2016) chama a atenção para entendermos a antropologia, que envolve a clássica observação participante, como uma forma de educar nossa atenção a partir dos saberes que são compartilhados conosco, seja pelos nossos interlocutores em campo, seja pelos autores que lemos ou colegas com que trocamos ideias.

Inicialmente, a etnografia era feita por ocidentais com povos não-ocidentais, mas com crítica pós-moderna (CLIFFORD, 2008) e a crítica pós-colonial (SPIVAK, 2010) muitos outros sujeitos não ocidentais têm produzido suas próprias reflexões. Destaco aqui por

exemplo, as recentes produções etnográficas indígenas e negras realizadas no PPGAS/UFAM como as teses e dissertações de João Paulo Lima Barreto Tukano, Marcos Alan Costa Farias, Clarinda Ramos Sateré-Mawé, Rafaele Queiroz, Raimunda Conceição Sodré e Maria Ranciaro, entre outros. Ao entrar em contato com essas produções e com os novos sentidos do que é, ou pode ser, um trabalho etnográfico, eu também me vi em transformação. Através do trabalho etnográfico eu vou retomando e reelaborando o autorreconhecimento como quilombola, entrelaçando minha vida e minha escrita, me descrevendo e descrevendo as vivências dos povos quilombolas. Por isso trago aqui uma descrição dos meus primeiros encontros em campo.

Antes de eu partir para a comunidade da Serrinha tiver que ir até a ARQMO (Associação do Remanescente Quilombolas do Município de Oriximiná) para me informar como entrar com o pedido de autorização para realizar a pesquisa de campo na comunidade. Ao chegar me apresentei como discente de mestrado da UFAM e mencionei o tema da minha pesquisa. E fui questionada sobre minha apresentação com a seguinte pergunta: *Você é quem? Você é filha de quem?* E eu percebi que se no mundo universitário ocidental o reconhecimento da pessoa passa pelos títulos que ela porta e pelos espaços de circulação por onde estudou e pesquisou, percebi que para os quilombolas da região de Oriximiná o reconhecimento se faz através do parentesco, dos nossos ancestrais.

Na medida em que sou nascida e criada na cidade de Oriximiná, as relações de parentesco ganham ainda maior relevância. Algo que certamente teria efeitos muito diferentes para uma pesquisadora oriunda de outras regiões. Então eu respondi a pergunta deles dizendo que sou bisneta de seu Duca Pinheiro, neta de Zezinho e Maria Zuleide e filha de Jocilvana Pinheiro. Após narrar minha rede de parentesco eles reconheceram de qual família eu pertencia e identificaram que meu avô é lá do Rio Cuminá, lembraram da minha avó consanguínea Maria Zuleide e da minha avó de criação Nezinha¹. Ali me reconheceram como quilombola e eu também me autorreconheci.

O reconhecimento acontece da mesma forma quando ouço as mesmas histórias que meus avós contavam na minha infância. Histórias sobre encantarias, judiarias, Baldoíno e sobre as fugas das fazendas para os quilombos. Além disso, a culinária esteve muito presente em casa fazendo com que eu aprendesse a apreciar um bom tracajá, os ovos de tracajá,

¹ Minha avó consanguínea faleceu muito nova, antes mesmo de eu nascer, deixando os filhos pequenos. Então a Nezinha que era sua sogra terminou de criar minha mãe e se tornando minha avó, que auxiliou também na minha criação.

animais de caça como a paca. Comer o beiju cica e castanha ou beiju peteca com café, a comida vai bem na castanha, como o jabuti ou o pirarucu.

Além do mais, o reconhecimento foi percebido pelas minhas observações sobre o cuidado que se tem com humanos e não humanos. O cuidado para que eu não fosse encantada, era apresentado com instruções no qual se baseava em: não podia brincar as 18:00 ou pela parte da noite; ir para a beira do rio menstruada, pois o boto encanta meninas e mulheres que se encontram nessa condição. E como mencionado pela Teixeira (2006) “*Todo lugar tem uma mãe*”, tinha mãe do bole-bole; mãe do rio; mãe da boca da noite; mãe da mata e com medo sempre seguíamos as orientações dos adultos que frequentemente relatavam pequenas histórias sobre encantados.

O cuidado com o corpo, da mesma foi onde me reconheci ao observar que realizavam benzimento em crianças com quebranto, levavam no puxador para consertavam osso disminto², rasgadura³ e puxam a mãe do corpo⁴. Essas práticas de cuidado estavam sempre presente em casa, fui levada ao benzedor, acompanhava minha avó na Dona Fé puxadeira de mãe do corpo, vi puxador consertar dismintidura, assim como a utilização de remédios como andiroba, copaíba, mel, para curar a garganta, mexendo com o dedo, modos de cuidado com o corpo humano comum entre famílias quilombolas de Oriximiná.

Ser reconhecido pelo sobrenome pela experiência que tive e leituras que fiz é algo característicos das comunidades quilombolas, Selma Dealdina (2020, p. 11) na apresentação do livro Mulheres Quilombolas, fala do orgulho do seu sobrenome que é o nome de sua bisavó paterna, visto que sua avó é uma das principais referências do quilombo Angelim III, localizado em Sapê do Norte em São Mateus, no Espírito Santo. O sobrenome, na medida em que atualiza relações de parentesco, é também uma forma de estabelecer os vínculos com a comunidade de pertencimento.

Assim como outras famílias também o são, como os Souza, Guedes, Santos, Melo, Cordeiro, Xavier. Essas são as principais famílias dos quilombos de Oriximiná, segundo me foi informado por Seu Josielson da comunidade do Ariramba, quando falávamos sobre as famílias quilombolas na minha visita a Arqmo. Averiguei com outras pessoas com mais idade que encontrei, como o Seu João Guedes conhecido como Gordo ou Nêgo Lindo (72 anos) e o

² Osso torcido, o dismintidor/puxador que coloca no lugar.

³ Refere-se ao músculo que está lesionado, novamente é o dismintidor/puxador que conserta.

⁴ Encontra-se no umbigo. Quando fica fora do lugar, é uma mulher que puxa/massageia para que ela volte para o umbigo.

Seu Milton ou Paca (70 anos), eles me confirmaram esses sobrenomes e incluíram ainda: Do Carmo; Gato; e Lopes. Podem até existir outras famílias, mas precisaria fazer um outro trabalho para identificá-los.

Esse meu reconhecimento também se dá através do diálogo que tive com uma liderança quilombola, o senhor Daniel de Souza, de 66 anos. Nascido no Jauary, filhos de Maria de Souza e Francisco Melo, foi um dos quilombolas a frente do movimento para a conquista da proteção e titulação dos territórios quilombolas do Alto Trombetas. Fez parte da primeira coordenação da Associação dos Remanescente Quilombolas do Município de Oriximiná, e ainda hoje é consultado para aconselhar nas novas decisões da Associação. Assim como é muito procurado por estudantes e pesquisadores para falar sobre as comunidades quilombolas do Alto Trombetas.

Com ele pude tirar minha dúvida de como me autorreconhecer quilombola se não estou residindo na comunidade, apesar das relações de parentesco que tenho. Ele me respondeu que o fato de eu buscar saber sobre a vida e a história dos quilombolas, do qual meu bisavô, meu avô e minhas avós fazem parte, já é o reconhecimento que faço das minhas raízes e isso gera o autorreconhecimento e me faz quilombola.

Assim, além da minha experiência etnográfica no território da Serrinha, passo a escrever também sobre minhas vivências, meu reconhecimento como quilombola, adjunto escrevo sobre o quilombo e história, suas memórias e práticas de cura. Descrever as memórias do quilombo é colocar no papel o que está na oralidade do povo, os seus saberes para que não sejam esquecidos e possam tornar-se histórias, aprendizados para que outras pessoas possam ter acesso. Assim como Leda Maria Martins (1997, p. 18) descreve as memórias do povo a pedido de João Lopes e esses seus escritos denomina-os de afrografias, desse modo narra as suas oralidades, festas, histórias, canções. Já Conceição Evaristo nos mostra as suas escrevivências e diz que é preciso escrever as memórias de um povo para que possam transformar-se em histórias para permanecer para sempre no meio da sociedade.

Bell Hooks (2013, p. 85) descreve que sempre buscou descobrir onde se encaixava na sua infância. Eu fiquei por muito tempo tentando da mesma maneira me encontrar, somente na Universidade percebo de onde vinham minhas raízes e no Mestrado consigo reconhecer esses vínculos quilombolas que na verdade sempre estiveram presentes na minha família. Nas histórias sobre Mestre Balduino, nas histórias de caça do meu bisavô, nas práticas de cura realizadas pela minha avó. Então eu fico ponderando, o que me afastou do que eu sou, do que

sempre esteve presente ao meu redor? Refletindo sobre isso lembro que na escola não tínhamos uma educação voltada para esses temas, não mencionavam as histórias das comunidades quilombolas e não se tinha contato com as lideranças quilombolas, acredito que se esses temas fossem abordados o reconhecimento viria mais precocemente.

Na universidade tendo contato com as teorias começo a curar as ausências sobre as informações de comunidades quilombolas e tendo a oportunidade de pesquisar dentro da comunidade. A etnografia me possibilita falar sobre a minha relação com os quilombos e o meu reconhecimento como quilombola. Além de me reconhecer como quilombola, trago para o interior da academia as teorias quilombolas, as suas práticas de cura, são essas teorias que me curam e calafetam⁵ as minhas brechas abertas com o tempo. Brechas coloniais que persistem na história, como o racismo estrutural, o poder da estética branca como padrão de beleza.

Bell Hooks (2013, p. 102) relata em seu texto a cura que a teoria provoca nas pessoas, alivia dores. Nas comunidades quilombolas a educação curou o receio dos quilombolas de perder suas terras e resistir contra as novas formas de colonização. Eu adentro em território e com meu olhar antropológico busco etnografar outras práticas de cura exercida na comunidade. A teoria faz curar a ausência que tive sobre ser quilombola, me reconhecendo tempos depois.

Seu Daniel de Souza liderança quilombola, que mencionei, conhece meu bisavô Duca Pinheiro, do tempo em que ele tocava em um grupo musical ao lado do seu primo Deonilo Pinheiro. Eles visitavam as comunidades para tocar nas festas. Meu bisavô Duca Pinheiro tocava tambor enquanto seu Deonilo tocava violino e também violão. Na Serrinha muitos moradores lembraram dele quando estive por lá e lembravam do grupo musical que saía pelas festas das comunidades para tocar.

Chegar nesse reconhecimento não é fácil, há muitas dúvidas pelo caminho, pois a sociedade não reconhece de modo fácil uma pessoa parda como quilombola, mas quando conhecem a família do qual viemos, ficam surpresos ao perceber que aquela pessoa quilombola com a pele de tom claro vem de uma família preta, na verdade uma mistura, uma paleta de vários tons, indo do mais retinto a um tom claro. Geralmente eram pessoas da escola, colegas, igreja, desse modo fazendo com que eu não conseguisse me reconhecer.

É com o passar do tempo que vou percebendo que sou uma mulher negra e

⁵ Descrevo melhor e com mais detalhes sobre o calafetar no capítulo 3 desta dissertação.

quilombola. Chegar na comunidade e perceber que todos conhecem minha família, meus avôs, minhas avós, minha mãe, me faz reforçar o meu reconhecimento. Esse reconhecimento tardio me faz refletir que a sociedade nos leva a isso, precisamos fazer com que nossas crianças possam aprender que não somente o tom escuro de pele define um quilombola, mas suas memórias e vivências que se conectam aos ancestrais africanos escravizados.

Guimarães (2008, p. 66) declara que as origens podem estar nos discursos sobre o modo de fazer as coisas, é o que acontece comigo. Posso me afirmar quilombola por ter esses modos de fazer as coisas, linguajar e uma alimentação que é comum nas comunidades quilombolas, além das histórias que ouvia e hoje sei contar que foram repassadas pelos meus avôs e avó. Confirmando o reconhecimento de um quilombola pelo seu pertencimento comunitário.

A comunidade da Serrinha hoje também vive nesse contexto de diversos tons de pele, no qual não é formada apenas de pessoas retintas, existe um mesclar de vários tons, pessoas que vieram de outras comunidades, de outras cidades e foram vivendo, formando a nova comunidade, como coloca Arruti (2008), isso também pode ser lido como novas ressemantizações para os quilombos. Quilombo de Palmares, como descrito por Beatriz Nascimento (2021), era composto por pessoas de origem africana, mas também por pessoas indígenas e brancas desertoras, o que fazia do quilombo um lugar de pessoas com muitos tons de pele. Com uma variedade de conhecimento, tornando o local pluricultural, assim os quilombolas foram absorvendo sabedorias de outros grupos sociais e incorporando ao seu cotidiano. Foi o que aconteceu com os primeiros quilombolas do Alto Trombetas quando passaram ter contato com os indígenas Wai Wai que lhes ensinaram como navegar Rios Trombetas e Erepecuru, além de lhes ensinar os caminhos das matas ao redor dos rios e melhor rota para as suas fugas. Tornando um território onde todos reconhecem-se como quilombolas e passam esse reconhecimento para os seus filhos, que, assim como eu, vão aos poucos compreendendo de onde vieram e onde estão.

O reconhecimento me traz inquietações, como as que Silva (2020, p. 56), aponta em seu texto: *“Quais são os significados de luta de gênero ou feminismo para uma mulher urbana? E para uma mulher negra, urbana, quilombola?”* Esses questionamentos dela, eu também me faço. Como eu, mulher quilombola urbana, mas que possui descendência de um quilombo rural, posso me entranhar nas mesmas lutas que elas ou minhas lutas seriam diferentes?

Eu diria que as vezes as nossas lutas se cruzam e tornam-se uma só, se eu me vejo como mulher quilombola, devo também abraçar as causas dessas mulheres que vivem em território e assim somar minhas forças e cuidado com as delas, reconhecendo que eu e as mulheres da minha família também somos quilombolas.

Muito do que eu aprendi para que acontecesse esse reconhecimento vem do espaço universitário, que nos faz refletir sobre de onde viemos e o espaço que ocupamos, e a universidade precisa fazer parte desse espaço de ocupação. Souza, et al. (2020, p. 92) aborda a permanência da mulher quilombola dentro das universidades. E de fato não é fácil permanecer nesse espaço distante em termos geográficos. Por estar distante da família é preciso contar com o apoio e carinho dos colegas e professores, pois não é fácil permanecer longe da família.

Ao realizar parte do meu trabalho de campo na comunidade quilombola Serrinha, tenho consciência que o meu título de assistente social e de futura antropóloga não quer dizer que meu conhecimento seja mais importante que os demais. Ao contrário, me faz perceber que tenho muito que aprender com aquelas pessoas que estão ali, com aquelas outras mulheres, onde posso aprender e me aperfeiçoar como pesquisadora quilombola. Afinal, devo valorizar minhas raízes, meus mais velhos, nossas histórias e saberes. E a Universidade me dá a possibilidade de voltar para minha própria história e contribuir com meu conhecimento para a comunidade, através dos meus escritos, valorizando a nossa gente.

Apesar de eu ter vivências na cidade, de minha família ser uma parte de Cuminá e outra parte de Iripixi, minha proximidade com a Comunidade da Serrinha aconteceu através da minha amizade com a família Santos do Carmo. A partir do momento em que conheço essa família, que ali possui moradia, passo a frequentá-la, indo nas festas da Comunidade, festas de final de ano e carnaval. Com isso, começo a conhecer outras pessoas que ali moram, outras que até já conhecia, só não sabia que eram da Serrinha.

Assim sendo, resolvi tomar como foco a pesquisa na Comunidade da Serrinha. Entretanto, no decorrer da pesquisa, percebi que era impossível eu obter algumas informações somente com moradores da Serrinha, tendo que ir em busca de outros interlocutores de outras comunidades. Por isso, resolvi estender o título para Territórios do Alto Trombetas. O título assim como a ampliação do campo foi definido no decorrer da pesquisa, no qual percebe-se que o trabalho está voltado para o cuidado, além do entrelaçar de vidas dos quilombolas, como aconteceu comigo e tantos outros que transitam entre as comunidades e também a cidade (zona urbana).

A volta à Comunidade como pesquisadora me faz ter novo olhar para os territórios, um olhar etnográfico antropológico, em que descrevo as vivências da Comunidade em que estou ali junto com eles participando. Todos me recebem muito bem, como já conheciam alguns eles me recebiam com a frase: *“Veio dar uma volta aqui pela Comunidade?”* Respondia que sim, estava também realizando uma pesquisa pela Universidade. Além disso, outras pessoas e outras famílias, que, eu não conhecia, mas que conheciam minha família, meu bisavô, meu avô, minha, avó, meu tio e sempre perguntavam como eles estavam, principalmente se meu bisavô ainda estava vivo. Essa última pergunta acontecia pelo fato de fazer muito tempo que eles não o viam, então eu lhes dizia que sim, estava vivo e completou 100 anos de vida, que ainda lembra de algumas histórias, pessoas, vivências.

Ao conversar com alguns interlocutores, relataram ter passado pelo território outros pesquisadores. Perguntaram sobre o que trata minha pesquisa, qual o curso, falaram o quanto é bom ter pesquisadores ali, e que a partir das pesquisas eles compartilham seus conhecimentos. É uma forma de deixar escrita a história da comunidade, é uma maneira de obterem conhecimentos para que possam preservar os seus territórios, manter vivo os seus mestres que fazem parte das Comunidades. Até porque foi através das pesquisas que conseguiram comprovar que os territórios em que estão são quilombolas, que nesse local seus pais, avós e bisavós viveram por muito tempo e foram lhes repassando os seus conhecimentos. O fato de esses pesquisadores não serem de nenhuma comunidade não foi questionado, pois eram vistos como pessoas que estavam ali orientando e auxiliando os quilombolas em como realizar o processo para conseguir a titulação dos territórios.

Nesse meu retorno para a Comunidade pude observar como a estrutura do local sofreu transformações, muitas coisas mudaram como o acesso a luz elétrica, internet, água encanada, que se estendeu a praticamente 100% dos moradores. Isso reflete na vivência das pessoas que ali residem, no cuidado que se tem uns com os outros, pois a facilidade de comunicação fez com que as pessoas tivessem notícias umas das outras mesmo estando distantes. Perguntas para saber como o outro está ou ter notícias de que a pessoa está bem é uma forma de cuidado. Além disso, o entrelaçar de vidas se estreita com pessoas de outras comunidades. Com relação a água encanada, vejo da mesma forma como uma maneira de cuidado, principalmente nos tempos de seca em que a margem do rio fica longe das casas e a Comunidade tem todo um cuidado de levar água, principalmente para as pessoas idosas que possuem dificuldades de locomoção.

No primeiro capítulo, intitulado “A história e a complexidade do cuidado quilombola no Alto Trombetas” e subdividido em quatro tópicos, exploro as diversas formas de cuidado com os múltiplos corpos presentes no território quilombola. Abordando a evolução conceitual de quilombo ao longo dos anos, destacando a vida em coletividade como uma estratégia de resistência à colonização. Adicionalmente, apresento o histórico da comunidade e suas lutas, em conjunto com a ARQMO, pela titulação dos territórios quilombolas – uma demanda que persiste entre eles. Por fim, o capítulo descreve minha chegada ao campo e o início da vivência junto aos interlocutores, marcando o ponto de partida desta pesquisa, de forma literal, pois a pesquisa já inicia com as leituras sobre o tema.

O capítulo seguinte sigo com a descrição de nossas histórias entrelaçadas, que se entrelaçam pelos rios passando e conhecendo as comunidades e os outros quilombolas que resiste no território. Escolho narrar a história de dois homens cuidadores da região e que aparecem com frequência na pesquisa de campo. Início com a vida de Baldoíno que sai do Puraqué para morar na Serrinha, comunidade onde permaneceu até sua morte. Cuidou de todos que ali apareciam, cuidou da comunidade e assim sua memória permanece viva no interior do território quilombola. Nesse capítulo, da mesma forma trago a história e convivência com meu bisavô. Narro suas histórias e aventuras como músico, castanheiro e caçador que ele sempre nos conta quando conversamos. É um capítulo onde trago o cuidado masculino representado nas imagens de dois homens que sempre cuidaram do território, da comunidade e no qual sempre estão sendo lembrados por todos por dentro do território. E por fim, as minhas vivências na comunidade junto aos que me receberam e me levaram para navegar nos rios e me entrelaçar com o território.

E por fim no terceiro capítulo trago o cuidado realizado em território, cuidado este direcionado não somente para o corpo humano, mas também para outros seres. Apresentando o cuidado que o quilombo possui com o corpo sendo um território de encantarias, o cuidado com os encantados que auxiliam no cuidado dos rios, florestas e animais. Assim como também trago o cuidado com o que lhes permite navegar, calafetando os burancos das canoas e barcos, tal como calafetamos as brechas deixadas em nossos corpos pela colonização. Por fim trago neste capítulo a contracolonização que os quilombolas fazem ao enfrentarem as grandes empresas em território. Se antes entravam sem suas permissões e se apossavam de suas terras, agora, primeiramente, precisam colocar suas propostas em assembleias. Posteriormente as comunidades jogam as suas contrapropostas e dizem se aceitam ou não que

a empresa se instale no local, mostrando que agora temos o poder de fala e cuidado com o território quilombola. Sendo o protocolo de consulta feito da seguinte maneira, primeiro é feita uma reunião com a coordenação das associações dos territórios, depois realizada uma assembléia com todas as comunidades. Mas esse poder de decisão está sempre sob risco, porque o assédio das empresas continuam sobre os territórios.

Desse modo, realizei a pesquisa vivenciando o cuidado com humanos e não humanos, que envolve os encantados, os cuidados masculinos e o cuidado com território quilombola. Recorrendo aos interlocutores que estavam nas Comunidades e na cidade, já que eles estão sempre indo e vindo das Comunidades e alguns já idosos que residem na zona urbana. E assim nossas vidas foram se entrelaçando, fazendo trocas de sabedoria e vivências quilombolas.

1. A HISTÓRIA E A COMPLEXIDADE DO CUIDADO QUILOMBOLA DO ALTO TROMBETAS

Apresento neste capítulo o quilombo como um espaço de cuidado, fazendo reflexões de que o cuidado vai para além do cuidado com o corpo, estendendo-se aos animais, ao território e todos que ali vivem incluindo os encantados. Pretendo contribuir para as discussões sobre cuidado dando destaque aos cuidados masculinos com o território. Além de apresentar o tema central da pesquisa, também apresento o campo onde desenvolvo minha pesquisa. Eu também exponho o histórico da comunidade e a criação da Arqmo, associação que é fruto da luta pela titulação de terras. A partir deste primeiro encontro com as comunidades quilombolas, apresento também como isso gerou meu reconhecimento como quilombola e como foi a chegada até a comunidade da Serrinha, que marca o início do trabalho de campo.

1.1 Quilombos e a vida coletiva

Nem sempre os quilombos foram reconhecidos como territórios de resistência, cuidado, coletividade, ou como grupos que tem suas vivências, histórias, danças e meios próprios de subsistência evidenciando a caça, a pesca, o extrativismo e seus saberes. Antes disso, eram ainda mais marginalizados, corriam risco de perda dos seus territórios e desaparecimento de suas histórias, por não terem ainda o reconhecimento como povos quilombolas e de direitos a terra.

Os quilombos no decorrer do século XIX eram julgados como locais de desordem, pelo fato de que alguns grupos participarem dos movimentos de revoltas em busca de liberdade e resistência. Percebemos esse mesmo conceito nos "Códigos Negros" em que era usado para disciplinar e punir escravos. Mostrando que quilombos eram reconhecidos como grupos sociais rebeldes e violentos. (ARRUTI, 2008; ALFREDO WAGNER, 2011) Ainda segundo os autores o conceito de quilombo já foi atrelado a ações em grupo de pessoas que se negavam a receber as disciplinas do trabalho, isso em meados de 1700.

A definição de quilombo para Nêgo Bispo (2015) é muito diferente do que os poderes coloniais impuseram. É uma representação de comunidades livres das opressões da colonização. Ele argumenta que os quilombos são mais do que apenas locais de resistência à

escravidão. Eles são exemplos de como é possível construir uma sociedade baseada na biointeração, na pluralidade e na harmonia com a natureza. Contudo a definição de quilombos se estende para outras nomeações de acordo com cada região onde se encontram como seringueiros, castanheiros, juteiros, quebradeiras de coco babaçu, pescadores, povos da floresta e ribeirinhos. Além do mais, essas denominações surgem de acordo com a economia da região.

Desse modo, Arrutti (2008, p. 316-320) menciona que os quilombos não podem ser apenas definidos como comunidades isoladas e nem todos se formaram através de movimentos de rebeldia e de fuga da escravidão. Com o tempo, a constituição dos quilombos passa a ser vista não como atos violentos e caracterizados tão somente pela fuga, mas como ações políticas de resistência, para manter suas histórias, suas vivências, liberdade, direito a terra, onde constroem suas práticas de resistências de forma coletiva.

Alfredo Wagner (2011, p. 41-45) declara que no século XIX eles passam a ser reconhecidos como “calhambolas” e posteriormente continuam sendo reconhecidos como escravos fugidos. Depois começa a surgir a ideia de remanescentes e camponeses. Posteriormente o quilombo passa a ser visto como um coletivo político, a partir de 1988, com a Constituição Federal, e ter o seu reconhecimento de direito a terra, intensificando a luta pela titulação das terras quilombolas. Assim os quilombos passam a ser vistos como comunidades que produzem atividades coletivas de caça, pesca, extrativismo e tem o uso coletivo do seu território. Vinculam-se tanto pelo uso comum da terra como pelas relações de parentesco que os une.

O autor menciona que foi definido utilizar o termo "terra de preto" para os quilombos, mas ainda não estava sendo um termo que caberia no que os quilombolas representam, porque o termo fazia referência a desagregação dos quilombolas as terras de plantação de açúcar e os quilombos estavam em outros territórios, produzindo suas novas histórias. Sendo assim reafirma-se que os quilombos são mais do que um território delimitado, são terras de vivências e cuidado. (WAGNER, 2011, p. 44)

Como mencionado, a partir de 1988 a constituição reconhece os povos quilombolas como cidadãos de direitos. Arruti e Silva (2020, p. 14) destacam que esse reconhecimento chega até os quilombos com uma ambiguidade, no qual se tem direito, mas não de fato uma efetivação dos mesmos, deixando de ser cumprida o que está na constituição, permitindo a entrada de mineração e agronegócios dentro de territórios quilombolas, prejudicando dessa

maneira a saúde e o cuidado que eles têm com o território. Um exemplo disso foi a instalação da mineradora MRN no Alto Trombetas liberada pelo Estado, que ocorreu na década de 1970. Os quilombolas questionam até hoje o fato de eles não terem sido consultados sobre a instalação da empresa, mesmo sendo uma Reserva Biológica do Rio Trombetas, era da mesma forma um território ocupado e cuidado pelos quilombolas. Arruti ressalta as práticas tradicionais dos povos quilombolas na região de Oriximiná na relação dos humanos com animais e os encantados, que fazem com que se tenha uma conservação ambiental nos territórios.

Nêgo Bispo (2015, p. 81), a partir da sua experiência como quilombola da comunidade Saco Curtume no Piauí, narra que os territórios quilombolas não tinham demarcação geográfica como o estado propunha, mas uma demarcação pelas suas práticas de cultivo. Dona Nilza Nira, uma de minhas interlocutoras e uma das quilombolas do Alto Trombetas de Oriximiná, conta que as terras quilombolas são coletivas, para que todos possam usufruir do território do que ele produz. Pois se tem açaí de um lado e do outro não tem, todos podem coletar açaí lá na parte do território que possui o açaí, por isso que o território é coletivo. É claro que possui algumas regras para que seja feita uma coleta justa para todos.

Bispo apresenta uma outra maneira de vivências coletivas em territórios quilombolas, que é a farinhada, e nos quilombos de Oriximiná chamadas de *puxirum*, no qual as pessoas da comunidade se reúnem para limpar os terrenos, roças, fazer farinha ou até mesmo ajudam a construção de uma casa de alguém da comunidade. Este é um trabalho coletivo onde todos auxiliam os outros no que puderem e quem estiver precisando, é uma demonstração de cuidado um para com o outro e de dádiva, da obrigação coletiva de dar-receber-retribuir, como aponta Mauss (2003). Geralmente quem participa são conhecidos, parentes e vizinhos próximos ali de onde será realizada a atividade.

E essas relações com humanos e outros seres que habitam o mesmo ambiente, no qual o próprio Bispo denomina de biointeração. De como reportado, a biointeração também é o cuidado em território que é formado dessas relações de afetos, mas que possui suas implicações. A partilha de produções faz parte dessa biointeração dentro dos quilombos, a farinha que foi feita no *puxirum* sendo partilhada, a macaxeira colhida e repartida com outras famílias, ou até mesmo as plantas medicinais que o outro não possui e está necessitando. Desse modo os quilombos foram se moldando, pensando o território não só geograficamente, nem sobre as demarcações estatais do que seria o território, mas como eles são formados

através de relações de cuidado, que acontecem no seu interior, formando a sua história. São essas relações que me interessam descrever.

1.2 Antropologia, Cuidado e territórios quilombolas

No caminhar da minha pesquisa surgiram várias mudanças, é impossível não mudar alguma coisa depois que vamos à campo e realizamos a escrita. E quando a orientadora lê as nossas ideias e nos auxilia para seguir outros caminhos ou aperfeiçoá-los. Após isso ainda veio a banca de qualificação com novas ideias que me fizeram seguir em uma outra direção. A Antropologia me faz “espionar” o cuidado de uma outra maneira, o cuidado que posso ter não apenas comigo mesma, mas com outros, que envolvem seres humanos e não humanos.

O cuidado tem sido uma pauta importante para as Teorias do Cuidado entendido como trabalho, como ética e como prática. Araújo (2018, p. 07), ressalta o crescimento da pesquisa acadêmica sobre o cuidado. Enfatiza que é um tema político e social, que destaca as diferenças de classes e grupos sociais, apresentando a diversidade do cuidado nos grupos sociais e nos diversos ambientes. O cuidado acontece em cada sociedade de acordo com as suas divisões sociais. Porém, nem sempre essas divisões são específicas e “naturais” de um gênero ou faixa etária, visto que todos podem exercer a atividade de cuidado. (GUIMARÃES, 2024).

A autora Guimarães (2020, p. 04), destaca que o cuidado é um ato realizado não só com pessoas dependentes, mas que todos nós requeremos em qualquer momento e situação da vida. Tradicionalmente, o cuidado tem sido associado à figura feminina, à mulher-mãe que assume a responsabilidade primordial pelo lar, pelos filhos, pelo marido e pelos pais idosos. Esse cuidado, transmitido de geração em geração no mundo ocidental com suas famílias nucleares, é ensinado às meninas desde a infância, preparando-as para o papel de cuidadoras de seus familiares e do espaço doméstico, e também às profissões de cuidado (enfermeira, faxineira, cozinheira, professora, assistente social, diarista, entre outros), em um mundo heteropatriarcal e de subordinação de mulheres.

Se inicialmente o cuidado foi essencializado como “naturalmente” feminino, com a crítica marxista feminista ele passa a ser visto como um trabalho invisibilizado e não remunerado, quando se trata do trabalho doméstico (FEDERICI, 2019), ou mal remunerado, considerando o lugar ocupado pelas mulheres nos espaços de trabalho, principalmente as

mulheres negras, que muitas vezes realizam uma dupla jornada de trabalho, sendo o trabalho de cuidado dentro de casa e o seu trabalho fora de casa. (GONZALEZ, 2020).

Welzer-Lang (2001, p. 470) destaca que na sociedade há homens do qual ele denomina de progressista ou igualitaristas que passam a realizar o trabalho doméstico dividindo com as mulheres esse trabalho ou os realizando sozinho. Nesse trabalho doméstico, podemos incluir as tarefas do cuidado; cuidado com a casa, cuidado com as crianças, idosos, enfermos. Desse modo o homem passa a também a ser um homem que cuida, colocando não só a mulher como a única responsável pelo cuidar e cuidando não apenas de pessoas, mas também de objetos e lugares.

Destaco que da mesma forma, a antropologia oferece uma perspectiva mais ampla sobre o cuidado, expandindo-o para além das relações familiares e desestabilizando as fronteiras entre o público e o privado, principalmente quando aprendemos com os espaços comunitários, como as comunidades quilombolas. Os autores Guimarães e Vieira (2020, p. 09) abordam a necessidade de discutir esses outros entendimentos sobre cuidado, para além do cuidado como profissão. Afinal, para diferentes grupos sociais o cuidado não se apresenta como obrigação e sim como uma maneira de exercer a reciprocidade. Encontrei isso em campo, onde formam-se, na comunidade, uma rede de cuidado, no qual acontece a troca do cuidado pelo cuidado.

Em outro contexto quilombola, Nathália Dothling (2022), que realizou seu trabalho com mulheres nas comunidades quilombolas Toca de Santa Cruz e Aldeia, localizadas no litoral sul de Santa Catarina, me ensina a ter esse novo olhar sobre o cuidado, que vai além daquilo que aprendemos sobre o cuidar. O cuidado pode ser compreendido como um ato que se estende ao meio ambiente, abrangendo o zelo pela terra, pelos objetos, pelos rios, e por diferentes seres humanos e não humanos.

Ele é um trabalho prático coletivo, comunitário, que não é necessariamente um trabalho assalariado, parte do sistema capitalista, mas um trabalho prático que envolve uma ética pautada na necessidade de manutenção da vida e da interdependência de diversos seres (BELLACASA, 2023).

Para a filosofia ecológica de Bellacasa (2023), o cuidado é ambivalente. Ele pode ser um afeto, uma obrigação moral, um fardo, uma alegria, algo que podemos aprender e praticar, algo que fazemos cotidianamente sem grandes reflexões. Como sugere a autora, “embora as formas de cuidado possam ser identificadas, pesquisadas e compreendidas concreta e

empiricamente, o cuidado permanece ambivalente em seu significado e ontologia” (Bellacasa, 2023, p. 109). É importante para nós o destaque que Bellacasa dá ao trabalho de Tronto e Fischer, que definem o cuidado como uma ética, contra as definições essencialistas do cuidado feminino, que

“inclui tudo o que fazemos para manter, continuar e reparar “nosso mundo”, para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nossos eus e nosso meio ambiente, tudo o que procuramos entrelaçar em uma teia complexa e sustentadora da vida” (Bellacasa *apud* Tronto, 1993, 110-111).

Falar sobre uma antropologia do cuidado é aprender a olhar para quem cuida, como cuida, em que condições cuida e o que recebe cuidado. Afinal, quando cuidamos, não cuidamos de tudo à nossa volta, selecionamos o que precisa de atenção e zelo. E as formas do cuidado variam de contexto para contexto.

Flores (2021, p. 204) ressalta que na Comunidade Kilombola Morada da Paz, onde realizou sua pesquisa, o próprio território é entendido como uma “mulher vaidosa” que cura e cuida dos seus moradores e dos seus visitantes. Cuidar do território, deixar o território bonito e saudável, é percebido como um ato de reciprocidade, já que o território também cuida – ofertando alimentos, remédios caseiros e bem estar.

A Morada da Paz, um território kilombola formado majoritariamente por mulheres negras e seus filhos e filhas, ensina outras formas de lidar com as divisões do trabalho comunitário que não se submeta a ordem generificada colonial-capitalista de desvalorização dos trabalhos de cuidado. Exatamente por conta disso, a divisão nas atividades comunitárias entre homens e mulheres não são compreendidas como hierárquicas, mas complementares e interdependentes para o bom andamento da comunidade.

Essa compreensão dada pela comunidade Morada da Paz é seguida de uma série de estratégias de enfrentamento a qualquer comportamento que possa reproduzir as estruturas de subordinação das mulheres no interior do quilombo, assim como atitudes racistas que possam ali se manifestar também. Ou seja, como apontado por Maria Aparecida Mendes (2020, p. 64), quilombola da Comunidade Conceição das Crioulas, em Pernambuco, “é preciso desconstruir a ideia romantizada de que os quilombos estão isentos de conflitos internos”. Mendes chama nossa atenção para o fato de que muitas lideranças mulheres sofrem com violências domésticas e adotam a luta em defesa dos direitos coletivos como uma estratégia de autofortalecimento e de apoio mútuo para a superação dos seus próprios dilemas pessoais.

Dothling (2022, p. 73) ressalta a importância de que o cuidado com o território seja

uma responsabilidade compartilhada entre gerações, e não apenas dos mais velhos, o que garante a continuidade comunitária. A autora destaca o papel fundamental das mais velhas na comunidade, detentoras de conhecimentos e experiências valiosas para a preservação do quilombo. São essas mais velhas que também são reconhecidas como lideranças quilombolas, o que leva a autora afirmar “que para ser liderança era necessário cuidar da comunidade de alguma maneira” (idem).

A discussão feita pela autora sobre liderança e cuidado a leva a descrever três tipos de lideranças: lideranças políticas, lideranças religiosas e lideranças socioculturais. Cada um destes papéis desempenhados carrega formas de cuidado: o cuidado pode ser pela via da luta política do quilombo, na defesa dos direitos quilombolas da comunidade; pode ser cuidando da saúde das pessoas da comunidade, tais como as benzedadeiras, parteiras, curandeiras, entre outros; ou pode ser pelo cuidado desempenhado pelas mais velhas que aconselham, a partir das suas sabedorias, sobre todos os assuntos possíveis.

Dothling (2022, p.72-73) enfatiza que os jovens também precisam ser envolvidos nesse processo, aprendendo com os mais velhos para dar continuidade ao cuidado do território e garantir a transmissão desse legado para as futuras gerações. Tanto é que a comunidade possui o conselho Griôt no qual jovens sempre perguntam para os mais velhos sobre suas sugestões antes das tomadas de decisões na comunidade e assim reflete o cuidado de todos dentro da comunidade.

Esse entendimento do cuidado como uma prática comunitária rompe com o lugar do cuidado entendido apenas na família. Em meu trabalho de campo, percebi que no quilombo é comum o cuidado entre grupos familiares, como acontece quando uma família vai construir uma casa e contam com o auxílio de outras pessoas da comunidade. Um arranja um esteio, o outro empresta pregos ou alguém vende tábuas para pagar depois e assim a casa vai sendo construída. Isso é a comunidade que se ajuda, luta e cuida de forma coletiva, com todas as suas dificuldades e complexidades.

Teixeira (2022, p. 52) destaca esse tipo de cuidado comunitário que acontece também nos municípios de Catarina e Saboeiro, no qual moradias são cedidas para que outras pessoas morem e casas que são construídas com o auxílio de parentes e vizinhos, em que redes de solidariedade e reciprocidade são criadas. Se o cuidado inclui tudo o que fazemos para manter o “nosso mundo”, que inclui nossos corpos, nossos eus e nosso meio ambiente, como afirma Tronto, é importante destacar que na perspectiva quilombola o eu é um eu-coletivo que

envolve humanos e outros seres compartilhantes, como chama Nêgo Bispo todos os que não são humanos. Inclui também objetos com os quais compomos o mundo.

Nas comunidades quilombolas de Oriximiná comumente ocorre essa troca de cuidados, a rede de apoio é formada pela família, conhecidos e vizinhos, que se dispõe a auxiliar nos cuidados de humanos e não humanos. De vez em quando ouvia: *“Se você for lá na beira, dê uma olhada na minha canoa!”* ou *“Você vai por a malhadeira, verifica ainda se minha está por lá, esses dias os bichos estavam atacando!”* Essas frases me fizeram perceber esse cuidado que se tem com objetos, que são a extensão desses humanos e que necessitam de atenção para poder continuar lhes dando algo bom, que seria o alimento e a mobilidade nos rios.

Essa rede de cuidado pode acontecer para cuidar da própria comunidade. Todos se reúnem para limpar a igreja, o barracão, a escola, assim como manter a praia limpa que se forma na frente da comunidade durante o verão. Na Comunidade Serrinha, onde realizei meu trabalho de campo, esse cuidado é dito pela comunidade ser uma herança daquele que fundou a comunidade, deixando pronta a primeira construção da escola, da igreja e do barracão, que foi o Mestre Baldoíno. Ele cuidava de todos e da comunidade, almejava que todos se sentissem bem, tivesse uma boa educação e bem de saúde.

As redes de solidariedade criadas para a construção e manutenção da comunidade se sustentam na ideia de que a vida dessas pessoas está entrelaçadas entre si, mas também entrelaçadas com o território. Relação que Nego Bispo, quilombola da Comunidade Saco Curtume, chamou de biointeração, em oposição ao conceito de “desenvolvimento sustentável” (Santos, 2019, p. 78). Para Bispo, a biointeração nomeia a relação das comunidades quilombolas com o território e a capacidade coletiva de cultivar e de compartilhar. Em oposição ao “ter”, Nego Bispo defende que os saberes orgânicos quilombolas falam sobre o “ser”. E isso inclui ser com outros compartilhantes:

“Assim, como dissemos, a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia” (Santos, 2019b, p. 66).

Nego Bispo não fala em cuidado, para pensar a biointeração, mas quando aproximamos sua definição de biointeração com a definição de Tronto trazida por Bellacasa sobre cuidado, ou seja, tudo aquilo que fazemos para manter o “nosso mundo”, essas ideias

parecem confluir. Talvez um dos efeitos e, ao mesmo tempo, demanda da biointeração seja o cuidado mútuo. Isso se conecta com uma ideia, também trazida pelo Nego Bispo, de que nas comunidades quilombolas não encontramos o desenvolvimento, mas o *envolvimento* entre os seres. Nego Bispo chama atenção para a relação com o roçado, com os quintais, com os rios, com a casa de farinha, o que também existe nos quilombos de Oriximiná. Mas Nego Bispo não considera os encantados nessa rede de cuidados, seres que vivem no fundo do rio e que são importantes agentes no território e na vida dos quilombolas de Oriximiná, algo que falarei mais adiante.

As discussões na antropologia sobre cuidado atravessam discussões sobre o território, mas também discussões sobre o corpo e a noção de pessoa. Foi Marcel Mauss (2003) quem primeiro demonstrou como a noção de pessoa e as técnicas corporais são contextuais, uma construção histórica e social, e têm sentidos variados em diferentes sociedades. Para Mauss, o corpo é a base da experiência da pessoa. Mas Sarti (2010) chama atenção para uma cisão do pensamento ocidental entre pessoa e corpo, como se a pessoa existisse sem uma materialidade. É o que permite ao pensamento ocidental uma noção de pessoa indivisível, mas separada do seu corpo, separada da sua forma material biológica. Como diz Sarti, "o corpo é associado a ter um corpo e não a ser um corpo" (idem, p. 83).

Almeida (1996, p. 08) destaca em suas reflexões que o corpo não pode ser apenas uma identidade física, mas que o corpo consegue *"representar um sistema de ação, um modo de praxis, interações do cotidiano demonstrando uma narrativa de auto-identidade"*. Assim minha pesquisa demonstra justamente que esse corpo quilombola possui seus modos de vida, suas interações e biointerações, música, festas, culinária, é um corpo que apresenta essa auto-identidade. Assim, o corpo quilombola trás consigo uma noção de pessoa/indivíduo que carrega em seu corpo todas as suas características, apresentando não apenas um único corpo, mas todos os corpos que existem em território. É um corpo que carrega uma história e suas memórias, cheia de encantarias, sendo que o encanto faz parte também de seus corpos e dos seus cuidados.

Diferente da noção de indivíduo do ocidente, de ser indivisível, as comunidades quilombolas possuem além do convívio entre as pessoas humanas, a interação com a floresta, rios, animais, roças, encantados, e essas convivências formam a noção pessoa e de corpo que se tem no quilombo. A pessoa quilombola não existe sem essas relações e sem as relações que se fundam também no parentesco. Mauss (2003, p. 188) aponta para a questão do nome como

um dos fatores para a noção de pessoa dentro dos grupos sociais. Além disso, ele traz o nome também no sentido de nomeação de status dentro dos grupos.

Algo que apareceu com grande destaque na minha pesquisa de campo, em que os quilombolas dão uma importância ao sobrenome das pessoas da comunidade, reconhecendo-as a partir das relações de parentesco que as constituem. Como disse na introdução, eu mesma fui reconhecida por eles através do meu sobrenome, criando o entrelaçamento entre a minha vida e a vida dos meus interlocutores e, por consequência a minha vida com o território quilombola, fazendo parte das redes de cuidado que os quilombolas tecem.

Sarti (2010, p. 85) também afirma que “se a noção de corpo supõe a noção de pessoa, a noção de doença é tributária de ambas noções”. É nesse sentido de deslocar e ampliar nosso olhar sobre o que é saúde/doença e vida/morte, assim como as relações de cuidado que demandam na manutenção da vida, que as teorias etnográficas quilombolas são tão importantes. Pinheiro e Paixão (2017, p.06), a partir do seu trabalho de campo desenvolvido no Quilombo de Mituaçu, na Paraíba, salientam que os territórios quilombolas são espaços nutridos de conhecimentos e habilidades referentes a cura, onde usa-se as competências espirituais e físicas, além dos componentes da floresta. Ressaltam essas práticas como uma identidade local do território, que são compartilhados para além dos limites físicos das comunidades. As autoras ainda destacam que dentro dos territórios quilombolas persistem as práticas de cura realizadas pelos próprios quilombolas como as benzenções, o uso de plantas medicinais, o cuidado que se tem com o outro é frequente nas comunidades quilombolas.

Em outro contexto etnográfico, Yara Alves (2020, p. 35) em sua pesquisa com as comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, descreve que a vida para os quilombolas é uma espécie de “pulsção” localizada no umbigo e que as crianças são ensinadas desde pequenas a não tocarem ou pressionarem os umbigos sob o risco de desencadear doenças. Por isso há uma série de práticas de cuidado em torno do umbigo, visto a sua força vital diretamente associada a saúde da pessoa.

Julia Sauma (2019, p. 178), que fez seu trabalho com comunidades quilombolas do Rio Erepecuru, bem perto de onde eu fiz meu campo, também fala da importância do umbigo, principalmente para as crianças. Para os interlocutores de Sauma, todos os bebês nascem com os corpos abertos e enquanto crescem, a mãe do corpo é fixada em seu umbigo, fechando o corpo da criança. No meu trabalho de campo não ouvi essa expressão de “corpo aberto” e “corpo fechado”. Na verdade, não ouvi uma expressão única para descrever o corpo. Palavras

como fraco ou frágil eram usadas para falar do corpo da criança, que precisava se fortalecer com o crescimento.

A abertura do corpo se relaciona também com os encantados que habitam as matas, os rios, os igarapés. Os encantados eles podem curar, mas podem também adoecer as pessoas que não entram com cuidado na mata ou no rio, por exemplo. Quando atacam pessoas da comunidade, elas precisam buscar um curandeiro que seja capaz de negociar com os encantados para que a pessoa se recupere e volte a viver bem. Uma vez que os encantados podem ser *malinos*, em alguns casos eles estão da mesma forma cuidando do território, da fauna e da flora ao redor para que nenhuma outra pessoa de fora faça mau a todos que vivem ali, como caçadores que caçam por diversão ou madeireiros ilegais.

Destarte, a encantaria, no contexto quilombola de Oriximiná, conforme salienta Julia Sauma (2014, p. 264), está no seio do território quilombola, configurando-se como um fenômeno complexo que transcende as fronteiras entre o humano e o não-humano. Assim conceitua as encantarias como formas de 'entrosar-se' com os bichos do fundo, com outros seres encantados da floresta e humanos, todos se inserem em uma rede de relações sociais e cosmológicas que permeia o território.

Da mesma maneira Camila Felix (2011, p. 58) reforça que as encantarias são dinâmicas complexas que se estabelecem entre humanos e não-humanos em um determinado território. Essas interações, marcadas pela proximidade de pessoas que vivem em um mesmo território e, que por vezes, por desentendimentos, podem culminar em ações de *dominação* e *judiarias*, no qual se utiliza das encantarias para prejudicar outro, o que pode gerar adoecimento ou até mesmo a morte.

Faço essa breve introdução, a partir de diversos materiais etnográficos com os quilombos e nas discussões de uma antropologia do cuidado, para pensar a relevância das práticas de cuidado na manutenção da pessoa, dos corpos e dos territórios, evidenciando também como estão relacionados. Para aprofundar essas discussões a partir do meu trabalho de campo, é necessário antes apresentar a comunidade e sua história.

1.3 Histórico das comunidades

Para chegar nas descrições das vidas e das práticas de cuidado de onde pesquisei irei primeiro explicar sobre o histórico dos quilombos nas Comunidades Quilombolas de Oriximiná e a Associação dos Remanescente Quilombolas do Município de Oriximiná-

ARQMO. Irei iniciar sobre o histórico dos quilombos no Brasil, como esses quilombos se caracterizam e foram se formando. Posteriormente trago a luta dos quilombolas de Oriximiná, criação da ARQMO e a luta pela titulação das Comunidades. Apresento nessa ordem, pelo fato de os líderes sempre iniciarem a história da luta dos Quilombolas de Oriximiná, a partir da saída deles das grandes fazendas até a formação dos quilombos e suas comunidades tituladas.

O Brasil foi sendo ocupado pelos africanos que foram trazidos para trabalhar nas grandes fazendas, uma das maiores atrocidades que a humanidade já experimentou foram eles que construíram e que desenvolveram a produção das grandes lavouras, voltadas sobretudo para o mercado externo, conhecido como sistema de *plantation*. Viviam sob muito trabalho e muito castigo, pouco se alimentavam, pouco se cuidavam, mas tinham a vontade de viver livres novamente.

Desse modo, Gomes (2015) relata que pessoas escravizadas iniciaram o processo de protestos, fuga, desobediência aos seus senhores, que revidavam com a captura de fugitivos e intensificação dos castigos. Mas a resistência permanecia, as pessoas escravizadas começaram a se organizar para fugas em grupos e montar os mocambos ou quilombos no meio das florestas. De acordo como o mesmo autor ambas as palavras quilombos e mocambos são de origem africanas e significam acampamentos improvisados. E é o que realmente eles realizam, acampamentos improvisados temporariamente, pois se descobrissem que ali estavam, precisavam se mudar rapidamente para não serem capturados, castigados e escravizados novamente.

Esse foi um medo que acompanhou os quilombolas por muitos anos, como conta o líder quilombola Daniel Souza, da comunidade Jauary, uma das comunidades da região do Erepecuru, no município de Oriximiná que pude entrevistar:

Ensino que a gente levou da escravidão e com medo dela voltar, porque o que aconteceu, na época minha de criança, diziam: Olha o pega-pega! Ele vai pegar você de volta! A gente não sabia o que era isso. O que era isso? Oh lá vem o capitão do mato pegar vocês de volta! Vocês vão ser escravos novamente! (Daniel Souza, 66, quilombola da comunidade Jauary, 2024)

Seu Daniel relata o medo que sentiam em ter que voltar a serem escravos e que entre eles denominavam o capitão do mato de *pega-pega*. Ele já nasceu no quilombo, livre! Porém seus tataravós e bisavós não, e sempre relatavam o medo do *pega-pega* em encontrá-los e levá-los novamente para as grandes fazendas para o trabalho escravo. Atualmente essa

realidade é projetada nos novos “*pega-pega*” que surgiram, como aquele homem representante de grandes empresas que estão interessadas na exploração dos territórios quilombolas. O receio é justamente a perda do território que os quilombolas lutaram tanto para ter as suas titulações e que eles vêm cuidando para manter ali suas vivências, criar novas histórias.

De acordo com Gomes (2015), o primeiro mocambo foi formado em 1575 no estado da Bahia, posteriormente sendo relatado várias outras manifestações e revoltas escravistas pelo Brasil. Eles se organizavam e usavam várias estratégias de fugas, como não ficar nos mesmos lugares, principalmente quando se tinha notícia ou avistavam grupos de não escravos aproximando-se do local. Outra tática utilizada por eles era ir para lugares de difícil acesso como as serras, morros, manguezais, florestas e cachoeiras como era o caso dos quilombolas de Oriximiná.

Os quilombos sobreviviam de suas plantações, caças, pescas, produziam para sua subsistência e para realização de trocas nos comércios mais próximos aos quilombos, algo que não era tão próximo assim, porém eram os que ficavam mais perto deles para comercializar e assim obterem produtos que não tinham em seus territórios.

Os quilombos do Alto Trombetas começam a se formar assim como os outros após as fugas dos escravos das grandes fazendas situadas na região do Baixo Amazonas, precisamente nas cidades de Óbidos e Santarém, como cita Andrade (1994), no qual descreve os relatos sobre essas fugas e sobre a vida que os mocambeiros levavam. O autor aponta que as histórias sobre esse tempo são passadas de geração em geração pela oralidade.

Como relata o Seu Antônio Carlos Printes, umas das lideranças quilombolas que nasceu e morou na Comunidade Serrinha e mais tarde muda-se para Comunidade do Abuí, onde mora até hoje e que também pude entrevistar:

Como foi que os negro vieram, né? De lá de Santarém e uns ficaram pra Pacoval, outros vieram pra Óbidos e outras vieram pra cá pra Oriximiná é o local onde eles foram se esconder pra ir pra cachoeira. Então foi uma coisa assim. (Antônio Carlos Printes, 61. Quilombola da Comunidade Abuí, 2024)

Seu Daniel Souza outro líder quilombola de Oriximiná em conversa comigo, contando um pouco sobre o I Encontro de Raízes Negras que aconteceu no município de Óbidos na comunidade quilombola Pacoval, também relata as fugas dos trabalhadores escravos que desceram o rio em busca de locais que pudessem se esconder:

Primeiro fizemos uma roda de conversa, nessa roda de conversa nós fomos entendendo quem era fulano, quem era beltrano. De onde tu é? Sou do lugar tal. Quem é teu pai? Fulano. Pô era primo do meu, fugiram juntos e se dividiram para entrar no Trombetas, mais de 2 mil pretos fugiram pra cá. (Daniel Souza, 66. Quilombola Jauary)

Histórias como estas são sempre relatadas pelos quilombolas de Oriximiná para contar como o povo negro chegou no Alto Trombetas, indo rio adentro até chegar nas Cachoeiras onde o acesso de barco era difícil e assim dificultava para que lhes encontrassem.

Com o passar dos anos ele foram espalhando-se pelas beiradas dos rios e ocupando aqueles espaços as margens dos Rios Trombetas, Cuminá, Erepecuru e Acapu. Assim estabelecendo as comunidades existentes hoje. Funes (2000), afirma que as fugas aconteciam no tempo da castanha, período em que as árvores de castanheiras começam a dar os ouriços que caem dessas castanheiras. Isso acontece nos meses de janeiro e fevereiro e, possivelmente, era com que eles se alimentavam, viviam do que encontravam nas matas, caça, pesca, frutas, água, e a beira do rio era a melhor região, pois adentravam na mata caso precisassem esconde-se novamente.

Daniel Souza fala sobre como essas pessoas sobreviviam nas matas, lembrando o que seus avós e pais contavam:

Só para te ter uma ideia minha trisavó⁶, eu sou trineto de escravo fugitivo, ela por exemplo como é que ela passou 50/60 anos no mato e não tinha médico. Será que ela não adoecia? Essa medida que eu faço, e eu que passei 8 anos sem vim aqui, sem uma consulta médica, não vale nada? Espera aí. Aí eu digo no filme Quilombo Jauary você vai assistir. Eu digo se a ciência não acredita nos quilombolas, mas nós temos que acreditar. Você pode estar na universidade, onde você tiver, mas você tem que ter isso como um princípio. De ser quilombola e crer que aquele remédio vai lhe fazer um bem. Porque nem em todos os momentos você tem a medicina próximo de você. E nós e nos nossos mais velhos eles estão com essa ciência, eu não curo, não sei curar, mas meu pai curava, mas o remédio que ele ensinava a gente anotava. (Daniel Souza, 66, quilombola do Jauary, 2024)

Ele apresenta a forma como essas pessoas que iniciaram a ocupação dessas terras e formaram as comunidades existentes, sobreviveram durante todo esse tempo sem assistências de saúde ocidental, utilizando-se de remédios tradicionais, práticas de curas naturais realizadas em seus territórios dentro da floresta.

Desse modo, foi nascendo as pessoas que realizam a cura tradicional em territórios quilombolas, pessoas que benzem, consertador de dismintidura e rasgadura, parteiras, curadores e pessoas que conheciam as plantas e ervas, o tipo de doença que elas curavam ou

⁶ Trisavó é comumente falado na região de Oriximiná para se referirem a tataravó.

quais doenças previnem, no encontro que os negros traziam da África com os conhecimentos indígenas da região.

Apesar de hoje estarem em regiões fixas, elas mudavam constantemente com medo das expedições punitivas e do capitão do mato, o *pega-pega*, como denomina Seu Daniel Souza, assim seguiam para outras terras e rios sempre que desconfiavam da vinda da expedição. Grupos que ocupavam as Cachoeiras, as margens dos rios Trombetas, tinham um ponto alto que servia de espionagem, assim eles avistavam os barcos que vinham se aproximando, para poder conseguir tempo de se esconderem. (Andrade,1994; Archanjo, 2015)

A fuga era um meio de resistência do povo quilombola, as fugas deram início no século XIX, há registros das primeiras fugas no ano de 1821. Nos anos de 1873 é registrado um crescimento dessas comunidades, que após muitos anos de fuga eles conseguem se firmar nessas terras, fazer delas os seus territórios de habitação e vivências. Situando que a fuga é um aspecto que faz parte do contexto histórico quilombola de Oriximiná. Isso ocorre a partir dos anos 1860 quando começam cessar as expedições punitivas. Assim as comunidades foram se formando, sobreviviam da caça, pesca, agricultura e coleta da castanha. (FUNES, 2000; ARCHANJO 2015). Flávio Gomes (2015) chama atenção que não apenas a fuga, mas também contínuos trânsitos, como comércios e outras formas de intercâmbio, marcam as relações entre quilombos e a colônia. Sabemos também que, se para os quilombolas de Oriximiná a fuga é um importante na sua história, não é o mesmo para outras comunidades quilombolas do Brasil.

Já Nêgo Bispo (Santos, 2015) nos apresenta o contracolonialismo, como uma resposta de resistência dos quilombos, que buscam não apenas defender seus territórios, mas também seus saberes e modos de vida do sistema colonizador. Que prossegue com a perseguição aos povos quilombolas implantando a ideologia desenvolvimentista, que visam à expropriação de suas terras e à subordinação de seus modos de vida. Na década de 1970 com a implantação de grandes projetos e fazendeiros querendo posse de suas terras, as comunidades negras de Oriximiná começaram a se organizar e sentiram a necessidade de comprovar documentalmente que eram povos quilombolas. Assim, tornando as suas vivências em escritórias, memórias que se tornaram histórias devidamente documentadas e comprovadas, transformaram as armas do colonizador, os papéis e a linguagem escrita, em defesa dos seus modos de vida. Esses escritos seriam documentos ou textos reunidos que

descrevem o histórico dos quilombos de Oriximiná. A Campanha da Fraternidade da mesma forma auxiliou para que eles pudessem comprovar a sua história de descendentes que vieram da África. Assim puderam comprovar sua história como povos quilombolas e requerer a titulação das terras com a Constituição de 1988.

A vida das comunidades quilombolas ficam novamente desastrosas no fim da década de 1970 quando se inicia a invasão de seus territórios por fazendeiros para pastagem de gado, criação de reserva Biológica do Rio Trombetas, empresa mineradora Mineração Rio do Norte e hidrelétrica Eletronorte. De acordo com Elaine Archanjo (2015), a mineradora teve o projeto iniciado no ano de 1971, tendo a primeira embarcação de bauxita em 1979. Nos anos 80 o projeto da hidrelétrica e ocupação pelos fazendeiros não se consolidou, após muitos protestos e o início da organização das comunidades quilombolas como cita o Senhor Daniel Souza e Carlos Printes:

Foi difícil a sociedade oriximinaense aderir isso com a gente, valorizar, era sempre contra. Eles pensavam: os pretos estão querendo tomar terra dos outros, era o que eles diziam, eles botavam carro na rua, os negros querem mudar a sociedade, eles diziam que nós queria dividir a sociedade. A resistência foi muito grande de Oriximiná colocando nós pra baixo, humilhando nós, botando no carro da rua que nós estava contra o progresso de Oriximiná. Porque nós queria ter tanta terra? Pra que a gente queria tomar terra do fazendeiro e fazendeiro não estavam lá. (Daniel Souza, 66 quilombola do Jauary, 2024)

E aí entre oitenta e sete. Oitenta e oito a gente tinha uma luta muito forte, o projeto da construção de hidrelétrica de Cachoeira Porteira. E a Lúcia (representante da Comissão Pró – Índio), ela já tinha experiência de outros lugares aonde já tinham sido construído hidrelétricas e por lá e aí ela veio pra dar uma palestra pro povo contando como era que estava a construção de hidrelétrica de outros lugares que já tinha acontecido. E aí foi que eles contaram tudinho e esclareceram tudo pro povo. (Carlos Printes, 61. Quilombola da Abuí, 2024)

Com essas ameaças de perdas de seus territórios os quilombolas do Alto Trombetas começam a se organizar, pensar em como proteger o local em que ocupam e cuidam há muito tempo. Assim, começa-se a pensar em formar uma associação e almejar o título coletivo de suas terras, esse desejo dos quilombolas é abordado pela primeira vez no II Encontro de Raízes Negras realizado na Comunidade Boa Vista, que fica em Oriximiná-Pará.

Por ser a primeira vez em que se falava em titulação de terras coletivas houve uma dificuldade de realizar o pedido e a documentação. Segundo as lideranças quilombolas Daniel Souza, Carlos Printes e Hugo Souza, a dificuldade foi em fazer a primeira titulação, depois foi mais fácil porque já se sabia como fazer e as outras comunidades foram recebendo a titulação. Mas isso foi acontecendo paulatinamente, por conta das burocracias que existem dentro das

instituições responsáveis para emitir esse título. A primeira comunidade a ser titulada foi Boa Vista no ano de 1995 e posteriormente as outras comunidades, ainda existem outras Comunidades na luta para alcançar essa titulação de terras.

Assim, com o auxílio da Igreja Católica e a Comissão Pró-Índio, surgiu a Associação dos Remanescente dos Quilombolas do Município de Oriximiná -ARQMO. A igreja teve a função de orientar as comunidades a conseguiu as documentações para a formação da associação, obteve contatos para indicar assessoria para obtenção do título dos territórios, além de auxiliar com moradia e alimentação na zona urbana. A ARQMO é composta por 8 territórios com atualmente 37 comunidades quilombolas, sendo ocupada hoje segundo o documento histórico da ARQMO por 13 mil quilombolas. A ARQMO possui uma coordenação no qual cada membro representa um território, assim todos os territórios e comunidades tem representação dentro da associação.

No mapa abaixo podemos observar como é está organização, observando como está dividido os territórios, onde estão situadas as comunidades e a unidade de conservação e Trombetas.

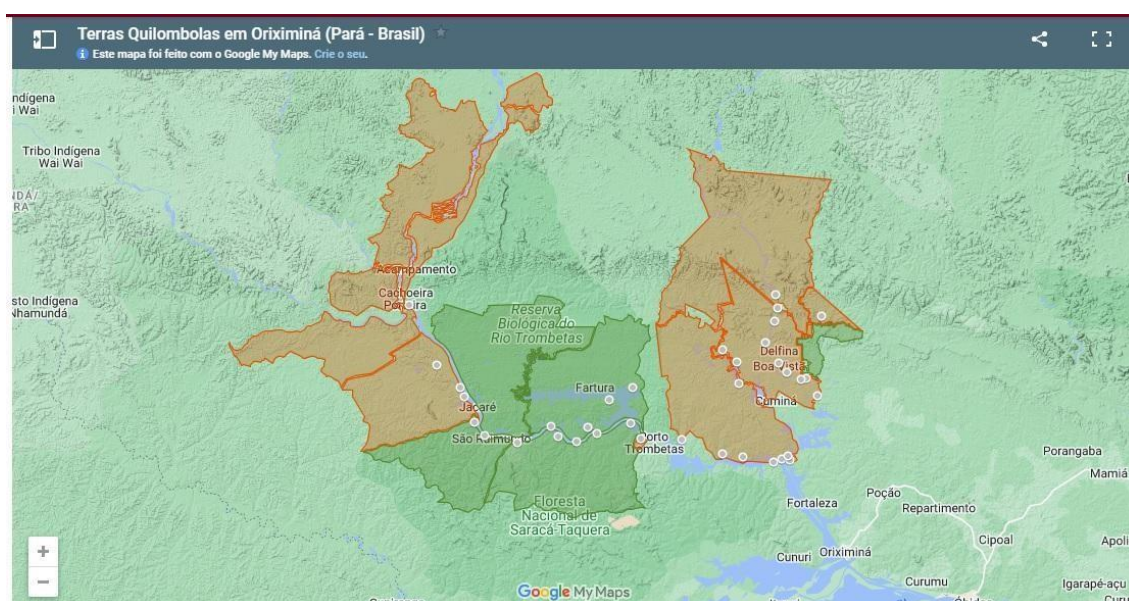


Figura 1: Fonte: Site da Comissão Pró-Índio.

Como mostrado no mapa as regiões em laranja são os territórios, cada território tem uma associação como representantes das comunidades e os territórios tem representantes na

ARQMO. Os pontos cinzas são as comunidades quilombolas que estão distribuídas nos territórios e na parte em verde mais escuro estão a Floresta Nacional de Saracá – Taquera e Trombetas onde local situado a empresa mineradora MRN. As comunidades que estão dentro da Floresta Nacional de Saracá – Taquera ainda se encontram em processo para conseguir a titulação das terras, elas encontram dificuldades por estarem justamente dentro dessas reservas.

A Associação teve outras duas sedes antes do local onde está localizada hoje. Primeiro era localizada na Praça Santo Antônio em uma sala cedida pela Paróquia de Oriximiná, posteriormente os quilombolas conseguiram um local na Rua Marechal Castelo Branco, onde é hoje o Espaço Junior Ferrari, e por fim hoje tem uma sede fixa na Rua 24 de Dezembro, centro da cidade de Oriximiná.

De acordo com o Histórico de Fundação da Associação ARQMO (2022), segundo seu estatuto, a associação tem como objetivos: Lutar pela defesa e a titulação das terras de quilombo; Promover e apoiar iniciativas visando à melhoria da qualidade de vida das comunidades; Defender e promover a conservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentado; Incentivar as manifestações culturais dos quilombolas; Combater todas as formas de preconceito, discriminação e racismo.

Cada um dos oito territórios possui uma associação que são respectivamente: Associação da Comunidade Remanescentes de Quilombo Boa Vista – ACRQBV; Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Água Fria – ACRQAF; Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos Área Trombetas – ACORQAT; Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Rio Erepecurú – ACORQE; Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Alto Trombetas I – Mãe Domingas; Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Alto Trombetas II – ACRQAT; Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Ariramba – ACORQA; Associação dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Cachoeira Porteira - AMOCREQ – CPT.

Todos devidamente documentados, com CNPJ e titulados, essas associações podem agir de formas independentes, cada uma tem um representante na ARQMO, assim todas as associações conseguem dialogar umas com as outras e diretamente com a ARQMO, para que possam juntas resolver as demandas dos territórios e participar dos projetos e ações da Associação dos Remanescente Quilombolas de Oriximiná.

A minha pesquisa foi realizada no território da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos Área Trombetas - ARCORQAT no qual a Comunidade da Serrinha faz parte. A Serrinha está localizada as margens do Rio Erepecuru na Boca do Rio Cuminá. Segundo os moradores, a comunidade possui aproximadamente 60 famílias, possui a Escola Balduíno Melo, um salão de festas denominado Netinho Guedes e a pequena capela de São José e suas festividades são comemoradas no mês de dezembro no qual se envolve todos os moradores para a sua organização.

1.4 A Comunidade Serrinha

Após meu primeiro contato com as lideranças e as longas conversas que tivemos sobre parentesco e identidade quilombola, questioneei como faria para realizar a minha pesquisa na comunidade. Inicialmente a pesquisa seria na comunidade Mussurá, por ser uma Comunidade que seria estranha para mim por eu ainda não conhecê-la, porém a comunidade ainda está em fase de processo de titulação de território e ainda não faz parte da associação. Então me encaminharam para a ACORQAT, no qual eu me comuniquéi enviando o meu pedido para ter acesso ao território. Enviaram-me as opções de comunidades que eu poderia realizar a pesquisa e, dentre elas, escolhi a Serrinha, pois já tinha proximidade com algumas famílias e era a comunidade mais próxima da cidade no qual eu poderia ter acesso ao transporte com mais facilidade.

Com o pedido deferido, após duas semanas do meu pedido ser enviado, a Dona Lene coordenadora da ACORQAT me indicou o barco “3 Herdeiros” de Dona Rosa. A viagem até a Comunidade durou 2 horas, pelas margens do Rio Trombetas, até chegar no Rio Erepecuru onde está situada a Comunidade da Serrinha. Na embarcação estavam: Eu, dona Rosa e seu marido, suas filhas, netos, genro e mais duas moças da comunidade. Fiquei hospedada na casa de Seu João Batista conhecido como Porongo e sua esposa Isabel Cristina chamada carinhosamente por Betinha.

Conheci a família através da Cristina que estudou comigo no mesmo colégio do Ensino Médio e participou do mesmo projeto na escola, que levava os alunos até as comunidades quilombolas para realizar algumas atividades com a comunidade e conhecer as escolas das comunidades quilombolas. Por isso, eu já tinha contato com o seu João Batista que me recebeu muito bem na casa deles na Serrinha, quando cheguei a noite e jantei peixe preparado por ele mesmo. Seu Porongo é aposentado, mas ainda continua realizando

atividades de pesca, marcenaria e faz farinha junto com sua esposa. Ele possui uma dificuldade locomotiva, percebi durante as nossas conversas que ele não se sentia bem ao falar do assunto, então decidi em não descrevê-lo aqui respeitando a sua vontade.

A casa fica as margens do Rio Erepecuru, e, assim como as outras casas da Comunidade, é mista, sendo uma parte de alvenaria e madeira. A casa de farinha fica atrás da residência, que possui água encanada, energia elétrica, internet e eletrodomésticos. Eles criam galinha, possuem um cachorro e um barco para se transportarem pelos rios, além da canoa para realização da pesca e se transportarem para lugares próximos. Dona Betinha não estava na residência quando eu permaneci por lá, mas tinha contato com ela constantemente por telefone. Foram dias maravilhosos na casa da família de Seu João e Dona Betinha, criando mais vínculos com ambos e com as pessoas da comunidade, alguns que eu já conhecia, outros que eu fui conhecendo

No final das contas, o meu campo teve que se expandir para além da Serrinha. A princípio, Serrinha que foi escolhida por já ter a sua titulação, fazer parte da ACORQAT e ter uma logística mais acessível. Porém, durante o campo ouvindo os interlocutores percebi que esse campo teria que ser ampliado, pois nas suas histórias apareciam pessoas de outras comunidades que passaram por ali ou que eles tinham ido visitar ou participar de suas festas, Baldoíno aparece muito nessas histórias, assim como meu bisavô. Além, disso Dona Betinha me chamou atenção para algo que na banca de qualificação foi comentado. Ela disse que eu deveria procurar pessoas na cidade, porque algumas pessoas que tiveram contato com Baldoíno estariam morando na zona urbana e encontraria também aquelas iam pelas festas que meu avô tocava quando era músico. A cidade também funciona como um ponto de encontro entre eles, visto que final do mês sempre estão *baixando* para ir ao banco receber *benefícios* (BPC – Benefício de Prestação Continuada) ou resolver alguma coisa pessoal.

Após a qualificação voltei para a Serrinha com Dona Betinha e Seu João no barco deles. A viagem foi a noite, a lua se espelhava no rio, clareava o caminho. As margens do Rio Trombetas branquinhas, pois era verão e as praias vão surgindo, as águas estavam serenas, fizeram de nossa viagem ser tranquila, sem apuros.

No dia seguinte acompanhei Dona Betinha até a escola que ela leciona como professora do ensino fundamental. Por causa da seca o caminho até a escola está mais longo, tivemos que caminhar mais do que quando está no tempo da cheia. Chegando até a escola Dona Betinha foi ministrar sua aula e eu parti em busca de interlocutores que narrassem um

pouco da história de Baldoíno.

Consegui falar com o Seu João Guedes de Melo como já mencionado é conhecido na comunidade como Gordo ou Nêgo Lindo, ele é um dos netos do Baldoíno, já está idoso e por causa do diabetes perdeu as pernas do joelho para baixo, ele se movimenta com o auxílio de próteses e muletas. Recebe a atenção e o cuidado de outros moradores que a todo momento estão indo por lá lhe visitar. Foi um dos coordenadores da comunidade. Seu João Guedes diz que está sempre ajudando os pesquisadores que o procuram e pretende, da mesma forma, deixar um livro escrito contanto a história da comunidade e sua trajetória.

Pela parte da tarde, no primeiro dia eu presenciei o Seu João fazendo algo que gosta, fabricando manualmente colheres e garfos de pau chamado *molongo* (uma madeira leve e clara por dentro, tendo a casca esverdeada, um pouco cinzenta). Ele estava fabricando as colheres para vender a uma pessoa que tinha lhe encomendado. Costuma fazer também para vender em feiras.

Durante a produção, vou conversando com o Seu João e ele resolve relatar sobre o processo de aposentadoria dele desde o acidente que sofreu que lhe deixou sequelas. Notei que ele não se sentia bem em falar sobre o acidente, apenas descreveu sobre o processo para conseguir o *benefício*. Após seu acidente ele conseguiu o benefício por 3 anos, depois foi cancelado. Como foi cancelado e ele precisava ter um outro meio de conseguir ter um salário para auxiliar no sustento da família, conseguiu um emprego como professor na escola da comunidade. Posteriormente também trabalhou como agente de saúde comunitário por 8 anos e como barqueiro, transportando as crianças para a escola.

Depois, fez outras tentativas de conseguir o *benefício*, como chamam o BPC – Benefício de Prestação Continuada, ou seja, a garantia de um salário mínimo por mês a pessoas idosas e pessoas com deficiência consedido pelo governo federal. Por causa da sua dificuldade motora, conseguiu pôr mais uns anos, até que aos 56 anos conseguiu sua aposentadoria. Hoje ainda continua trabalhando nos seus artesanatos, fabricando as suas colheres e garfos. São feitas com todo cuidado para que fiquem bonitas e bem feitas. Na perspectiva quilombola *ficar bonita*, é ver como o seu trabalho foi feito com zelo e, aos poucos, se tornando belo, por ter sido realizado com o cuidado merecido. E assim é feito não só as colheres do Seu João, mas também o calafeto das embarcações, o mastro das festas, a plantação de mandioca.

O processo para fazer as colheres e garfos começa na extração da madeira, ele precisa

de uns troncos de uns 2,5m. Ele corta os troncos em pedaços do tamanho que serão as colheres e garfos, depois com um terçado corta-os em 4 pedaços, em seguida vai moldando com outra ferramenta as colheres, após moldadas elas são lixadas para ter um bom acabamento. Ele faz suas colheres com entusiasmo, Dona Betinha as vezes o auxilia na fabricação, mas ela não possui a habilidade que Seu João já tem. Conforme Guimarães e Vieira (2020), essa ação em que uma pessoa auxiliar a outra é uma forma de reciprocidade, troca de cuidado, que pode iniciar em casa e expandir para a comunidade.

Estar na comunidade da Serrinha como um início de pesquisa, foi o primeiro contato para eu entender que as formas de cuidado e de zelo estão presentes nas relações do cotidiano. Ainda que eu tenha ficado pouco tempo na comunidade, foi fundamental para eu sentir os caminhos que eu gostaria de fazer na minha dissertação. Observar seu João e o modo como criava suas colheres e garfos me fez dar mais atenção para aquilo que a bibliografia sobre cuidado comunitário pouco observa. Os homens quilombolas também cuidam, também zelam, também criam. Talvez por isso que muitos dos diálogos que trago no trabalho foram ditos com homens. Eu, que fui criada pelo meu bisavô, ao me encontrar com o cuidado de outros homens quilombolas pensei que seria importante descrever esses cuidadores.

Isso me lembra uma passagem do escrito de Sauma (2019) quando traz a memória de Chico Melo, um antigo *sacaca* do lugar onde fez sua pesquisa, mesma região onde eu faço a minha. *Sacaca* é aquele que consegue ver tudo aquilo que está no fundo, na Encantaria. Para Chico Melo, um dos maiores perigos para voltar os tempos de ruptura e de conflito eram as brigas entre parentes. Segundo os interlocutores de Sauma,

“... a principal maneira de evitar tais conflitos seria recorrer a certas práticas, elaboradas há muitas gerações, que fundamentam aquilo que os quilombolas de Oriximiná identificam como ser coletivo: a fé (em Deus e no *sacaca*), o compartilhamento de instrumentos, de tempo de trabalho e de produtos – especialmente de comida (ou seja, caça e peixe) – e a confraternização (em visitas aos vizinhos e a participação em brincadeiras e festividades). Práticas que estão fundadas em um jeito de viver, um conjunto de princípios relacionais cujo principal objetivo seria evitar o conflito, mantendo submersas as rupturas que fundamentam um modo existencial, mas que também podem causar o seu fim.” (Sauma, 2019, p. 125)

Conectada com essa ideia de que há um jeito de viver para evitar conflitos e rupturas e fortalecer o *ser coletivo* quilombola que apresento os dois principais personagens da minha dissertação como dois homens cuidadores, na medida em que atuam na manutenção da vida quilombola. Um deles um curador e liderança comunitária, que se conecta ao que Sauma

chama de “fé” e de “compartilhamento”, e o outro, que é meu bisavô, que foi um tocador das festas das comunidades e um conhecedor da floresta, que se conecta com o “compartilhamento” e a “confraternização” trazida por Sauma.

Assim, no próximo capítulo apresento a história de Baldoíno, que fez parte das muitas narrativas do meu bisavô sobre os bichos do fundo, a minha vivência com meu bisavô e sua história, que passa a fazer parte da minha, a partir do momento em que me sento e começo a ouvir as suas histórias. E como nossas vidas se entrelaçam, assim como os rios. As histórias vão se cruzando e nos permitindo ir para além de apenas uma comunidade, mas alcançar outras partes do território quilombola a partir do contato com os interlocutores e suas histórias de vida.

2. HOMENS QUE CUIDAM: MESTRE BALDOÍNO E BISAVÔ DUCA

A vida é feita de movimentos e de encontros. Foi no encontro com meu sobrenome que fui reconhecida como quilombola e me reconheci. Mas o nome Pinheiro só foi reconhecido, porque meu bisavô Duca, *filho do Cuminá*, carrega esse sobrenome e nos favoreceu com ele e nos ensinou os saberes quilombolas. Na região do Alto Trombetas somos todos filhos dos rios e meu bisavô circulava por muitas comunidades como tocador, sendo reconhecido como tal. Essa é a história de muita gente da região, de circulação pelos rios e pelas comunidades. Os rios são vivos e colocam as pessoas para se movimentarem com eles, fazendo festas, casamentos ou mudando de moradia. Os rios nos conduzem pelas diversas comunidades quilombolas, mas também podem nos levar para o mundo do fundo. Essa é uma viagem que nem todo mundo pode fazer, apenas algumas pessoas muito experientes conseguem ir e voltar.

As histórias de vida que quero apresentar nesse capítulo confluem, como confluem também os rios da região. A comunidade da Serrinha, onde fiz meu trabalho de campo, é banhada pelo rio Erepecuru, e foi lugar de moradia de um grande curador muito conhecido por todas as comunidades da região do Oeste do Pará. Mestre Baldoíno, era assim conhecido. A fama de mestre Baldoíno se estendia para muito além da comunidade da Serrinha. Era muito procurado pela sua habilidade em fazer remédios, curar e se envolver com os bichos do fundo. O Erepecuru desagua no Trombetas, como também desaguam as águas do Rio Cuminá, rio que banha a Comunidade Santa Rita, onde meu bisavô vive, no auge dos seus 100 anos.

Quero contar a história desses dois homens antigos. Um já falecido, outro vivo e com história para contar. E quero pensar como homens quilombolas também exercem formas de cuidado nas suas comunidades, através da fé, da cura, do compartilhamento e do divertimento. Muito tem se falado das mulheres quilombolas como importantes protagonistas nas práticas de cuidado comunitário. Mas pouco se fala dos homens quilombolas como cuidadores, penso que essa pode ser a minha contribuição.

Pretendo nesse capítulo recuperar a história de vida do meu Bisavô e de Baldoíno, entendendo como importantes mediadores na relação que eu estabeleço com meus interlocutores. Suely Kofes (1994, p. 118) conceitua histórias de vida como interpretações individuais de experiências sociais, colocando como um “*levantamento de toda, ou de uma*

parcela, da vida de um indivíduo”. Nessa pesquisa, trago histórias de vida dessas pessoas por aparecerem constantemente na fala dos meus interlocutores, entrelaçando as histórias de vida como os rios que se conectam. Kofes coloca como um aspecto da história de vida baseando-se apenas nas entrevistas, mas trago uma conversa no qual permito que meus interlocutores possam ficar à vontade, para contar suas histórias sobre meu Bisavô e Baldoíno, além de inserir referências bibliográficas que me auxiliam na descrição das narrativas. Nem para meu bisavô e nem para Baldoíno são eles narrando suas histórias de vida. O que faço aqui é um mosaico de histórias, de narrativas, produzidas por diversas pessoas para recontar essas vidas, em sua maioria também homens.

Apesar de em uma dessas histórias eu estar participando desde a minha infância, não desejo fazer e nem que seja visto como uma autobiografia, mas que meu bisavô fique em primeiro plano, dando ênfase as histórias e lembranças dos meus interlocutores e a minha como uma bisneta que lembra do seu cuidado para comigo, quando cantava, contava histórias de encantados, lembranças do tempo em que era castanheiro, tocava nas festas, suas aventuras na mata, histórias de Baldoíno e suas façanhas no rio.

Assim como Ingrid Rodrigues (2024, p. 29) que realiza a sua pesquisa baseada nas narrações biográficas e nas suas formulações etnográficas com mulheres quilombolas em Tefé/AM, trago a minha pesquisa com este mesmo formato, com a diferença que na minha pesquisa insiro as minhas narrações, as minhas vivências com meu bisavô. E como Baldoíno é falecido, são as narrativas biográficas de seus netos e pessoas que conviveram ou ouviram muitas histórias sobre ele narrada pelos pais ou avós. Assim vou compondo essa etnografia junto as minhas narrativas e formulações etnográficas.

É o que aconteceu quando encontrei Seu Milton (Paca) que mora há poucos metros da casa de Seu João Guedes. Enquanto estava torcendo uma malhadeira⁷, me deu novamente as boas-vindas e após ele conversar com um rapaz que tinha ido emprestar uma ferramenta sua, pudemos conversar sobre a história de Baldoíno, também seu avô. Ele e Seu João Guedes puderam me relatar um pouco sobre as convivências com seu Baldoíno, os relatos eu descreverei nesse segundo capítulo.

Este é um capítulo no qual apresento o que Mara Vigoya (2018, p. 96) nomea de “outras masculinidades”, um outra maneira em que o masculino se apresenta. Descrevo dois homens e suas histórias em suas localidades, com as suas histórias marcadas pelo

⁷ Rede de pescar, há pessoas que tecem suas próprias redes de pescaria ou consertam quando rasgam durante a pescaria.

colonianismo e suas formas de resistência, apresentando as suas prática de cuidado. Desse modo, assim como a autora, me distancio das outras imagens do masculino apresentadas pela sociedade branca ocidental. Apresentando homens que cuidam da casa, da roça, das embarcações, das pessoas da comunidade, dos rios, matas, igarapés e da própria educação dos que vivem na comunidade, dos corpos enfermos e sadios. Esses homens que possuem uma história de vida para contar e que são compartilhadas com todos no território.

Refoço que nessa pesquisa apresento não só outras masculinidades, mas atento para as masculinidades quilombolas, que possuem suas especificidades nas relações de cuidado com os corpos e territórios, com destaque para o cuidado que se expressa no calafetar. Demonstrando um homem que não possui apenas força e virilidade, mas que tem a delicadeza nas mãos, um olhar artítico e o cuidado com o corpo-materialidade que lhe auxilia a navegar nos rios de Oriximiná.

Por tanto, é nessas histórias de meu Bisavô e de Baldoíno que nossas vidas se entrelaçam, no qual um vai aparecendo nas histórias de vida do outro. Apesar de ambos não estarem mais presente fisicamente no território, um porque já faleceu, o outro por não ter condição física e ter uma idade avançada. Porém estão presentes nas memórias e histórias dos interlocutores, assim fazendo-os presentes no território quilombola. E assim eles permanecem nas histórias, sendo lembrados pelos seus cuidados com o território. Um relacionado a cura e educação, o outro pelas festas e extrativismo da castanha.

2.1 O curador que também foi cuidador: Mestre Baldoíno

Baldoíno Antônio de Melo conhecido como Mestre Baldoíno, ou apenas Baldoíno, foi um grande curador, morador da comunidade da Serrinha. Ele era muito procurado por todos os quilombolas e não quilombolas com o intuito de obter cuidados. Segundo os moradores, quando ele estava vivo, a comunidade sempre estava cheia de gente, com pessoas vindo de outras comunidades para encontrá-lo e barcos em toda a frente da comunidade. Todos que o conheceram tem uma história sobre ele pra contar, que foram sendo repassadas para outras pessoas. Assim, até nos dias de hoje ainda se fala muito nele e que ainda não teve outro curador como Baldoíno nos territórios quilombolas, para cuidar do corpo para que não adoença ou sofra alguma judiaria.

Nascido em uma Comunidade chamada Puraqué, que fica as margens do Rio Puraqué,

este rio é um braço do Rio Erepecuru de acordo com o que os interlocutores comentam, supostamente Baldoíno nasceu no ano de 1878, casou-se pela primeira vez com Dona Artila Pinheiro e teve 3 filhos, Durvalino (Pombo); Rosa Melo e Antônio Melo (Preto). Ficou viúvo e casou-se pela segunda vez com Francisca Guedes, com quem teve 6 filhos, que foram Tenente; Notinho; Zé Ferino; Cidó; Bacajá e Maria Guedes (Chino).

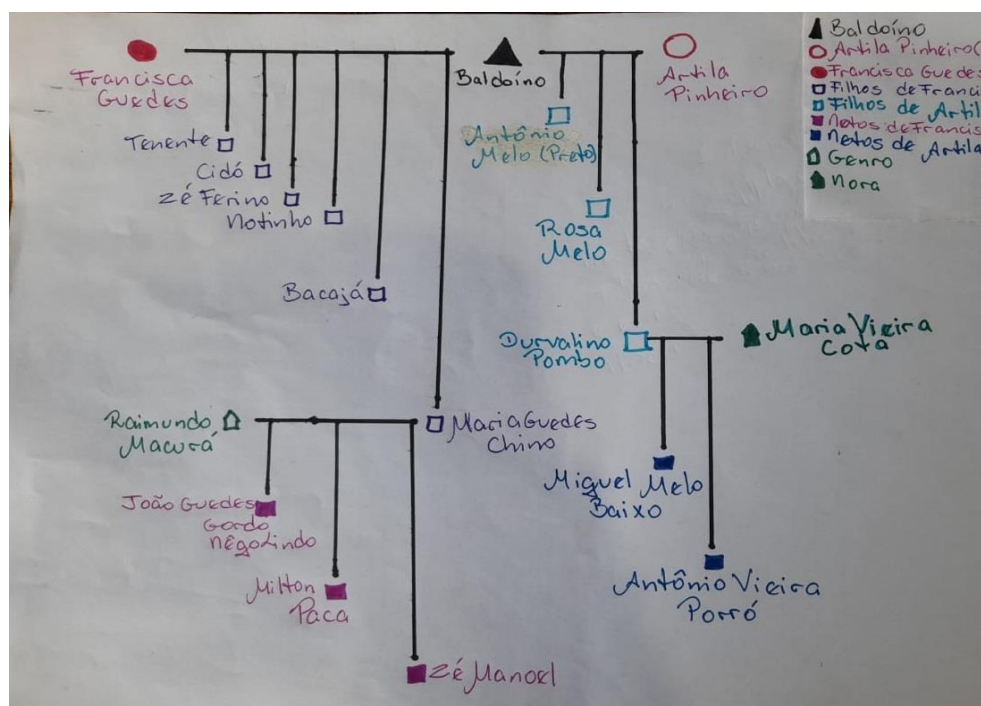




Figura 3: Balduino arquivo do Ateliê Konduri e busto exposto no Museu Gabriel Guerreiro, ambos localizados em Oriximiná/PA

Acima apresento as duas únicas imagens que se tem dele. Trata-se de uma imagem sua pintada, um tipo de retrato comum naquele tempo, e a outra é um busto feito de argila baseado nesta mesma imagem pintada. Esta é a mesma imagem que se encontra na escola da Comunidade Serrinha, no Museu Gabriel Guerreiro e no Ateliê Konduri. Estes últimos estão situados no município de Oriximiná – PA. O museu expõe peças de cerâmicas encontradas em sítios arqueológicos da cidade, alguns desses em território quilombola, além de ter uma exposição temporária que muda de acordo com as festas populares da cidade no decorrer do ano. Durante a minha visita, estava sendo exposta a Exposição da Semana Santa e posteriormente seria substituída pela exposição do Círio de Santo Antônio padroeiro da cidade. Já o Ateliê segundo Jackson Vieira (pessoa que me atendeu e me explicou sobre as exposições e falou sobre o museu e o atelê), é uma extensão do Museu, onde há aulas de artesanato para crianças e jovens que fazem parte do Projeto Arte Konduri⁸.

⁸ Konduri “É uma cerâmica encontrada enos níveis superficiais dos sítios arqueológicos com terra preta ao longo do rios Nhanmundá e Trombetas, afluentes da margem esquerda do rio Amazonas”. (ALVES, 2019) o museu

Não se sabe ao certo o motivo que levou Baldoíno a sair do Puraqué e procurar outro lugar para morar. Há uma hipótese trazida pelos seus netos que foi uma intriga com um familiar não identificado por eles. No caso, intrigas familiares o fizeram tomar a decisão de se retirar e ir em busca de outra localidade para se estabelecer e morar com a família. Eles saíram desse local em uma canoa de tolda, naquele tempo era raro alguém ter motor nas canoas para navegar. Ele, a esposa e os filhos saíram em buscar de um novo local para morar. No decorrer da sua viagem a procura de outro lugar para se fixar, saindo do Puraqué passou por uma *encruzilhada*⁹ chamada Mãe do Rio. Foi na direção do Jacuaru, passou pela Comunidade Jarauacá, pela boca do Andirobal, e, por fim, foi para a Serrinha que, na época, segundo meus interlocutores, havia apenas umas duas famílias morando. Essa chegada na Serrinha pode ter sido no final dos anos 30 e início dos anos 40. Segundo o Seu João Guedes (Gordo/Nêgo Lindo), o filho mais criança de Baldoíno, chamado Zé Ferino, já nasceu na Serrinha no ano de 1943. Infelizmente não tive contato com nenhum dos filhos de Baldoíno, pois todos já faleceram, restando apenas os netos.

Dizem que desde nascença Baldoíno já tinha o “*dom*”, como eles chamam, para ser curador. Porém, na fase adulta Baldoíno passou por uma turbulência mental. Foi narrado que durante sete anos ele ficou maluco e quem cuidava dele era sua esposa e seu filho Pombo. Foi narrado que pai e filho embarcavam na canoa e iam navegar no Rio Erepecuru. Passaram por algum lugar onde havia um *encante* nesse rio. Enquanto o Durvalino (Pombo) estava no meio da canoa, Baldoíno caiu na água, no meio do rio, no tempo da cheia. Dizem que nem mosquito mexia com o Durvalino (Pombo), que ficou na canoa solta. Depois de umas horas ele boiava *enxutinho*¹⁰, segundo os interlocutores. Essa narrativa acima confirma que ele já se envolvia com os bichos do fundo quando Durvalino, seu filho mais velho, era bem criança.

Durante a nossa conversa seu João Batista perguntou para o Seu Antônio Vieira (Porró): *Mas nesse tempo que vieram de lá ainda não era puraca*¹¹? *Ainda não era mesmo curador?* E ele responde: *Mas já veio foi o chefe mesmo! Pergunte quem endireitou ele! Pergunte! Eu vou lhe dizer! Maria Brasilina! Uma curandeira que aquela também, ainda endireitou ele quando ele ficou maluco.* Seu Antônio Vieira (Porró) diz que seu avô Baldoíno

conta com artefatos originais e réplicas de cerâmica Konduri, além disso existe um sítio arqueológico na Comunidade Quilombola Abuí que contém artefatos da cerâmica.

⁹ Refere-se ao cruzamento de dos Rios Puraqué, Erepecuru e Jacuaru.

¹⁰ Uma maneira de dizer que está seco, que não molhou. Afirma-se que Baldoíno quando ia visitar a cidade do fundo do rio, mergulhava e voltava enxuto (seco) de dentro do rio.

¹¹ Uma expressão para falar que o curador ou a pessoa seria nato, digamos que já formado, com toda a sua sabedoria de curandeiro.

nunca esqueceu da Brasilina, sempre falava sobre essa mulher que cuidou dele e que seu pai o Durvalino (Pombo) antes de morrer sempre a via por perto.

De acordo com o Seu Leonel Colé¹². Brazilina era uma mulher negra, baixa e gorda. Natural também do Puraqué, conhecida como uma boa curandeira e a única que pôde curar Baldoíno quando estava *leso da cabeça*, como falam. Segundo Seu Leonel e Seu Antônio Vieira (Porró), era uma mulher com quem Baldoíno tinha uma boa amizade e gratidão por ter curado ele. Sempre mencionava ela nas suas conversas. Eram tão ligados que mesmo após a morte dela, Baldoíno a via nos sonhos. É como se mesmo após a morte ela continuasse cuidando dele.

Associo a *loucura* de Baldoíno ao fato de estar se aproximando dos bichos do fundo e conhecendo a cidade do fundo, porém ainda não tinha uma relação com esses seres de maneira controlada. Ele precisaria que os seres do fundo pudessem lhe ouvir, lhe entender, assim como os bichos do fundo precisavam que Baldoíno conseguisse interpretar as suas falas. E coube a Maria Brasilina ser essa mediadora entre Baldoíno e os seres da cidade do fundo. Após receber os cuidados de Brasilina, Baldoíno ficou bom e obteve uma relação harmoniosa com os seres do fundo, chegando sempre a convidar outras pessoas para conhecer o local. De acordo com os interlocutores Baldoíno sempre os convidava para ir conhecer o encante, mas nunca ninguém quis ir. E o fato de Maria Brasilina ter lhe auxiliando fez com que nunca a esquecesse. A relação com Brasilina foi de muita amizade e gratidão pelo cuidado que ela teve para com ele, esse cuidado que fica mesmo após a morte de Brasilina, pois sua memória ficou viva nas lembranças de Baldoíno.

Baldoíno atendia muitas pessoas e receitava *remédios* para a cura. Quase sempre ele tinha um ajudante para escrever as receitas que passava para as pessoas, ou a própria pessoa que o procurava escrevia o nome dos remédios. Geralmente passava cascas e folhas. E mesmo sem saber ler e escrever, passava remédios da farmácia. Ele cuidava não só dos enfermos, mas de toda a comunidade, tanto é que afirmam que ele foi o fundador da escola na comunidade. A escola começou em uma casa grande próximo de sua casa, com 60 alunos. Todos os que moravam na comunidade ou aqueles que iam passar um tempo para receber os cuidados dele, estudavam na escola, além de pessoas das outras comunidades.

A primeira professora da Escola foi a Professora Neli dos Reis, natural de Oriximiná.

¹² Senhor Leonel Colé quilombola da Comunidade Abuí, 75 anos. Conviveu com Baldoíno e ouviu falar algumas vezes sobre a Dona Brazilina e pode me repassar o que sabia sobre ela. Além disso Seu Leonel era um dos tocadores do grupo de música que meu avô participava, ele era o responsável por tocar a bateria.

Atuou como Professora na Comunidade de 1956 até 1968. Sendo convidada por Baldoíno, aceitou a lecionar para as crianças que viviam ali na Comunidade em troca dos cuidados de Baldoíno Melo, como explica Professora Isabel Cristina dos Santos em seu texto:

Dona Neli dos Reis, sua filha tinha uma enfermidade nas pernas, ela não andava, em troca do tratamento ela se ofereceu para trabalhar como professora na escola. A mesma concordou com a proposta e passou a ensinar as crianças. Foram dois anos de grande atividade no barracão, a turma da professora Neli a partir de 1958 vai ser chamada como Escola São José, ainda sem o reconhecimento da prefeitura, com todas as suas atividades sendo pagas pela comunidade. A prefeitura do município no ano de 1960 vai reconhecer a escola e ela passa a ser chamada Escola Municipal São José, mas todos ainda se referiam a ela como a escola do Balduíno Melo. (SANTOS; 2018, p. 16)

De acordo com Santos (2018) somente em 2005 a escola recebe o nome de seu fundador Baldoíno Melo. A escola possui salas de aula, copa, secretária, banheiros, biblioteca uma área para lanches e atividades fora de sala de aula. Em frente há uma mangueira onde também são realizadas atividades externas com os alunos. Como estava praia a frente da comunidade, sempre presenciava os alunos fazendo atividade física na areia. Na cheia as atividades são realizadas na área dentro da escola. No final de 2024 a escola recebeu material para a construção do muro e recebeu também internet para auxiliar nas atividades escolares.

Ao ouvir as pessoas que vivem na comunidade, percebo que eles sentem orgulho de ter uma escola que teve início com alguém que sempre quis ver a comunidade crescer e sonhava com essa escola para as suas crianças. Um homem que não sabia ler nem escrever, mas que almeja que as crianças da comunidade aprendessem e tivessem a oportunidade de estar na escola. Dizem que ele cuidava de toda comunidade como se fosse sua casa e de todos como se fossem da sua família.

Os quilombolas do Alto Trombetas afirmam a sua fama de bom curador. Seu Antônio Vieira (Porró) conta que se alguém tivesse um parente perdido e o procurasse para ter notícia desse parente, ele mostrava onde a pessoa estava, se estava vivo ou se estava morta. Falava o local em que a pessoa se encontrava, indicava as referências e podiam ir lá para buscá-lo. Esse sumiço pode ser consequência de encantamentos, os encantados estão sempre confundindo as pessoas e fazem com que se percam na floresta.

Sua morte foi aos 90 e poucos anos, segundo Santos (2018, p. 09). Seu falecimento ocorreu no ano de 1972, supostamente provocada pelo cansaço, pois ele atendia muitas pessoas durante o dia inteiro e pouco descansava, se alimentava mal e assim foi ficando

doente e faleceu. Isso é uma das versões contada pelos quilombolas, mas um dos seus netos conta que sua morte foi devido a uma infecção urinária. Chegou a ir para Belém fazer tratamento, ficou por lá mais de um mês em tratamento.

Após fazer o tratamento, sem sucesso, voltou e faleceu na Serrinha. Foi retirada tábuia de cedro para fazer o seu caixão, que foi feito no formato de uma caixa, diferente de como são feitos os caixões hoje, como conta o Seu Milton (Paca), um de seus netos.

Todavia muitos acreditam que ele não morreu, que ele foi para a cidade dos bichos do fundo e vive lá com eles. Seu João Guedes (Gordo/Nêgo Lindo) relata:

“Tudo o que eu ouvi era assim, ele ia tomar banho, mergulhava, olha pra ele buia de novo, demorava, só se via tucuxi, pulando pra cá, pra lá. Eu cheguei a ver isso daí, olha pra ele buiá, demorava, era uns 30 minutos ou mais, demorava lá no fundo, mas lá eu não sei o que ele estava fazendo” (João Guedes, 72 anos. Comunidade Serrinha).

Meus avós sempre relatavam essa façanha de Baldoíno ir na cidade dos fundos conhecer como é lá, mas ninguém tinha coragem para ir junto. Antes de ir, ele fazia umas recomendações para a pessoa: não podia aceitar nada que lhes oferecessem para comer e beber, não sentar na poltrona que tinha por lá, pois a poltrona na verdade era uma cobra enrolada. Se a pessoa fosse e não seguisse essas regras, poderia ficar para sempre na cidade do fundo.

Meus avós ainda diziam que Balduíno recomendava para as pessoas a necessidade de cuidar do corpo, esse cuidado com o corpo me remete que é preciso proteger o corpo das *judiarias* para mantê-lo bem e curá-lo de qualquer mal-estar. As *judiarias* seriam os feitiços lançados contra uma outra pessoa, com quem tenha alguma desavença. Geralmente são pessoas conhecidas umas das outras, é preciso sempre ter o cuidado para que o corpo não caia nas *judiarias* e a pessoa adoença.

Seu João Guedes mencionou um homem que foi operado sem corte, apenas com o benzimento. Assim, foi retirado da pessoa um tumor sem cortar. Essa pessoa era o Seu Bernadinho, que faleceu há um ano. Baldoíno tinha todo um cuidado com essas pessoas, se precisassem ficar em repouso e não tinham onde ficar, ele permitia que ficassem em sua própria casa, sobre seus cuidados, e fosse embora somente quando realmente estivesse bem.

De acordo com o Seu Milton (Paca), ele apenas benzia e explica que fazia da seguinte forma: “*Ele benzia, só não fazia consertar. E ele benzia só na frente da pessoa, fazia*

o sinal da cruz, pegava o raminho dessa vassourinha, se tu estivesse doente aquela folhinha murchava, ai ele recomendava toma chá de alguma folha, não demora a pessoa estava andando por ali”.

Esse tipo de benzimento é comum entre as pessoas quilombolas, sempre com um raminho. Mas Baldoíno fazia algo diferente dos outros, seu benzimento acontecia na frente da pessoa e não nas suas costas como é comum entre os benzedores. Não se sabe o motivo de ele ter esse ritual, mas cada um tem o seu jeito de benzer e esse era um aspecto específico dele. Outra particularidade, e que despertava muita curiosidade das pessoas, era o seu famoso espelho. Segundo os interlocutores, o espelho era dourado, no formato oval, com um cabo. Neste espelho ele via tudo, consultava para ver as coisas que tinha dúvida, se comunicava com os bichos do fundo.

Seu Antônio Vieira (Porró) me conta que o remédio que seu avô passava era pouco, apenas um dedo dentro de um copo, isso bastava para que a pessoa ficasse boa. E se fosse algo que ele não garantia, ele *despachava*¹³. Então ele contou que uma vez um Senhor por nome Viana foi até o Baldoíno em busca de seus cuidados como curador, foi ele e sua mãe. Ficaram por lá quase uma semana e nada de Baldoíno lhe passar algum remédio. Por causa disso já estava decidido a ir embora, até que no dia seguinte o curador entregou para a mãe de Viana uma porção de remédio em um copo que tinha a medida de um dedo. Seu Antônio Vieira (Porró) contou que com apenas aquela pequena porção o homem ficou bom e voltou para a casa. Segundo ele, o homem faleceu no ano passado, em vida sempre partilhava a experiência que teve dos cuidados do Mestre Baldoíno.

E Seu Antônio Vieira (Porró) continuou narrando,

Vou lhe contar uma presepada do meu pai com ele. Chegaram numa casa duma tia dele, ai ele sentou, onde meu avô ia sentar papai ia na *ilharga*¹⁴ dele. Ele disse: ei minha tia, o que tem de comida ai? Ela disse: olha, tem um vinho de tucumã. Ai ele falou: então me dê um pouco ai e um pouco para o meu filho que ele está com fome. Ai a velha foi lá pra cozinha e trouxe uma cuia, com o vinho de tucumã e uma colher. O papai olhou assim, dentro do vinho, e disse: lá que eu quero essa porcaria. O meu avô disse: me daqui. Pegou, botou o que não prestava para um lado e o que estava bom tomou. Ele disse: ainda tem desse seu vinho, minha tia? A velha foi lá pra cozinha e não voltou, mas dentro da cuia o meu pai enxergou. (Antônio Vieira-Porró, morador da Serrinha, 2024)

¹³ No nosso entendimento “despachar” tem o sentido de atender a pessoa e lhe dá uma resposta se sim ou não. No caso, em que o interlocutor se refere, é que Baldoíno despachava a pessoa dizendo que não lhe garantia a cura ou cuidar da pessoa enferma, então recomendava que procurasse outros meios para se cuidar.

¹⁴ Ao lado.

O pai e o avô de Seu Antônio Vieira (Porró) tinham enxergado a *judiaria* que a velha tinha colocado no vinho de tucumã, provavelmente um veneno para que morressem ou ficassem doentes. É comum pessoas fazerem *judiarias* dessa maneira, colocando dentro de alimentos para que a pessoa judiada não perceba a *judiaria*. É como os mais velhos relatam as histórias de *judiarias* que já aconteceram e que tiveram notícias. Seu Baldoíno tinha o dom de ver e usava principalmente um espelho para isso. Há várias histórias de encantarias sobre o espelho, algumas delas descritas em livros sobre lendas e encantados. Ele sempre consultava esse espelho quando precisava ver alguma coisa, saber de remédios e até mesmo se comunicar com os bichos do fundo. De acordo com Dona Dina são os próprios encantados que entregam o espelho para a pessoa. Há muitas histórias sobre esse seu espelho mágico. Seu Milton (Paca) descreve como viu o espelho:

“Ele tinha uma companhia com os tucuxi. E tinha o espelho, mas não era todo mundo que agarrava nele, ela só a vovó e eu me lembro de ter pegado umas duas vezes pra levar pra ele, usava ele dentro de uma mala, aquilo ali só quem bulia era vovó. Uma vez eu ainda fui bulir pra mim espiar, mas eu só me enxerguei e mas nada não, só eu mesmo, mas ele soube que eu peguei o espelho dele. O espelho está lá pra banda do Pedrinho, um primo meu foi pra lá, agarrou e levou, não sei o motivo de ele ter levado”.

Na fala de Seu Milton (Paca) novamente vemos a relação de seu avô Baldoíno com os botos tucuxi. O espelho poderia ser uma forma de comunicação entre ele e os botos. Quando ele ia para o fundo, os botos boiavam fazendo festa, e quando ele estava precisando ver algo no espelho agiam da mesma forma, boiando para todos os lados do rio.

Após a morte do Baldoíno o espelho¹⁵ ficou sob a responsabilidade de sua esposa Francisca Guedes (Chiquinha ou Franco como Baldoíno gostava de chamá-la). Francisca veio com Baldoíno lá do Puraqué e se instalou com ele na Serrinha. Foi uma esposa que o apoiava e lhe ajudava a acolher e a cuidar das pessoas que o procuravam. Além disso, auxiliou no cuidado da criação dos seus filhos mais velhos e compreendia o seu trabalho e dedicação às pessoas de quem cuidava. Pouco falam nela, mas a colocam com uma boa pessoa, companheira, boa mãe e ótima anfitriã.

Após a morte do marido Baldoíno, Francisca satisfaz o desejo dele e resolveu entregar para o Durvalino (Pombo) o espelho mágico. Hoje o espelho se encontra com o

¹⁵ Esse espelho segundo os interlocutores tinha um formato oval, na cor amarelo, pequeno.

Pedrinho, um curador muito famoso atualmente, na região do oeste do Pará. Ele se encontra no município de Curuá. De acordo com os relatos foi o Seu Miguel Melo (Baixo) que levou o espelho para ele. Questionei o motivo de o espelho ter sido doado para o Pedrinho, mas ninguém soube explicar, então tive que ir em busca do Seu Miguel Melo (Baixo) para me contar sobre repasse do espelho para outro curador de fora das comunidades quilombolas.

Seu Milton (Paca), como já foi mencionado acima, não conseguiu ver nada além de sua própria imagem no espelho. Seu Antônio Vieira (Porró), do mesmo modo, afirma ter pegado no espelho e olhado, mas que não conseguiu visualizar nada além do seu rosto. Segundo eles, apenas o seu avô visualizava o que desejava.

Como eu não sabia o caminho e nem onde era a casa de Seu Miguel Melo (Baixo), Seu João me levou até lá. Então pude conversar com ele e saber sobre o espelho. Ele me relatou sobre como tudo aconteceu para que o espelho ficasse até hoje com o Pedrinho.

De acordo com ele, Baldoíno antes de morrer convocou todos os filhos e a esposa para uma reunião no qual ele pediu que após sua morte o espelho ficasse em posse de Durvalino (Pombo), e o que ele decidisse fazer com o espelho, era para aceitarem. Foi então, como já mencionado pelo Antônio Vieira (Porró), a Senhora Chiquinha entregou para o Seu Pombo o espelho mágico. Pelas histórias contadas, ele foi o escolhido porque também era um curador, mas não exercia essa função, nunca quis se dedicar à ela, mas conhecia os seres encantados e conseguia enxergar onde poderia ter *judiaria*. De acordo com seu filho Antônio Vieira (Porró), se ele se dedicasse a ser curador, seria tão bom quanto Baldoíno.

Então Miguel Melo (Baixo), filho de Durvalino (Pombo) descreveu como foi a entrega do espelho para o Pedrinho:

Olha, pro espelho chegar até ele, nós fomos daqui, meu pai estava adoentado, chegamos lá e conversa daqui, conversa dali, ele fez uns remédios pro meu pai, aí ele disse que ia fazer os remédios e quando terminasse e melhorasse ia voltar. Aí o Pedrinho lembrou, ele disse: Seu Pombo o Senhor não confiava largar esse seu espelho, até sua volta ou do seu filho? Aí o papai disse: mais porque que eu não confio? Aí ele deixou. E olha com muitos anos, aí papai tornou piorar, aí foi que ele não aguentou, morreu. O espelho tá lá, mas o meu irmão sempre ia lá, o Lino, aí ele dizia que o espelho tá lá e o dia que eu fosse lá ele ia entregar pra mim, mas que entregasse pra mim mesmo, pra outro ele não entregava. (Miguel Melo-Baixo, Comunidade da Serrinha, 2024)

Explicou que o espelho foi apenas emprestado, por isso que ele poderá a qualquer momento quando desejar ir buscá-lo e o Pedrinho deixou isso claro para o Durvalino (Pombo) e Seu Miguel Melo (Baixo). Baixo afirma que ninguém mais pode buscar o espelho a não ser

ele e relata que já houve pessoas se passando por ele para querer o espelho, mas Pedrinho sabe que não é o Miguel Melo (Baixo) e não entrega, irá entregar apenas para ele. E mencionou que o Pedrinho também possui um espelho, mas que é menor que o de Baldoíno.

Há histórias que a pessoa em posse do espelho conseguiria ver um parente onde ele estivesse. A pessoa em Oriximiná que quisesse ter notícia de um parente que mora em outra cidade, o espelho mostrava. Se a pessoa estivesse na rua ou em casa, o espelho mostraria. Mas apenas o Baldoíno conseguia visualizar a imagem e descrevia para a pessoa como estava o parente distante. Geralmente procuravam quando tinham algum parente perdido para descobrir onde se encontrava e o Baldoíno dizia “está em tal lugar, vestido com roupa tal” e dizia o dia e o horário para irem encontrar o parente perdido.

Segundo os seus netos, vinham pessoas de vários lugares receber os cuidados de Baldoíno. Entre esses lugares foram mencionados, Belém, Santarém, Óbidos, Juruti, as cidades próximas de Oriximiná e de todas comunidades. Segundo eles, da Serrinha não passava. Nesse tempo eles dizem que a Serrinha era bastante povoada, pessoas faziam suas barras ou moravam na casa de Baldoíno que, de acordo com as descrições, era uma casa muito grande e dava para abrigar aqueles que não tinham onde se instalar. A não ser que ele mesmo dissesse que não daria conta de cuidar da pessoa. Sendo assim, ele pedia que procurasse outra pessoa para cuidar ou ir para cidade em busca de cuidados hospitalares.

Assim, Baldoíno era um homem que ia para além de ser um curador, ele era também um cuidador. Cuidava de todos que ali estavam, cuidava da família, das pessoas da comunidade e daqueles que apareciam em busca de seus cuidados na sua casa e que pertenciam há outras localidades. Acolhia a todos, sua casa seria a moradia daqueles que não tinham onde ficar. Outro cômodo servia de escola, quem não tinha o que comer ele partilhava da sua comida. O desejo dele era ver todos bem e ter uma comunidade que acolhesse a todos, que tivesse uma boa estrutura de acolhida, daqueles que iam em busca dos seus cuidados. As pessoas acreditam que ele não morreu, mas sim foi para cidade encantada no fundo do rio, morar com os seres encantados. Afirmam que ele sempre soube, e que fica em uma ponta no Rio Erepecuru observando todos e depois vai embora novamente para junto dos encantados. Afinal, o rio Erepecuru é um conector de mundos.

Conecta o fundo com a superfície e conecta-se também a outros rios, como ao Rio Cuminá, um encontro que acontece antes de ambos chegarem ao Rio Trombetas. Desse modo passo no próximo tópico a falar sobre o cuidado de outro homem quilombola, o Seu Duca

Pinheiro, meu bisavô *filho do Rio Cuminá*. Destaco em imagem essa bifurcação entre os Rios:

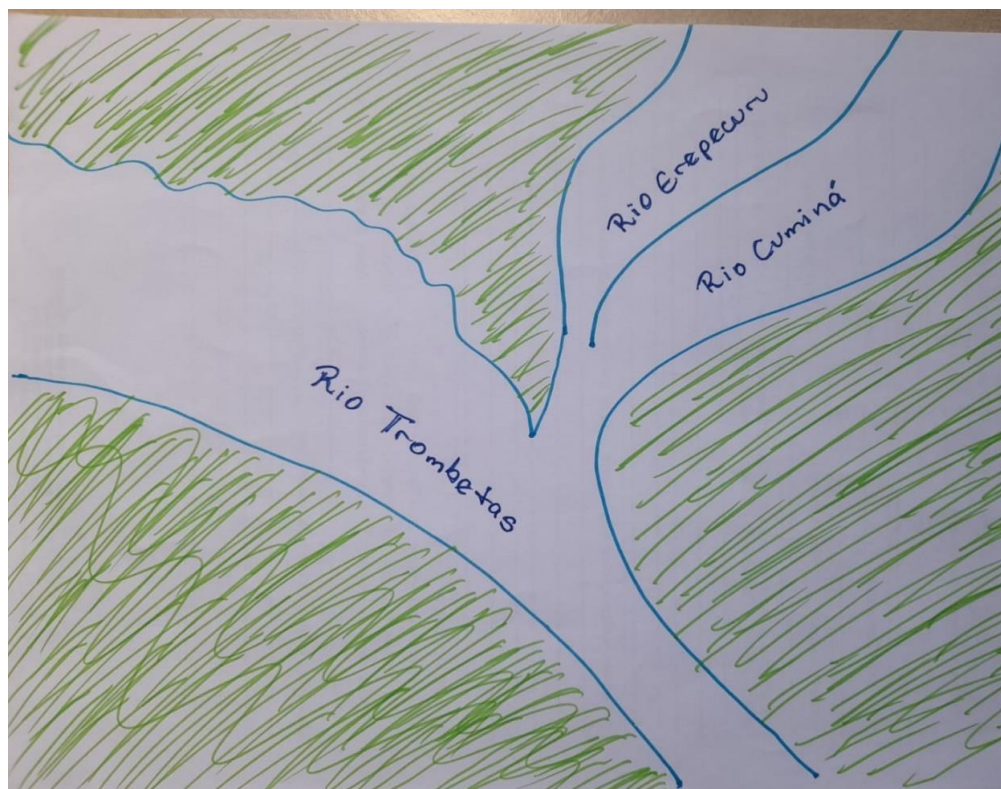


Figura 4: Mapa realizado pela autora dos Rios Cuminã, Erepecuru e Trombetas

2.2 O Bisavô Duca Pinheiro: cuidador, castanheiro e tocador



Figura 5: Bisavô Duca Pinheiro

Manoel Pinheiro, sua mãe se chamava Tertulina, nunca mencionou o nome do pai e nem de ter irmãos. Conhecido como Seu Duca Pinheiro, quilombola, *filho do Cuminá*¹⁶ meu bisavô, pai de Zezinho e Manoel José. Foi casado com Carmem. Não a conheci, quando nasci ela já havia falecido em um trágico acidente no rio, que envolveu uma parte da família que seguia de canoa para a cidade. Mas ele conta que conheceu ela na cidade, ela trabalhava na casa de uma família. Como dito no primeiro capítulo, trabalhar em casa de família é parte da trajetória de mulheres negras e racializadas no Brasil, que “sem perspectiva ou novas possibilidades de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos” (Gonzalez, 2020, p. 35) voltando o seu cuidado para outras famílias além da sua. Após meu bisavô conhecê-la e pedi-la para que se *amigassem*¹⁷, a levou para o Cuminá, sendo

¹⁶ Filho do Cuminá é a denominação utilizada pelos quilombolas para dizer que a pessoa nasceu naquele lugar.

¹⁷ Passara a ser marido e mulher, morar com a pessoa na mesma casa.

que a família dela era da região do Sapucúá¹⁸. Viveram juntos até o seu falecimento e, desde lá, nunca mais meu bisavô se amigou com ninguém.

Meu bisavô Duca viveu muitas histórias, algumas ele sempre nos contava, suas aventuras pelo Cuminá, pelas festas que fazia junto com os primos. Meu bisavô, mencionei, sempre contava histórias de suas pescas, caças e encantos. Além disso sempre mencionava o nome de Baldoíno como um grande curador da região. Bisavô Duca Pinheiro sempre foi muito calmo e de conversar bastante com a gente, Contou que em uma de suas andanças, uma senhora insistentemente ofereceu para ele uma laranja, porém ele recusou. Mas um colega dele aceitou e consumiu o fruto. De acordo com o relato dele, esse seu colega ficou muito doente. Ele atribui a doença do colega ao fruto ofertado por aquela Senhora que provavelmente fez uma *judiaria* para pegar em quem comesse aquela laranja.

É um homem hoje centenário, aposentado, deficiente visual, que anda com uma bolsa por causa do tratamento de próstata. Mas um dia jovem, ele foi caçador, coletor de castanhas, vigilante e instrumentista de um dos primeiros grupos musicais quilombolas de Oriximiná ao lado de Deonilo Pinheiro, Espirito Santo, Miguel e Tio Pinheiro.

Ele conta sobre suas aventuras hoje com um pouco de dificuldade, lembra algumas partes e, com o pouco que vai lembrando, vai nos contando as suas histórias. No grupo musical ele tocava banjo e cavaquinho assim como o Espirito Santo, enquanto Deonilo Pinheiro tocava violino. Ambos eram seus primos, já Tio Pinheiro tocava violão e Miguel tocava viola. Ele diz que o único instrumento que não tocava era trombone e trompete porque esses instrumentos eram por escala, ou seja, tocados de acordo com as notas musicais. Aprenderam apenas olhando os outros tocarem e foram se aperfeiçoando com o tempo, pois a maioria dos que tocavam não sabiam ler, nem escrever.

Ele conta que no Rio Cuminá eram três dias de festa e que naquele tempo era tudo de graça nas festas, nada se comprava tudo era organizado para que quem fosse na festa pudesse comer, beber e assistir aos músicos sem pagar nada. A última festa em que foi na costa de Óbidos, o grupo foi levado por um Senhor que foi chamado de Tio Paulinho.

Tio Manuel José o filho que mais conviveu com ele me reafirma que as festas tinham essas trocas de um ir na festa do outro. Ele relata um fato curioso que era denominado de *esmolar*. As pessoas saíam nas casas para pedir os alimentos para serem colocados na mesa nos dias de festa, para que todos pudessem beber e comer sem pagar por nada. Aqui a pessoa

¹⁸ Sapucúá é um Lago localizado, na Bacia do Rio Trombetas, na parte do Baixo Trombetas e que banha várias comunidades que ficam ao seu redor, não é uma região de comunidades quilombolas.

que pede a *esmola* é o responsável por arrecadar as doações dos alimentos para festa, para que desse modo a festa pudesse ser farta de comida, onde todos os presentes pudessem comer e beber a vontade, sem pagar por nada. A festa da *Ramada* era uma das quais o meu avô e os outros músicos sempre iam para tocar. Nessa festa havia uma coreografia no qual homens e mulheres sentavam em lados opostos. Quando a música tocava o homem chamava a mulher para dançar no meio, depois deixava dama no lugar novamente e reiniciava com outro casal. Esse antes realizada em todas as comunidades quilombolas, hoje somente o Boa Vista situada no Rio Cuminá que realiza a festa nos dias 11 e 12 de abril com danças, fé e a derrubada do mastro. A festa sempre é realizada pelos próprios moradores da comunidade.

E pela sua narrativa as festas eram isso, um entrelaçar de vidas, onde a diversão acontecia, mas também, provavelmente, onde os casamentos aconteciam, onde as mulheres cozinham e ofertavam seus quitutes, onde os homens tocavam, homens e mulheres jogavam bola, onde todos podiam comer as caças, os tracajás tinham em fartura, se tomava a *manicuera*¹⁹ e onde acontece o levantar e derrubar do mastro²⁰. As informações a seguir foram narradas por Tio Manoel José, que acompanhou meu bisavô Duca Pinheiro por várias vezes em seu trabalho. E foi confirmado também pelo Seu Milton (Paca) que assim me disse: “o Seu Duca, é uma pessoa que sempre esteve por aqui pelo Cuminá e Erepecuru”. Meu bisavô Duca conheceu muita gente, muitas pessoas estranhas, famílias como a do Cazuza Guerreiro e do Zé Diniz. Andou por muitas comunidades, tocando e trabalhando, e lembrou que foi no Erepecuru, Acapú, Ariramba. No Erepecuru ele foi acima do barracão de pedra, andou muito pelo Cuminá e Campos Gerais. Ele explorou e conheceu aquele território de ponta a ponta, afinal ali era a sua casa, o seu lugar. E nesse território chamado Cuminá ele vivenciou muitas histórias dos quais ama nos contar.

¹⁹ Uma bebida feita da mandioca e da banana branca.

²⁰ Um tronco de árvore retirado da mata exclusivamente para montar o mastro, esse mastro é enfeitado com folhas e frutas. Após sua derrubada as frutas são doadas para todos da festa.

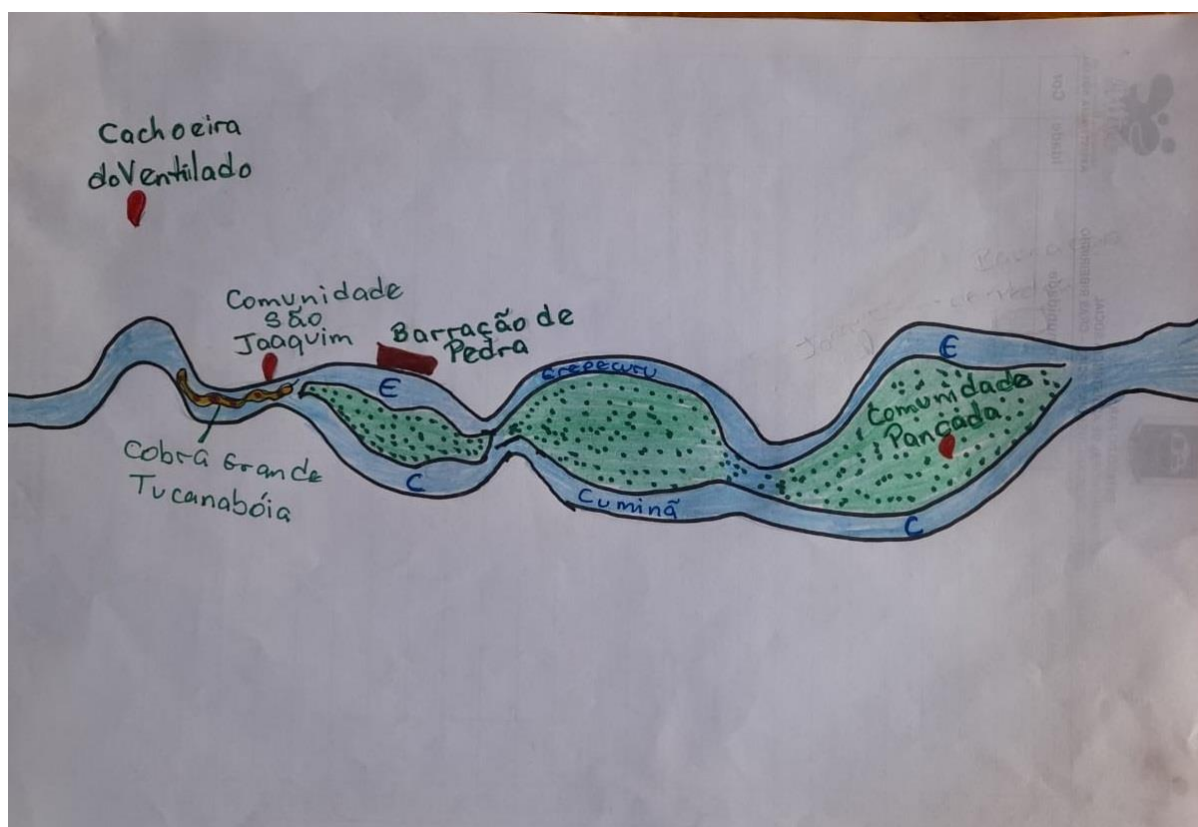
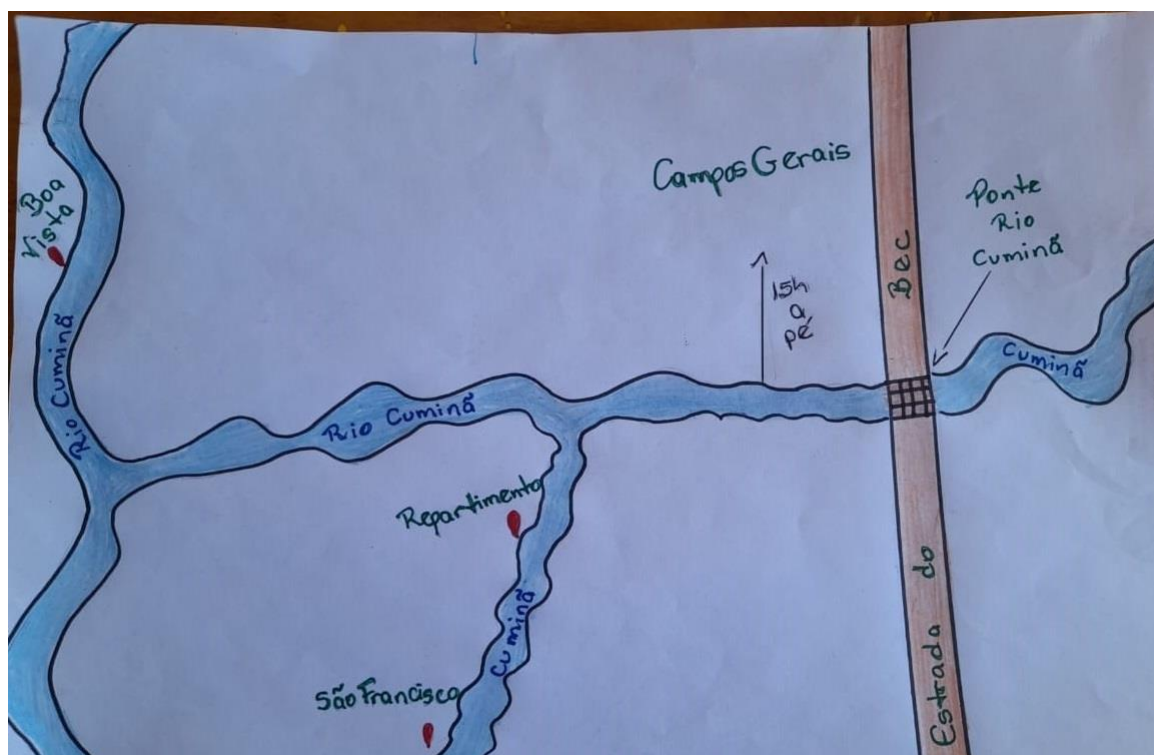


Figura 6: Mapa feito pela autora. Localização do Barracão de Pedra.



Os dois mapas apresentam o trajeto que Bisavô Duca Pinheiro percorria dentro do Cuminá. No primeiro mapa a passagem pela Cachoeira do Ventilado e Pelo Barracão de Pedra. Ele sempre mencionou a Cachoeira do Ventilado e do Barracão de Pedra que servia como ponto de referência para as rotas de fugas, no início da formação dos quilombos. Contam que próximo ao Barracão de Pedra há a presença da Cobra Grande chamada de Tucanabóia que fica na encruzilhada do Rio Erepecuru e Cuminã, como aparece no mapa. Como Daniel Souza me revelou, nada poderia passar em frente ao Barracão de Pedra e, por isso, todos encostavam a canoa antes do barracão e seguiam a pé por terra. Pois, todos que tentavam passar caíam em um buraco e não conseguiam avançar pelo rio. Já Odwyer descreve da seguinte maneira: “A lenda da cobra grande do Barracão de Pedra, grandes formações rochosas ao longo do Erepecuru-Cuminá, desloca para o plano propriamente cosmológico a experiência da morte vivida na fuga pelos antepassados.” (2002, p. 264). Não se sabe se a cobra ainda existe ou se deslocou para outro lugar, mas o conhecimento do mito permanece, mas hoje a população já consegue transitar pelo rio em frente ao Barracão.

Segundo Julia Sauma (2014), no tempo dos antigos havia duas Cobras Grandes, uma no Rio Erepecuru e outra no Lago Erepecu, que fica no Rio Trombetas. A Cobra Grande que vivia no Rio Erepecuru levava todos que cruzassem pelo caminho e seu irmão pedia para que ela não fizesse mais isso. Segundo a *lenda*, essas Cobras entraram em um grande briga: “No final da briga, a cobra do Erepecu ficou cega e a cobra do Erepecuru sumiu. Há quem diga que ela morreu, e outros que suas costelas formam o altar da igreja da Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, e que ela deixou três ovos embaixo d’água; outros ainda dizem que ela ainda está por aí” (SAUMA, 2014, p. 260). Depois da briga, os antigos mocambeiros puderam fazer morada no local. Segundo a autora, em outro artigo publicado (Sauma, 2019), seu Chico Melo, outro curador muito conhecido na região do Cuminã, era *sacaca* do local, diz que a Cobra mãe do Erepecuru deixou um filho que ele enxerga no fundo do rio. A presença da cobra neste local lembra que a qualquer momento o tempo de conflito pode retornar.

No segundo mapa apresento o trajeto do meu bisavô até o Campos Gerais que ele tanto menciona em suas histórias. Ele conta que é impressionante o tanto de terras que Deus criou, muita terra, muito mato. Quando era mais jovem, trabalhava na coleta da castanha, realizava suas caçadas e visitava os familiares. Nesse tempo, o seu primo Deonilo Pinheiro morava no Repartimento, então Seu Duca sempre passava por lá. O Repartimento está sempre presente nas suas histórias. Após o Repartimento, seguia seu percurso, esses caminhos lhe

levavam até um ponto onde atracavam a canoa e seguiam a pé para chegar no Campos Gerais. Mais 15 horas andando pelo meio da floresta. Por isso a sua admiração pela imensidão de terras que existe. Pelo mapa, observa-se que a possibilidade de chegar ao Campos Gerais também pela estrada do Bec.

Ele conta que foi para Trombetas, mas não para tocar, foi para acompanhar o Seu Cazuza que foi buscar Seu João Nogueira e convidou ele para ir junto. Por lá, ele conheceu a Cachoeira Porteira, visto que rio acima eram só cachoeiras. Ele ainda conta de maneira muito encantada com tudo que viu e conheceu dos territórios quilombolas. Em nossa conversa, relembrou que passou pela Pancada e que no Acapú trabalhou acima de todas as cachoeiras. Lembro que na minha infância ele sempre falava sobre essas cachoeiras e o quando eram lindas.

Mas foi através das festas o que mais motivou sua circulação pelos territórios. São poucas as pessoas que ainda encontramos que viram ele e o conjunto de músicos nas festas, mas Seu João Guedes (Gordo/Nêgo Lindo) pôde me falar um pouco do que vivenciou:

Mas e bem, ele era músico das festas da minha mãe, 08 de setembro. Eles eram os primeiros músicos. O Seu Duca se eu não me engano tocava banjo, tinha Deonilo, o Espírito Santo, Antônio Costa. Era uma tradição deles tocar nas festas, convidavam, quando saía a festa mamãe já estava programando quem era o músico, aí eles vinham. Eram duas, três noites de festas, você comia, dançava sem pagar um tostão e hoje nunca mais teve uma festa dessa. **Onde que era a Comunidade que tinha a festa da sua mãe?** Não tinha comunidade, era por família, era ali no Laguinho (mas a festa era reconhecida como festa da família que organizava). (João Guedes /Godo/Nêgo Lindo, 72 anos, Comunidade da Serrinha)

As festas eram muito mais do que simples celebrações; constituíam uma importante forma de interação social. As pessoas se reuniam para visitar umas às outras, fortalecendo laços entre famílias e indivíduos. A troca de visitas e a participação nas festividades solidificavam as relações, criando um senso de reciprocidade e união entre os quilombolas. Afinal, a presença em uma festa era uma demonstração de apreço e respeito, e a recepção dos convidados era uma forma de retribuir essa consideração e a recepção dada na festa que foi anteriormente.

No aniversário de 100 anos do Seu Duca, um novo grupo de músicos formados pelos netos de seu primo Deonilo Pinheiro foram tocar, lembrando e o homenageando pelos tempos em que animou diversas festas nos territórios quilombolas tocando o seu banjo ou o cavaquinho. De acordo com interlocutores Daniel Souza e Leonel Colé, um dos primeiros tocadores foi Crecêncio, que foi quem apresentou os instrumentos para eles. A maioria

aprendeu a tocar apenas observando quem tocava, se interessavam pela música, faziam seus próprios instrumentos com madeira e couro de animais. Assim, podiam treinar os toques que tinham visualizado e se aperfeiçoar para poder tocar nas festas das comunidades.

Foram mencionadas algumas dessas festas realizadas por essas famílias, como a festa realizada por Antônio Macaxeira que era dia 24 de setembro, Manoel Gualberto dia 12 de dezembro e Felipe dia 19 de janeiro do qual até hoje ainda se comemora na comunidade da Tapagem, festa de Baldoíno e da Francisca Guedes que era realizada no dia 07 de setembro. Cada família organiza uma festa por ano, assim os músicos podiam estar presentes na maioria das festas e as famílias de outras comunidades podiam ir nas festas uma das outras.

Nessas festas noto o cuidado com o território e um com os outros, pois o cuidado ultrapassa o cuidar apenas de si e de um corpo, mas se concentra da mesma forma no outro e no território que se habita em comum. Fortalecendo os vínculos, conhecendo quem são as outras famílias que fazem parte dos territórios quilombolas através das festas, danças e partilha de alimentos, além de intensificar uma luta pelos seus rios e terras.

Infelizmente Duca Pinheiro teve que parar de tocar por causa de uma doença que afetou os tendões de seus dedos. Eles ficaram meio tesos, lhe impedindo de tocar o seu banjo, mas o gosto pela música nunca deixou. Sempre que ouve uma *mudinha*²¹, como ele fala, faz a batida com os dedos ao som da música.

E como foi dito no início, ele não apenas tocava, mais assim como outros quilombolas coletava castanhas. Para ele cuidar dos castanhais não era somente uma questão de trabalho, mas era cuidar do que lhes pertencia, pois a castanheira lhes dava o sabor das refeições. É com a castanha que se faz o jabuti e o pirarucu, além de comê-la com farinha. Ele fala com ressentimento dos castanhais que foram destruídos e não existem mais. No lugar de alguns desses, hoje existem novas comunidades. Para ele, olhar as grandes castanheiras significava perceber o quanto a vida é bela.

Além disso, costumava se embrenhar nas matas para caçar. A caça é comum nos territórios quilombolas, pois é um meio de subsistência dos nossos quilombos. E ele sempre nos conta suas aventuras nas caçadas, entusiasmado, lembrando como é deslumbrante a natureza. Ele se diz impressionado com muitos lugares distantes e de grandes proporções e com tudo para as pessoas comerem. Muita água, mato, caças, pássaros, tudo abundantemente, em toda parte por onde ele passava.

²¹ Forma como meu bisavô se referia a música.

E ele continua narrando: *nós comemos bem tracajá, agora o que nós não comemos muito foi tartaruga, cabeça, pitiú; tartaruga nós comemos mas foi pouco, agora tracajá...* O tracajá é um quelônio comum na região e tem sua comercialização proibida. Porém, sempre foi um alimento comum na mesa dos povos quilombolas de Oriximiná. E assim como meu bisavô, eu provei e gostei da carne de tracajá, assim como dos ovos de tracajá consumidos com a farinha de mandioca.

Durante a minha estadia na Serrinha fui convidada pelo Seu João Batista e Dona Betinha para uma festa no Acapú, Mas não fomos somente para a festa, como também em busca dos ovos de tracajá. Estávamos no verão, período em que mais surge os tracajás e os ovos na região. O tracajá é consumido assado ou guisado e, quando chegamos, estavam matando alguns para o jantar, estavam gordos do jeito que gostamos. Os homens eram responsáveis de matar os animais e as mulheres de prepará-los para o jantar. O animal possui uma carne branca por dentro e por fora uma pele escura, pode-se fazer também a farofa no casco.

Mas não são só os tracajás que animam a memória do meu bisavô. Entre suas façanhas pelo território, contou sobre uma de suas caçadas em que se deparou com uma onça:

“Olha outra coisa também que tinha muito era onça (risos), onça tinha, eu matei umas quatro. E uma quase que ela me pega, ela só não me pegou, porque eu dei com ela, foi lá no Cuminá, eu fui por uma estrada, quando chegou no porto que eu dei lá estava do outro lado, pois olha eu atirei ela pá e guardei o cartucho da espingarda, eu pensei que ela nem vinha, quando vi ela passou perto de mim, nessa hora ela passou e foi embora. Quando foi lá adiante, ela ficou caída, ficou meio de costa comigo, aí eu atirei na escadeira pra ela não levantar, pois eu atirei e dessa vez eu não meti logo o cartucho na espingarda, eu dizia que ela não ia poder se mexer. Pois eu ainda fiquei lá olhando próximo um pouco distante dela, mas ela estava pra lá e eu pra cá, mas quando eu vi a onça chegou lá perto de mim e eu não estava com o cartucho na espingarda ainda, a válida que meu terçado tava ali, mesmo perto de mim ela não pude me pular mas ela levantou e veio, quando ela levantou que avançou eu metilhe o canudo da espingarda e peguei o terçado, tava aí perto de mim, lavei o nariz dela, ela deu um grito e avançou, quando ela avançou de novo meti o cano da espingarda e larguei-lhe o terçado e dei na cabeça, mas ela se acabou na hora.”

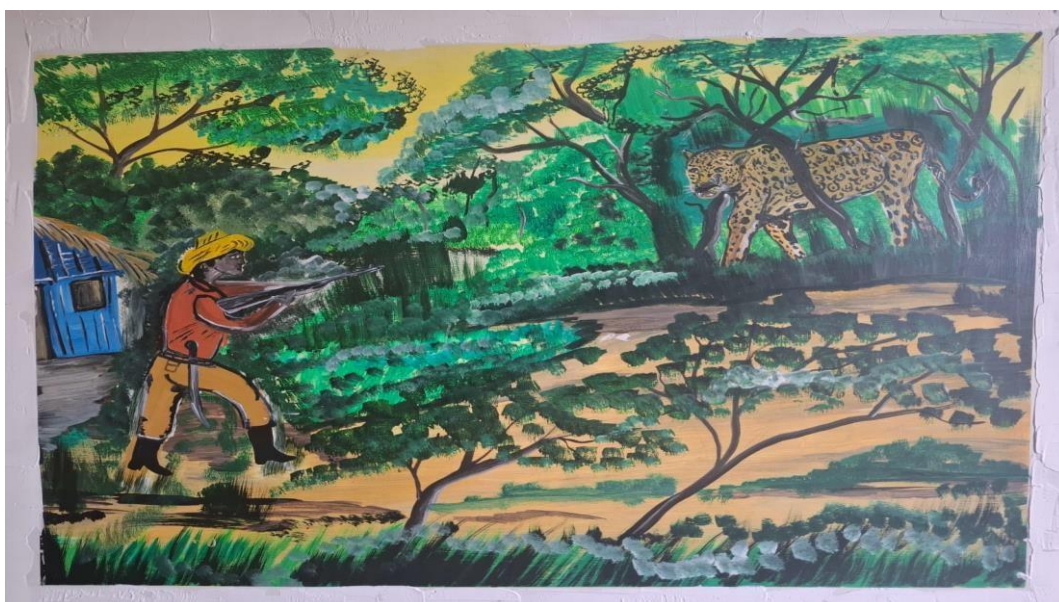


Figura 8: Pintura de Daniel Alves ,representando uma das histórias de caça do Seu Duca

Essas histórias de meu bisavô Duca Pinheiro, trabalham nossa fantasia, no qual vamos imaginando as cenas, as lutas, as artimanhas de defesa um do outro. As histórias que contava na minha infância, ensinavam sobre a vida na floresta, sobre modos de nos relacionar com os animais, os encantados, as matas. Educavam sobre uma ética das relações de cuidado, de contemplação das belezas do nosso território, da atenção e dos perigos que também existem. O quilombola cuida do seu território, respeita o encantado, esse respeito vem a partir dos encontros que teve com os encantos, durante suas andanças pelas matas e no navegar pelo rio. Porém, ele teme a onça que por vezes é traiçoeira, como foi dessa vez com ele. Em uma das vezes que estava andando pela Serrinha com a Dona Marciele e Seu Preto eles me falaram que a onça caminha na folha seca e não faz barulho, crianças ela ataca sem medo, um adulto ela não ataca sem antes se preparar, pois sabe que será uma boa luta.

Talvez seja por isso que meu bisavô confessou que nunca dormiu no mato, foi a única coisa que nunca fez, mas que o Manoel José (filho) e o Espírito Santo (primo) chegaram a dormir várias noites no mato caçando, eram de 3 noites seguidas. Algo perigoso, por causa das onças e dos encantados que estão sempre por ali para fazer com que a pessoa se perca e fique por mais dias dentro da mata.

A floresta e seus encantados guardam muitos mistérios e poucos são os humanos que conseguem ter contato com esses encantados. Quem vê, sempre tem uma história pra

contar. Mas esse ver não significa que a pessoa viu claramente, na verdade a pessoa sente ou consegue ouvir alguma presença e que pode ser de um encantado ou alguma visagem. Para ver de maneira concreta só se esse encantado se *ingerar*²² em outro ser, que pode ser um animal ou até mesmo humano. E o vô Duca Pinheiro nos contava histórias sobre os encantos, aqueles com quem ele teve contato durante as suas caçadas, regadas de mistérios e aventuras.

Em uma dessas histórias, que ele contou na minha infância, disse que um dia ele foi caçar com um amigo. Ele contou que quando chegaram em um determinado local, resolveram cada um ir para um lado e posteriormente se encontrarem naquele ponto de partida. Porém, meu bisavô conta que quando ele chegou no local, seu amigo não estava e ele foi atrás dele para ver se o encontrava. Quando ele o encontrou, estava caminhando em direção a um buraco e o chamou até que ele despertou e respondeu. De acordo com o relato do meu bisavô Duca Pinheiro, o seu amigo ia sendo encantado pela cobra que encanta dois olhos, ou seja, apenas uma pessoa, mais que isso ela não pode encantar. E, por isso, quando meu avô chegou, ela não pode encantá-los.

Tio Manuel José me descreveu como seria esse local, que fica em uma parte chamada Bom Prazer:

Diziam que lá era a baixa do bicho, era tipo uma baixada, tinha um poço de água lá, tinha jauarizeiro ao redor do lago, eu não cheguei a ir lá ver, mas ele me contava, era muito feio ao redor e fazia o poço lá onde ela morava e aí ela atraía mas era assim só de um, de dois ela não atrai. Ele me dizia pra que rumo ficava, contava que lá perto, do nada, a pessoa se perdia. (Manoel José, Santa Rita Cuminá)

De acordo com o Tio Manoel José, quem estava com o Bisavô Duca era o Tio Gemaque que é irmão da minha avó Ana Farias Miléo (Nezinha). Ele sempre ia na companhia dele caçar e também as vezes tocavam juntos. Ele conta que em outra parte, chamada Inteiro de baixo²³, era possível avistar a ladeira do buraco da cobra que ia baixando para esse poço de água onde ela ficava. Segundo ele, nesse local dava muita caça, mas era um local muito feio, a pessoa só ia se realmente fosse atraído, porque da própria vontade ninguém tinha coragem de chegar perto.

²² “Há o registro de alternância apenas fonética entre ‘en’ e ‘in’ na variedade linguística adotada na região do Baixo Amazonas. Como os dois prefixos assumem sentidos diferentes na Língua Portuguesa (in-:privação, negação ou movimento para dentro; e en-: posição interior, movimento para dentro) poderia ter optado pelo uso de engerar, como o fez Wawzyniak ([2003] 2012), porque o sentido registrado não indica a aceção de *ingerar* como negação, tal qual o uso do in- pode indicar. Todavia, os(as) interlocutores(as) da pesquisa usam o *ingerar* e assim é grafado pelos compositores locais nas toadas de boi das décadas de 1980 e 1990 nas quais o termo é citado. Os termos e/ou expressões identificados como de uso local serão grafados em itálico ao longo da tese, bem como os termos de outros idiomas”. (CORDEIRO, 2017, p. 19) Assim como os interlocutores de Cordeiro, na minha pesquisa a pronúncia é realizada da mesma forma com a fonética in.

²³ Nome dado ao conjunto de castanheiras.



Figura 9: Imagem Google Maps. Localização dos inteiros.

Essa localização é onde ficavam os Inteiros, que seriam o conjunto de castanheiras que um castanheiro cuidava. Hoje, segundo o Tio Manoel José, alguns não existem mais, mas esta localização eu fiz de acordo com o que ele me relatou de onde ficavam. O mesmo eu fiz com o Campos Gerais acima, não encontrei no mapa, então perguntei dos interlocutores qual seria a localização e fiz o mapa, indicam quanto tempo eles levavam para chegar até o local.

As histórias sobre caça são sempre curiosas, cheias de suspense, quando ouvia sempre ficava assustada, com receio de ver algo do tipo. Ainda não cheguei a sentir ou ouvir nenhum encantado, apenas ouvi histórias sobre eles. Pelas narrativas, entendo que as encantarias acontecem como repreensão aqueles que fazem mau ao ambiente, mas também encantam aqueles que ainda não tem um corpo cuidado pelo curador, como as crianças que são facilmente encantadas na beira dos rios. Além disso, os encantos acontecem como uma brincadeira dos encantados, uma forma de eles *malinarem* das pessoas próximas nos espaços em que os encantados ficam, como as brincadeiras dos botos bagunçando as malhadeiras, a criança que se perde no mato brincando, os bêbados voltando das festas nas suas canoas e avistam o clarão da Cobra Grande. Apesar dessas *judiarias* dos encantados, os quilombolas cuidam desses espaços para que sejam preservados e contam as suas histórias sobre encantarias e, da mesma maneira, o encantado cuida do humano quando judia de forma

repreensiva daqueles que fazem mau ao território como uma forma de cuidado com o humano, é uma reciprocidade de cuidados, de sustentação da vida e do território.

Como dito no início, o bisavô Duca era também era castanheiro, e o Tio Manuel José foi quem me contou um pouco de como era esse trabalho. Ele conta que acompanhou muitas vezes meu bisavô no trabalho da coleta de castanha. Ele fala que era muito sofrido, quando dava um temporal, porque o castanheiro tinha que ir até a canoa carregada de castanhas para evitar que a canoa afundasse. Piorava se fosse à noite, era mais difícil por causa da escuridão.

O transporte dessa castanha coletada era de canoa a remo. Ele conta que as mãos ficavam doloridas de tanto remar, era uma viagem que durava o dia inteiro. Eles saíam às 05:00h da manhã e chegavam no local início da noite, isso a favor da correnteza. De subida com a canoa carregada, a viagem durava mais tempo por causa do peso e da luta contra a força da água. A viagem ficava mais complicada quando passavam no igarapé e tinham troncos caídos no caminho. Era preciso cortar no terçado e isso demandava tempo, pois no terçado demorava e as algumas árvores eram grandes. Naquele tempo, eles não possuíam motosserra. Ele brinca que hoje está tudo bem mais fácil para os castanheiros. Eles vão de rabeta, chegam rápido e, se tem árvores caídas no caminho, usam a motosserra que corta com agilidade e precisão.

Ele ainda descreveu o local em que o Duca Pinheiro realizava a coleta das castanhas. Era um lugar que chamavam *zoada d'água*, onde havia uma água que caía do inteiro de cima (uma parte alta) até na parte de baixo e o barulho era parecido com de uma cachoeira e, por isso, denominavam zoada d'água. Esse era o local do bisavô Duca coletar as castanhas. De acordo com Tio Manuel José, nenhum outro castanheiro realizava coleta naquele lugar, poderiam até passar por lá, mas não pegavam as castanhas, pois não pertenciam aos seus inteiros, cada pessoa só poderia coletar do seu inteiro. Posteriormente eu pude compreender que cada local de castanheiras eles denominavam de *Inteiro*, então cada pessoa tinha o seu inteiro, que seria um conjunto de castanheiras, os acordos eram feitos oralmente e delimitados com marcação em determinada castanheira.

Meu Bisavô Duca parou há bastante tempo de coletar castanhas e o Tio Manuel José, da mesma forma, disse que já não garante ir para o castanhal. É um trabalho que não é fácil, passar dias na mata realizando coleta, indo e voltando com os peneiros de castanhas. Durante a minha ida na Serrinha, me informaram que a coleta continua sendo organizada. Os

quilombolas tem acesso a todos os territórios em que possuem castanheiras, porém há algumas restrições. Não podem levar cachorro, não podem realizar caça para além da subsistência e não podem entrar com espingarda. Essas restrições acontecem dentro dos castanais no território e foram acordadas em assembleias com as comunidades quilombolas.

Bisavô Duca Pinheiro como relatou Seu João Guedes (Gordo/Nêgo Lindo) sempre foi uma pessoa tranquila, pouco brigava, pouco ralhava, nunca batia. Ele dizia que se for bater, tem que dizer o porquê está apanhando, pra não fazer mais errado de novo.

Duca Pinheiro ultimamente tem ficado adoentado, dias após seu aniversário passou mal e precisou ser levado para o hospital, mas logo ficou bem. No final do ano passado passou mal novamente e ficou internado por uns dias, os netos estavam se revezando para acompanhá-lo na internação. Agora ele está melhor.

Ainda que seja meu bisavô, tive que buscar suas histórias com outras pessoas porque ele já está com dificuldade na sua fala e audição. Apesar disso, consegui conversar um pouco com ele, mas como mencionado no texto, tive que obter relatos de outras pessoas sobre suas vivências nas festas em que tocava. Já são poucos os que o viram tocar junto com os seus primos e colegas, foram muitas festas, muitos anos de trabalho nos primeiros castanhais, para os netos e bisnetos restam as histórias que ele nos conta. Dar continuidade na Ramada, escrever suas vivências e histórias contadas, é uma forma de registrar as suas aventuras e memórias.

Narrar as histórias de Mestre Baldoíno e do Bisavô Duca, a partir das memórias e dos diálogos que outras pessoas tem deles é um desafio. Também precisei acessar as minhas memórias para isso, pois fui criada pelo Seu Duca. Minha intenção foi retomar suas histórias como narrativas importantes para os quilombolas da região. Mestre Baldoíno, mesmo após a sua morte, continua vivo nas memórias e nas paisagens, cuidando daqueles que ainda estão por aqui. Chegou as margens do Rio Erepecuru e fez da comunidade da Serrinha sua morada e fez seu nome como um grande curador. Bisavô Duca, filho do Cuminá, um homem centenário, segue sendo lembrado pelas suas aventuras na mata e por muitos daqueles que viveram as festas por onde tocava. Dois homens quilombolas bastante presentes na memória coletiva como pessoas que contribuíram para a sustentação da vida quilombola, através da fé, da cura, do compartilhamento e das confraternizações.

3. CORPO-TERRITÓRIO QUILOMBOLA

Neste capítulo pretendo trazer reflexões que possam desenvolver a noção de cuidado para as comunidades quilombolas, considerando que o cuidado do corpo está diretamente associado ao cuidado do território. A ideia de que as pessoas são feitas dos lugares que habitam e de que os lugares são feitos dos seres que os habitam esteve presente nos dois capítulos anteriores. Mas neste capítulo eu quero me dedicar a sistematizar mais essas relações.

3.1 A encantaria

Para os quilombolas do Alto Trombetas o corpo quilombola pode se mover, andar entre mundos diferentes, entre o mundo dos humanos e o mundo dos encantados, e pode ser atravessado por muitas forças invisíveis. Como as histórias que todos contam de Seu Baldoíno Melo, e narrado no segundo capítulo, que foi um grande curador da região e que ia e voltava do fundo do rio. Ele sempre visitava os seres do fundo, que quando se apresentam no mundo dos quilombolas, se apresentam com corpos de animais – e as vezes até de humanos, mas quando estão no mundo da encantaria assumem a forma de humanos. É uma complexidade que vai muito além dessas mudanças de corpo, tornando-se relações entre os dois mundos, e é a partir do curador *sacaca*, como um mediador, que estes mundos tecem trocas de saberes. Mas para fazer essa visita e até mesmo para qualquer pessoa ver os seres do fundo precisa estar com o corpo preparado, sadio, para não ser *encantado* e o humano passar a fazer parte e conviver com os seres do fundo.

Esses seres do fundo também denominados de *bichos do fundo*, estão presentes no universo quilombola da Serrinha e de outras comunidades, onde muitas histórias são contadas sobre esses encantados. Para a autora Felix (2011, p. 76), que fez sua pesquisa junto a comunidade Juary, os seres do fundo seriam seres que encantam principalmente pessoas frágeis como as crianças, por isso ouve-se muitas histórias de crianças sendo encantadas. Ela relata que é possível reverter o encante e trazer a pessoas encantada de volta para o universo dos humanos, através de fórmulas mágicas, combinações e gestos recomendados pelo curador *sacaca*. Mas o encante²⁴ só pode ser desfeito se a pessoa não comer nada do que lhes é oferecido no universo dos encantados. Isso é algo que minha avó contava, quando Baldoíno

²⁴ Judiaria ou enfeitiçado pelos encantados.

convidava alguém para ir com ele no encante, orientava que lá seriam oferecidos alimentos, mas que a pessoa não poderia aceitar de jeito nenhum o que lhes era oferecido, assim como evitar sentar-se nas poltronas, pois na verdade eram cobras enroladas.

Cordeiro (2017, p. 56- 64), que fez sua pesquisa com os *sacacas* em Parintins/Amazonas, conceitua os *bichos do fundo* como animais que compõe a fauna e flora da região norte e sempre visitam a cidade dos humanos. Além disso, são seres que podem auxiliar as pessoas, assim como podem atacar, causando problemas de saúde e azar nas pescas e caças. A autora também menciona os seres do fundo como *espíritos* que vivem nos fundos dos rios, igarapés, em uma cidade encantada.

A relação com os seres do fundo se dá aos poucos, é um aprendizado. Aprender sobre cura vem dessa relação com eles, mas apenas os *sacacas* conseguem essa façanha. Porém outras pessoas podem ter contatos com esses seres do fundo e não percebem, porque eles podem estar nas matas, rios, igarapés ou até mesmo em forma humana. Dizem que os encantados, ou bichos do fundo, não podem ser vistos, mas podem ser ouvidos. Contudo, eles ouvem e veem os humanos o tempo todo. (Cordeiro, 2017; Teixeira, 2006).

Durante as conversas que tive com os quilombolas da Serrinha, sempre falavam que não acreditavam em bichos do fundo, mas que respeitavam eles e os seus lugares. É o que Cordeiro menciona igualmente no seu texto, dito pelos seus interlocutores. Neste caso é perceptível que eles nunca tenham visto, por isso afirmam não acreditar. Mas o fato de ouvirem em algum momento alguma coisa ou conhecer alguém que afirma ter visto, faz com que eles respeitem os seres do fundo e os lugares que ocupam. Esse talvez seja um grande ensinamento quilombola para o mundo branco e ocidental: não é preciso “crer” para respeitar a existência desses seres.

Mas, de modo geral, entendem que o corpo pode adoecer por causas biológicas, mas também pela ação das encantarias. Assim é preciso realizar o cuidado com o corpo que acontece com o auxílio de técnicas que os curadores fazem para que o corpo adoecido possa-se curar. As encantarias são as magias realizadas pelos encantados, uma maneira de levar o humano para o mundo dos bichos do fundo onde vivem os encantados. As encantarias acontecem com a pessoa que está com o corpo *fraco*, que não está protegida, como as crianças.

3.2 O corpo, a casa e a roça

Como apresentado no primeiro capítulo, a Antropologia nos ajuda a ampliar o entendimento do que é o corpo, para além da sua compreensão como corpo biológico, central para os conhecimentos ocidentais. Pensar o corpo como biossocial e entender como ele é criado pela cultura é uma das grandes contribuições da Antropologia. Seria o caso dos conhecimento quilombola que desenvolve práticas específicas para a cura dos corpos através das ervas, benzimento, pegador de “*dismintidura*”, remédios caseiros específicos do território, defumação, curador sacaca, parteira pra puxar barriga. São práticas de cura específicas que existem no universo quilombola e que constituem e criam os corpos quilombolas, que estão preparados para recebê-las.

Nos diálogos que tive na comunidade com as quilombolas Neide, de 53 anos, e Lidiane, de 34 anos, ambas mencionam a importância do corpo, e que deve ser bem cuidado, porque corpo só é bom se estiver saudável. Dona Neide menciona: “*se a gente não cuidar dele, não somos nada, vai ser uma pessoa doente, uma pessoa desanimada, uma pessoa triste, né, não tem aquela autoestima, nem pra andar se quer*”. Além disso, elas reforçam que é preciso haver o autocuidado: “*tomar um remédio caseiro, de vez em quando faz um banho de asseio, geralmente as mulheres de hoje já não faz mais como antigamente*”.

Esse autocuidado com o corpo é repassado de mãe para filha para que possam aprender a cuidar dos seus corpos e sempre que puderem realizarem os seus “asseios” e banhos para não adoecerem, principalmente de doenças relacionadas ao útero. Meus avós também mencionam que o Mestre Baldoíno dizia que ninguém morria do nada, era apenas um descuido que a pessoa tinha com o seu corpo. Assim, reforça-se que o cuidado com o corpo é essencial para evitar doenças e para mantê-lo são. Nessa perspectiva, é preciso curar o corpo quando ele adoece, mas, principalmente, cuidar continuamente do corpo para que ele não adoça.

Seguindo a análise de Marcel Mauss (2003) sobre as técnicas do corpo, podemos perceber que estas não se limitam a um conjunto de movimentos físicos, mas são profundamente enraizadas nas relações sociais e culturais. As técnicas corporais, ao serem aprendidas em um determinado contexto social, incorporam valores, normas e significados que transcendem o corpo individual, revelando a complexa interação entre o indivíduo e a sociedade. Da mesma forma, está ligada a sentimentos, a força das ideias, aquilo que não é possível ver de fato, mas podemos perceber ao nosso redor e são essas técnicas que podem fazer com que o outro adoça, mas que também possa curá-lo.

E essas técnicas também fazem parte do estudo antropológico relacionado as representações sociais dentro de um grupo social que aprendem e ensinam essas técnicas. O próprio Mauss relata que as técnicas também podem ser transmitidas para as crianças da comunidade ou grupo social, que com o passar do tempo vão aprendendo as expressões sociais, corporais e culturais do grupo em que está inserido.

No quilombo esse corpo que também é parte do território, está relacionado com água, terra e coletividade, é um corpo que precisa de cuidados, proteção não só contra doenças que estão visivelmente expostas, mas aquelas que não é possível perceber, mas estão presente entre humanos e não humanos. Esse cuidado com o corpo mesmo sendo repassado para todos da comunidade, apenas os mais velhos levam mais a sério e as pessoas mais antigas da comunidade percebem isso e lamentam.

O Seu Mauro Luiz relata ao sua lastima com falta de cuidado com esse corpo quilombola:

Olha o corpo quilombola é uma raça, que tem muita diferença dos branco que a gente chama. Hoje tem poucos, mas ainda se tem esse comportamento daquele respeito com o corpo, com a saúde né, na alimentação dele e não come qualquer coisa, de primeiro eu vi os meus pais falar que era pra ser assim. (Mauro Luiz, 60. Quilombola da Comunidade da Serrinha, 2024)

Seu Mauro é um senhor que trabalha como pedreiro, realiza muitos trabalhos na cidade, mas sempre está na comunidade da Serrinha onde possui casa e quando não está fazendo trabalho na zona urbana vai para Comunidade cuidar da sua casa e seu barco. Construiu a sua casa e de outras pessoas da comunidade e sempre é solicitado para realizar trabalhos como pedreiro, mas também pesca e trabalha na roça. É esposo de Dona Lene que atualmente é uma das coordenadoras da ACORQAT. Ela já foi coordenadora da Associação de Mulheres de Oriximiná, esteve envolvida nas eleições e está sempre presente nos movimentos sociais em que envolve mulheres e quilombolas. Eles têm um pequeno barco que inclusive ficou atracado na frente da casa de Seu João Batista.

Minha conversa com ele foi na casa de Seu João Batista, na cozinha próximo ao *jirau*, que é o espaço em que frequentemente as pessoas se reúnem para conversar, tomar ou fazer café. Em sua fala, ele reforçou o respeito ao corpo para mantê-lo saudável e mencionou a restrição alimentar, comum entre os quilombolas principalmente quando a pessoa passa por uma cirurgia ou quando a mulher está menstruada precisa restringir sua alimentação.

No universo quilombola quando se está com um ferimento de corte causado por uma

cirurgia é comum na comunidade tratar com andiroba, copaíba e banha de animais. Remédios que o próprio território oferece. Além disso deve evitar comer comidas “*remosas*” como peixe liso, carne de caças e evitar bebidas alcoólicas. Já a mulher menstruada deve evitar determinadas frutas e peixes lisos. As mulheres mais velhas dizem que faz mal para a “barriga” (útero) e que pode apodrecer por dentro do corpo e dar mau odor. Em consequência disso, devem evitar esses alimentos e evitar a beira do rio nesse período para não atrair botos e serem encantadas.

Seu Paca é, uma das pessoas mais velhas da comunidade, com 70 anos, ele é pescador, homem alegre, que sempre está brincado com todos da comunidade. Como é muito querido e respeitado, observei que todos os mais jovens que passavam por ele pediam a benção, e ele lhes abençoava. Não se diz curador, nem benzedor, porém é muito procurado por todos para fazer remédios caseiros que só ele tem as receitas em sua memória e não conta os segredos dos seus chás para ninguém.

Não contar do que são feitos os remédios pode ser uma forma de preservar o conhecimento adquirido pela experiência, mas também lembro que o segredo é parte da eficácia do próprio remédio. Pois, em conversa com Seu João, Dona Rosaluce e Seu Toró, mencionaram remédios que antes eram bastante utilizados para curar doenças como tosse de guariba e fortificar a pessoa doente. Esses remédios possuem ingredientes muitos diferentes, por questões éticas e para não prejudicar a credibilidade nesses remédios não mencionarei os ditos ingredientes mencionados. Pois mencionar os singredientes faria com que as pessoas não queiram tomar o remédio e achem que não funcionará.

Voltando a conversa com Seu Paca, ele menciona o corpo como um espaço de respeito com o seu e como do outro, principalmente com os corpos mais antigos:

Olha o corpo é muita coisa! Porque o que veio do nosso começo, aquilo que a gente cresce vendo ninguém pode esquecer. Eu nasci daquele jeito, tem que ser. Saber respeitar o outro, e eu me reconheço e respeito. Olha a maioria das pessoas das casas aqui me respeitam, tomam bença de mim, tem local que não é assim. (Seu Paca, 70 anos, quilombola da comunidade Serrinha)

Quando seu Paca fala que a maioria das pessoas da comunidade tomam *bença* dele e tem lugares que isso não acontece, ele remete ao respeito por pessoas e corpos mais velhos, o respeito pelo conhecimento que eles carregam, toda a sua história e que não se pode esquecer desses ensinamentos, devendo ser cultivados e repassados como forma de respeito a esses corpos que possuem mais experiências sobre os saberes tradicionais.

Ainda que encontramos a importância das mulheres e do cuidado na comunidade da Serrinha, como falarei mais adiante, eu também busco também olhar para os cuidados que os homens exercem. A etnografia realizada na comunidade da Serrinha revelou um cenário complexo e dinâmico em relação aos cuidados. O caso de Seu João, que assumiu a responsabilidade de cuidar da mãe doente, realizando tarefas domésticas, demonstra que as relações de gênero e a divisão do trabalho não são estáticas e podem variar segundo os contextos. Essa observação desafia as noções universais sobre a responsabilidade do cuidado.

Ele conta que antes não sabia fazer nada disso, mas teve que aprender, pois nem sempre a sua esposa ou filhas estavam por perto para realizar essas tarefas. Era ele que também fazia alguns remédios, como chás e banhos. E percebi que ele acabou levando esse aprendizado para sua vida, mesmo após o falecimento de sua mãe, uma vez que nos dias em que estive por lá, Seu João sempre fazia atividades domésticas e eu o ajudava. Na verdade, dividíamos as tarefas.

A casa do Seu João era o caminho que as famílias pegavam para ir ao roçado, que ficava na parte de cima do terreno. De acordo com ele, o roçado é longe, cansativo, mas é onde tem a terra boa para plantar. As famílias chegavam de rabeta ou canoa, geralmente iam pai, mãe, filhos, filhas, genros, nora e as vezes netos que já estavam maiores e garantiam andar longas distâncias. Quem tinha casa pra lá, voltava no outro dia, mas as famílias que não tinham volta ao final do dia quando já está escurecendo. A imagem da casa do Seu João como caminho para o roçado mostra como são vividas as terras coletivas. Não existe a ideia de propriedade privada que ninguém poderia entrar. Isso lembra o que Julia Sauma (2019, p. 120) chamou de *ser coletivo* e da *sobreposição*, quando uma de suas interlocutoras diz a ela que não poderiam ter a terra dividida por lote individual: “*como dividir se a gente mora e trabalha um em cima do outro?*”.

Ainda assim, as mulheres também tem um papel importante no repasse desses saberes sobre o cuidado corpo, elas transferem o que sabem para as filhas, filhos, netas e netos. A mulher é marcada por esse cuidado por ser ela que passa mais tempo em casa, que cuida da casa, mas também a mulher quilombola ensina os cuidados com o corpo e com o roçado, pois ela acompanha a família nos trabalhos da roça, ensina e cuida, o cuidado o corpo, caminhos do roçado, com plantas.

Yara Alves (2023), que fez a sua tese com comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, descreve muito sobre o papel das mulheres, principalmente

das mães. Para suas amigas quilombolas, a mulher mãe é quem enraiza a memória e as relações de parentesco no território fazendo da sua casa uma “casa raiz”, a partir de onde outras famílias vão surgindo, que eles chamam “gaia”, a partir do casamento dos filhos. São principalmente as mães que cuidam da casa, e cuidar da casa se relaciona também com cuidar do quintal, criar os filhos, cuidar dos corpos, caminhar pela terra, cultivar a memória, saber prestar atenção aos jeitos e aos sinais do tempo, dos comportamentos dos humanos e dos não-humanos.

Entre algumas mulheres da comunidade está a Dona Lucy, que é uma dessas mulheres que transmite os seus conhecimentos aos membros de sua família. Sempre tem cascas de arvores, casca de laranjeira, na varanda de casa. Além disso possui em seu quintal muitas plantas medicinais, algumas cultivadas em canteiro, outras no quintal aberto. Como ela tem muitas plantas, sempre é procurada pelas pessoas da comunidade para arranjar algumas folhas para fazer chá, banhos e “asseios”.

Ter os remédios caseiros por perto é comum nas casas da comunidade, principalmente aqueles que se usa com frequência. Como citei no parágrafo anterior, a casca da laranja é algo que sempre vemos nas varandas das casas secando, a casca da laranja geralmente é utilizada para dores no estômago. Usa-se ela seca porque é a forma mais fácil de guardar a casca e conservá-la, põe para secar em temperatura ambiente pendurada em algum lugar da casa e quando precisar faz o chá dessa casca seca.

A pedra da pescada, é uma pequena pedrinha branca que vem na cabeça do peixe pescada, é retirada após o cozimento e consumo do peixe. Depois é lavada, seca e pode guardar para usá-la como remédio para prisão de urina (termo usado pelos interlocutores) e infecção urinária. O breu branco também é comum de se ter por perto, pois a maioria das pessoas utilizam para calafetar os cascos de canoas e barcos, além de curar ferimentos. Além desses, outros remédios sempre são mantidos por perto como ervas medicinais que são plantadas e cuidadas próximo da casa ou aquelas que nascem ali próximo, mas que não foram plantas pelo humano.

Na casa de dona Lucy moram ela, o marido e o único filho que ainda não casou. Em duas casas próximas a dela moram as filhas que já possuem suas famílias, mas estão sempre por lá com ela e com seus filhos. Como a terra é coletiva, o dia em que esse filho que mora com ela casar e quiser fazer sua casa próximo a dela, poderá construir e morar com a família por ali também. Isso novamente nos lembra do trabalho de Alves (2024) sobre a “casa raiz” e

a importância das mães na organização espacial da comunidade. Uma das diferenças na organização das atividades é que os homens cuidam das embarcações e são os que pescam, caçam e coletam castanhas. Enquanto que as mulheres dividem com homens, crianças e adolescentes o trabalho da roça, de casa, pesca e fazem todos juntos a farinha e o trabalho das festas da comunidade.

A casa de Dona Lucy foi a única casa que consegui ir a pé. É a mais próxima da casa do Seu João e como o rio ainda estava enchendo, conseguimos atravessar por terra, mas no caminho da casa do Seu João para a Comunidade, a água já estava cobrindo o caminho, estava chovendo bastante e o rio estava enchendo aos poucos. Nas nossas conversas, ela disse o seguinte sobre o corpo:

Olha só, vou te dá um exemplo, minha filha ela faz o trabalhinho dela aqui na casa dela. É o tempo todo arrumadinho, mas o quintal, oh, deixa sujo. Ai ela diz que se cuida, pra mim isso não é cuidado com o corpo não. Pra mim, tudo tem que estar bem, é roupa limpa, casa e roça, ai sim essa pessoa está bem, com o corpo bem e com saúde. Eu sempre ensinei todas elas isso, mas ai cresce e faz o que quer, mas eu sou assim e ensino elas e os netos. (Lucy, quilombola da comunidade Serrinha, 2024)

A fala da quilombola Lucy lembra que o corpo saudável é parte do território *limpo*, roupa, casa e roça *limpa*. Isso lembra o que Sauma (2019) escreveu sobre os lugares abertos e os corpos fechados, ainda que eu não tenha ouvido essas expressões. Julia Sauma descreve que os lugares “fechados”, onde há mais força da encantaria, onde a mata tomou conta, por exemplo, são lugares que deixam os corpos das pessoas mais vulneráveis, mais “abertos” para as forças que podem adoecer os corpos. Os lugares mais “abertos”, mais *limpos*, conforme a fala de Lucy, são lugares onde os corpos das pessoas são menos vulneráveis, o que garante mais saúde. Por isso que o cuidado em deixar o território *limpo* se relaciona com o cuidado do corpo.

Dona Marciele da mesma maneira reforça o cuidado que se deve ter com o corpo e chama a atenção para a mudança de comportamento das pessoas ao não aderir esse cuidado e se renderem a outras visões de mundo ocidentais que adentram as comunidades quilombolas:

A gente ser quilombola, a gente ter essa cultura e ter também esse cuidado, com esse corpo que a gente tem. Uma boa alimentação, evitar os acidentes, se alimentar também das coisas natural, que a gente tem que isso também ajuda muito, a gente ter uma boa saúde, né, e até mesmo também evita certos tipos de doenças grave. A gente ter essa alimentação, no caso, nós quilombolas, a gente tem esse reconhecimento, todos nós, de cultivar uma tradição, uma alimentação de qualidade. É certo que hoje em dia, no século XXI, a gente está já quebrou um pouco, já usufrui um pouco dos alimentos industrializados. Mas ainda continuamos comendo tipo a

caça, o peixe, a farinha, frutas. A gente utiliza o natural mesmo, da nossa região, açai, bacaba, castanhas, agora a gente tá na época da castanha, então são coisas bem naturais, um peixinho salgado na castanha. Jabuti, ainda bem que é o período dele né! Eles combinam, castanha e jabuti! (Marciele, 35. Quilombola da Comunidade Serrinha)

Esse comportamento é comum entre as comunidades no qual os produtos industrializados adentram, passam a fazer parte da vida quilombola, mas que eles não deixam de lado as suas tradições passadas de geração em geração, ainda consumindo os alimentos comuns a eles que vem dos rios, das matas e que seus corpos estão acostumados. Marciele destaca que a alimentação faz parte desse cuidado com o corpo, que deve optar por algo que eles já se alimentavam e tem dentro da comunidade. Porém, as crianças e adolescente são os que mais se encantam com os produtos alimentares industrializados.

Seu Antônio Vieira, conhecido por Porró, é um senhor idoso de 75 anos que ficou cego aos 60, mas ninguém ainda descobriu o motivo da cegueira dele. Ele já tentou voltar a enxergar utilizando todos os remédios caseiros que dizem que podem ser bons para a sua visão, já fez cirurgia, usou colírio, mas até agora nada adiantou. Antes de ficar sem enxergar, seu Porró caçava, pescava e fazia suas atividades como qualquer outra pessoa. Hoje ele necessita de alguém para lhe acompanhar quando precisa se deslocar e conta com o auxílio de um bastão. Em casa ele consegue fazer tudo, pois conhece bem o ambiente e onde estão os móveis. Seu Porró é um dos moradores mais antigos da Serrinha e neto do Baldoíndo, como já dito, um dos curadores mais famosos e melhores que já teve na região.

Ele entende que o corpo é parte do território. Território e corpo quilombola estão conectados, merecem cuidado, ser preservados e ser conhecidos por cada quilombola que ali está. Ademais ter consciência da existência dos problemas que os territórios enfrentam, como os conflitos com grandes empresas, a burocratização para almejar a titulação das comunidades, exploração dos rios, florestas, igarapés, adversidades com a natureza com extremas secas e grandes cheias. O território e corpo são formados com o tempo, uma relação que se dá no dia a dia. Não é apenas chegar e se instalar no local, é preciso criar uma relação afetiva com o território que está habitando.

São locais onde corpos se interligam com humanos e não humanos, no qual realizam as suas atividades, fazem as suas festividades (SILVA, 2015). O que percebo no território quilombola se aproxima do que o antropólogo tukano João Paulo Barreto Lima descreveu em suas aulas: que o território é uma extensão do corpo, nesse sentindo o corpo pertence ao território assim como o território pertence ao corpo. Ou, como Ailton Krenak (2024) disse,

quilombolas e indígenas são povos “*agarrados à terra*”. E, no caso das comunidades quilombolas ribeirinhas, também “*agarrados aos rios*”. É por conta disso que os homens quilombolas ribeirinhos desenvolvem com tanto apreço a arte de calafetar.

3.3 A arte de calafetar: o cuidado com o corpo, o cuidado com o barco

No diálogo com os meus interlocutores, percebo que para a vida ribeirinha, o barco também é uma das extensões do próprio corpo. É através do barco que as pessoas da comunidade estabelecem relações com outras comunidades, sustentam as relações com parentes que moram mais longe e se deslocam para a cidade para resolver questões urgentes e importantes. Com o barco é possível buscar o alimento, principalmente o peixe que é a base da alimentação ribeirinha, deslocar-se, e se relacionar com os rios. Homens e mulheres utilizam barcos, mas é interessante perceber como a relação com o barco, de cuidados e reparos, mas também estética, faz mais parte do universo masculino.

A casa do Seu João em que fiquei hospedada na comunidade da Serrinha é um lugar de acolhida, passagem de várias pessoas. Durante minha estadia, passou por lá pessoas apenas visitando, outras passando para a roça, outras passando o dia com ele, outras apenas para tomar um café e conversar um pouco e logo irem embora.

Seu Luiz por exemplo foi uma das pessoas que passou o dia conosco, almoçou, contou suas histórias, de vida, trabalho, deixou seu barco atracado na frente da casa do João para que ele pudesse cuidar e vigiar, pois não tinha outra pessoa com quem deixar. O barco ficou e ele, ao final do dia, foi embora em uma canoa para a comunidade para pegar uma carona no barco de outra pessoa para voltar para cidade, pois ele é pedreiro e há muitos trabalhos para ele por lá.

Outro Senhor que passou pela casa de Seu João foi o Seu Vicente Vieira, ele chegou em seu pequeno barco e com uma canoa que desejava *calafetar*. Levou a canoa para o Seu João, pois ele não tem o conhecimento da arte de *calafetar*. Então Seu João aceitou ajudá-lo. Primeiro ele teve que *descalafetar* a canoa, para depois sim iniciar o *calafeto* com o auxílio do Seu Toró.



Figura 10: Canoa em no trilho para ser calafetada, 2024

Seu Toró tinha passado em sua casa no dia que Seu João descalafetou a canoa. Chegou na casa em uma rabeta, ele e sua esposa Rosaluce. Conversaram bastante, tomaram um café e Seu João aproveitou para pedir que Seu Toró lhe ajudasse no outro dia para calafetar, já que ele tinha muita habilidade com isso. Ele aceitou e no outro dia ele chegou pela manhã para colaborar com Seu João e Seu Vicente. O serviço não foi pago de maneira monetária, mas sim através de trocas, em troca do trabalho Seu Vicente deu para eles se repartirem o breu branco que tinha coletado.

Calafetar um barco é o vedar as fendas e juntas entre as tábuas de uma embarcação de madeira, utilizando distintos materiais. A arte de calafetar é para impedir a entrada de água, protegendo-o de danos e protegendo as pessoas que utilizarão o barco e seus pertences. É um saber prático desenvolvido por homens, em sua maioria. Mas nem todos sabem calafetar, somente alguns detém esse conhecimento. Eu pude acompanhar três distintos momentos em que vi homens da comunidade calafetando distintos barcos. Cada um desses momentos me ensinou algo. O primeiro, que há uma aproximação entre a cura dos ferimentos dos corpos e a calafetagem dos barcos; o segundo, que calafetar leva tempo e é um trabalho que precisa ser feito em coletivo; o terceiro, de que há muita sensibilidade e delicadeza na arte de calafetar.

Neste primeiro caso em específico, o calafeto foi feito com breu branco, que é um tipo de resina aromática retirada de uma árvore amazônica com o nome científico de *Protium heptaphyllum*. Essa resina é usada para muitas finalidades medicinais e também usada para

calafetar os barcos. Seu João precisou derretê-lo em uma vasilha quente, o fogo foi feito lá próximo da canoa. Derretido, ele forma uma massa que dá para modelar e colar nos buracos e vãos do casco da canoa. Neste caso o calafetar, não é apenas tampar os buracos de uma canoa, ele envolve também unir pessoas em uma mesma atividade.

Além disso, segundo Seu Paca o breu branco serve também como remédio, ele conta: *“Olha o remédio também que eu gostava de usar quando eu pegava esses acidentes, eu gostava de botar esse breu branco. Pode ralar o breu branco e colocar em cima ferimento, não demora e sara”*. Desse modo, o breu cura e calafeta corpos humanos e não -humanos, e a comunidade quilombola.

O breu branco que tapa buracos, pode curar doenças e aliviar as dores. Ter breu branco em casa é uma riqueza, é como ter a casca de laranja na varanda de casa e a pedra da cabeça da pescada. Sempre é bom tê-los por perto para quando precisar, ter para fazer os remédios, principalmente para dores de barriga e ferimentos. Ter esses mantimentos em casa é uma maneira de cuidado com o corpo, não somente o seu e de sua família, mas também de outros corpos, até porque sempre aparece conhecidos e vizinhos procurando por remédios. Aqui, no caso, remédios que cuidam de feridas humanas e também não humanas, como o barco.

Calafetar é uma arte da reparação, porque o ribeirinho sabe que o barco vai sofrer com a passagem do tempo e com o seu uso contínuo. Por isso é importante cuidar bem do barco, mas saber que os reparos serão necessários de tempos em tempos para a manutenção da vida ribeirinha.

Durante a seca, em frente a comunidade fica praia. A areia vira campo para jogos das crianças e mais na beirada da praia transforma-se em um pequeno estaleiro para consertar e calafetar os barcos. Os próprios moradores que realizam os trabalhos, mas há aqueles que tem mais experiências e habilidades como é o caso do Seu Toró e do Seu João. O barco é puxado para fora da água, por cordas, em cima de uma espécie de trilho. O barco fica um pouco mais alto para poder haver a possibilidade dos quilombolas observarem o seu casco e as tábuas que necessitam dos reparos.

Em um dos meus retornos à Comunidade, havia um barco não muito grande em uns trilhos, sendo calafetado. Tinham quatro homens realizando a arte de calafetar. Um martelava, o outro afiava uma ferramenta, os outros dois faziam observações no casco. Ao continuar observando, vejo outro homem saindo de dentro do barco. Pegou um objeto que

estava dentro do barco, percebo que é um pincel de rolo de lã, o que me leva a pensar que ele seria o responsável pela pintura do casco. E assim os cinco homens realizavam, com este objeto, o cuidado necessário para que o barco continue junto com humanos desbravando as águas.



Figura 11: Barco sendo calafetado nas margens do Rio Erepecuru 2024.

Logo depois, um dos homens foi embora. Os outros continuaram o trabalho de cuidar do *motor*, modo como também são denominados os barcos, por causa justamente do motor grande que as embarcações possuem. Eles realizavam o cuidado conversando e dando boas risadas, mostrando que calafetar precisa dessa leveza para fluir. Percebo que um dos homens que somente observava, passa a *descalafetar* ou seja remover o calafeto com brechas que está no barco para poder colocar um novo. Essa atividade é necessária para poder realizar um novo calafetar da embarcação. E sempre aparecia uma pessoa diferente para auxiliar na atividade que aqueles homens faziam com maestria.

Enquanto observo eles calafetando o barco, as crianças iam chegando em outros barcos para irem à escola. Como o rio estava seco, algumas crianças chegam até a escola de canoa, pois o barco não consegue, mas entrar nos braços do rio e chegar até a frente das suas casas, outras veem caminhando de longas distâncias, porque os igarapés secaram totalmente. Nesse dia eles deixaram o casco do barco quase todo pintado, ou seja, uma boa parte do trabalho já estava pronto.

Em um outro momento em que voltei a observar a atividade de calafetar, questionei de um dos homens há quanto tempo já estavam trabalhando naquele barco, foi respondido que

estavam há 11 dias. Quando cheguei na Comunidade, o trabalho já estava em andamento. Fiquei sabendo de que o barco era do Senhor Nico, o homem que estava pintando. Continuei a observar, um homem que utilizava um martelo, ele continuava descalafetando o barco. O outro, que pintava, estava arrematando a parte que estava sendo calafetada. Nesse barco foi usado o breu branco e uma outra massa que me foi explicada depois o que seria.

O Seu Marivaldo, que naquele momento era o principal responsável pela arte de calafetar, me explicou como é feita essa nova massa: *“Esse pó branco se chama cré, eu misturo com esses dois líquidos, conhecido como cola náutica e água, aí forma a massa. Preciso usar ela antes de 30 minutos, se passar desse tempo ela endurece e não consigo, mas modelar ela para usar”*. Perguntei se tinha sido usado o breu para calafetar, além daquela massa branca. Ele me explicou que foi usado bem pouco, porque o breu tem uma durabilidade menor que aquela massa branca, porém funciona da mesma forma.

No outro dia voltei pela parte da tarde para frente da Comunidade, para esperar o barco ser lançado no rio, já que a tarde o calafetar já teria sido terminado. Estava uma tarde ensolarada, ventava bastante, estava um clima muito quente e o rio continuava secando cada vez mais. O barco começou a ser preparado para ser lançado no rio, foi amarrado cordas de um lado e do outro no próprio trilho e sendo retirado objetos e ferramentas que ainda estavam embaixo da embarcação. Enquanto isso, o Seu Marivaldo foi buscar outros pedaços de madeira que iriam auxiliar na descida do barco. Foi jogado sabão nos trilhos para que o barco fosse deslizando até chegar na água, e foi retirada a pernamanca²⁵ da parte da frente e colocada atrás para poder continuar a empurrar o barco.

Já estava anoitecendo, vinha um temporal muito forte e eu precisava voltar, porque, para chegar até a casa de Dona Betinha, eu conseguiria naquele horário por um caminho mais curto, por ter secado o rio demasiadamente. Porém, é um caminho de mata que eu atravessaria sozinha e não pude esperar jogarem o barco na água. Ainda assim, conseguir observar o mais importante, que seria a arte de calafetar e o cuidado com o barco, este não humano que faz parte da vida dos quilombolas, que os transporta, o os leva para pescaria e para outras comunidades, para que aconteça o entrelaçar de suas vidas com outras vidas.

O terceiro episódio que presenciei, um espetáculo apreciado por mim, foi presenciar o calafetar do barco em movimento. Estavam no barco Eu, Seu Preto, sua esposa Marciele, as quatro filhas deles, Seu João Guedes e o genro deles. O genro deles ficou no leme enquanto o

²⁵ Um tipo de corte da madeira, utilizada também para fazer esteio.

Seu Preto começou a verificar as goteiras do barco (os buracos por onde possivelmente estaria entrando água no barco). Ele retirava umas duas tábuas do assoalho do barco e observava. Para calafetar é preciso saber prestar atenção nos detalhes. Sua esposa lhe auxiliava lhe entregando as ferramentas que precisava. Quando encontrava a goteira pegava um algodão ou uma tira de pano, usava um dos dois, e com o martelo inseria no buraco da goteira. Era um procedimento de calafetar eficaz e rápido para ser feito naquele momento. Contudo, em um outro dia ele iria calafetar com um material mais seguro, como o breu, para que demorasse a surgir novamente a goteira.

Ele fez esse procedimento em 3 partes do barco, próximo do leme, do lado esquerdo e do lado direito e atrás, próximo da sala de máquinas. As meninas ficavam por ali brincando e depois resolveram deitar e dormir um pouco até a chegada do destino. Eu fiquei o tempo todo observando-o realizar a arte de calafetar. No início sentir receio, pensando como poderia a pessoa calafetar em plena viagem. Depois, eu percebi que estou com um profissional, que trabalha há tempos com essa arte e refleti que o cuidado que os eles têm com os barcos é o mesmo que se tem com o corpo humano. Sendo preciso estar sempre cuidando, tampando as feridas que o tempo e a força das águas fazem. Para que assim aquele corpo (barco) continue forte, são, auxiliando no cotidiano da vida em comunidade, em busca dos alimentos, dos deslocamentos, e auxiliando no cuidado de outros corpos, humanos e não humanos.

Entendi que o calafetar é uma arte de cuidado, feita principalmente pelo cuidado masculino. Pelas minhas observações o calafetar não exige apenas força, mas também delicadeza nos detalhes e acabamentos para que fique novamente uma linda embarcação. Afinal, ter um barco bonito e bem cuidado é algo que importa para os quilombolas.

3.4 Ataques e transformações nos territórios quilombolas

Início este tópico destacando uma de minhas conversas com Seu Porró, neto de Mestre Balboíno, ele questionou: *E esse tal de carbono? O que é isso que estão falando?* Até o momento eu ainda não tinha conhecimento que esse já era um assunto debatido nos territórios e estava em processo de negociações. Mas após essa nossa conversa busquei me informar. Afinal, se a pergunta foi feita pelo Seu Porró, é porque ela importa para pensar os cuidados do corpo e do território. Isso me leva a refletir sobre a relação dos quilombolas com os grandes empreendimentos que continuam a atacar seus modos de vida.

Durante a primeira viagem de ida ao território, foi possível ver as paisagens nas

margens do rio Erepecuru e uma das imagens que me causou impacto foram as torres do linhão de transmissão de energia de Tucuruí, que passam cortando a floresta, por cima do Rio Trombetas. Quando eu fui a primeira vez na comunidade, no ano de 2009, o linhão ainda não existia. Somente no ano de 2013 a construção é iniciada no trecho de Oriximiná. As imponentes torres do linhão de Tucuruí, visíveis a partir das margens do rio, marcam a presença da grande infraestrutura no caminho para o território quilombola de Oriximiná. Contraditoriamente, a energia que flui por esses cabos não alcança os lares das casas da zona urbana e nem as comunidades tradicionais, evidenciando as desigualdades e os conflitos gerados pela inserção de grandes projetos em contextos socioambientais complexos.

Ao chegar na comunidade, me deparei com umas caixas azuis da Equatorial, adornadas por placas solares que surgiram como um oásis em meio àquela realidade. Ao indagar sobre sua função, os moradores informaram que cada família possuía uma, sem custos imediatos. No entanto, a incerteza quanto ao futuro e a possibilidade de cobranças futuras pairavam no ar. Essa observação me levou a refletir sobre as complexas relações entre os grandes projetos de infraestrutura, as comunidades tradicionais e o acesso às tecnologias. Contudo, essas alternativas de energia, como a solar, e a persistência de práticas de cura tradicionais, revelam a resiliência e a capacidade de adaptação dessas comunidades frente aos desafios impostos por essa nova colonização. Uma das consequências problemáticas é o uso abusivo de celulares pelos adolescentes, o aumento do consumo de alimentos industrializados, foi o que eu consegui perceber nas comunidades.

A energia elétrica solar chegou às Comunidades Quilombolas mudando as paisagens e ao mesmo tempo possibilitando certos confortos para as suas casas. A carne que antes era salmourada, hoje não é mais; a estearina foi trocada pelas lâmpadas, e assim por diante. A comunicação foi algo que melhorou, pois agora eles se comunicam todos os dias com seus familiares que estão na cidade através das redes sociais. Dessa forma, vemos as mudanças não só na estrutura física das comunidades, mas também nos modos de vida dos quilombolas e nos seus corpos, que também são atingidos pelas mudanças. No entanto podem fazer dessas mudanças novas formas criativas de ir contra essas novas colonizações e adaptá-las aos seus modos de vida. Uma das formas foi associar o trabalho nas grandes empresas junto aos trabalhos do cotidiano da comunidade; utilizar a energia e a internet em prol da comunidade, tendo facilidade na organização de atividade e projetos principalmente voltados para a escola, divulgação das atividades que as comunidades realizam, assim como aprendizado sobre os

seus direitos.



Figura 12: Arquivo pessoal, 2024. Pequena viela da Comunidade da Serrinha e as placas solares.

Para que essa energia entrasse na comunidade, segundo os moradores, foram feitas reuniões e cadastro há uns três anos atrás. Nessa reunião apresentaram (representante da empresa equatorial) o seu produto (energia solar) e os seus benefícios, então após isso, a comunidade decidiu aderir o projeto e permitiu sua entrada em território. Todos sem exceção relatam o quanto foi benéfico a entrada desse empreendimento em território, um deles relata: *“Foi um negócio bom pra nós, favoreceu tudo, tudo. Antigamente eu ia pescar, pegava aquele monte de peixe e passava sal, não tinha onde colocar, motor de luz nós tem, mas não é como isso ai que é dia e noite. Diesel quando falha não tem motor. As vezes a comida até estragava ai, porque faltava o diesel, agora não, é direto”*. Nesse caso é um empreendimento em que eles perceberam que seriam boas trocas entre eles e a empresa.

A empresa instalou as placas solares, fez a ligação para as casas, cada morador escolhia o melhor local próximo de sua casa para que fosse feita a instalação da placa solar. Foi feito um acordo que, depois de alguns meses, os moradores iriam passar a pagar boletos referentes a esse produto e a prestação de serviço. Cada morador paga o equivalente a R\$73,68 por mês, com exceção das famílias cadastradas no Cadúnico, que pagam um valor bem inferior de R\$14,00. De acordo com os interlocutores serão 10 anos ou mais pagando, após isso a placa será deles definitivamente.

Algumas pessoas questionam essa diferença de valores e dizem que irão lá na empresa

realizar os questionamentos. Porque algumas das famílias que possuem Número de Identificação Social - NIS ou se consideram de baixa renda não receberam o boleto com o valor menor e desejam pagar a cota menor. Esses que estão questionando os valores são em sua maioria idosos aposentados que recebem apenas um salário mínimo. Eles dizem que não irão reclamar para os trabalhadores que vão até a comunidade porque eles apenas fazem o trabalho de entrega dos boletos, mas esses servidores já orientaram os quilombolas que podem também entrar em contato por telefone com a central de atendimento.

Eles afirmam que não se importam de pagar, pois é algo que tem lhes beneficiado muito e quando precisam de manutenção no motor da placa a empresa envia os técnicos para que os reparos sejam realizados. Eles querem apenas que sejam esclarecidos essa diferença de valores dos primeiros boletos que foram entregues. Enquanto essa questão não é esclarecida, eles seguem usando a energia e afirmando o quanto favoreceu a comunidade.

A partir do momento em que as comunidades conseguiram a titulação dos territórios qualquer empreendimento que quiser entrar nas comunidades precisa ter a autorização dos quilombolas. Para isso são feitas reuniões com os territórios e eles irão decidir se aderem ou não ao projeto proposto. Assim foi feito com a Equatorial e o projeto Luz para todos, a madeireira Medeiros LTDA e a Systêmica (empresa de carbono).

A madeireira fez todo esse processo de sentar com os territórios e apresentar o seu projeto. Os quilombolas aceitaram já que iriam receber apoio financeiro da empresa para realizar exploração da madeira. De acordo com os interlocutores, além desse apoio financeiro a empresa propôs emprego para os moradores, foi acordado quais as madeiras que seriam retiradas e além disso foi criada uma equipe para fiscalização dessa exploração.

Contudo, eles afirmam que a madeireira deixou tudo bagunçado, devastado e desmatado. Na parte do castanhal, ficou *feito*, pois eles cortaram as árvores, mas não limparam o local, deixando os caminhos complicados para andar pela mata. As caças fugiram, ficando difícil conseguir bicho do mato para caçar e se alimentar. Mas concordam que a entrada foi permitida pelas Associações e foi feita uma troca, a empresa tiraria a madeira e um valor monetário era entregue a cada morador pela exploração da madeira.

E mesmo com a equipe de fiscalização, eles alegam que a empresa não cumpriu total com o seu contrato, deixando a desejar e que podem ter levado madeiras a mais, além de matar outras espécies importantes para o território quilombola. Pois a planta que não teria importância para a madeira seria essencial para eles que conhecem as árvores e sabem para

que cada uma serve. Dona Maria Oneide me deu o exemplo da *preciosa*, planta que tem uma madeira cheirosa e sua casca é usada para fazer chá, mas há pessoas que utilizam o seu tronco para fazer barris de bebida. Assim, percebemos o cuidado que o quilombola tem com as matas, rios, igarapés, não é o mesmo que para pessoas de fora do território. O que para alguns pode ser uma árvore importante para a retirada da madeira, para o quilombola pode ser uma árvore que tem sua importância dela em pé, como é o caso da *preciosa* e da castanheira.

O caso mais recente de empreendimento almejando entrar em territórios quilombolas são das empresas de carbono, que já realizaram visitas as comunidades para negociações. E já fecharam contrato com alguns territórios depois de muitas reuniões e aceitarem, dizem, as demandas dos quilombolas. Porém, alguns estão desconfiados, não sabem exatamente o que seria esse carbono e estão receosos em deixar essa empresa adentrar nos territórios quilombolas.

Conforme, Nobre (2002), o carbono encontra-se na floresta Amazônica na massa das árvores, no solo e nos rios. Assim acredita-se que a Amazônia seria o que ele chama de sumidouro de carbono, por ter uma grande concentração desse componente químico. Porém com o desmatamento e queima da floresta ela acaba da mesma forma sendo fonte de carbono que espalha pela atmosfera. Desse modo, teve-se início ao incentivo monetário para que possam prevenir o desmatamento e queimadas, assim reduzindo a emissão de carbono.

Porém, ainda não foi esclarecido de uma maneira simplificada para que todos possam entender como funciona os créditos de carbono ou, como demonstra a preocupação do Seu Porró, “em que parte esse carbono se encontra dentro da floresta”. Seu Porró é uma dessas pessoas que ainda está desejando entender. Ele me fala o seguinte:

Agora vão mexer com o carbono, eu digo: olha a madeira que nós estamos enxergando o rolo de pau nós já pegamos pouco, muito mais o carbono, vamos dizer que a senhora está em cima de um carbono, nós estamos aqui em cima de um carbono, e ninguém não sabe nem o que é carbono, nós fala mas a gente não sabe, o que é carbono? A gente fica se perguntando. (Porró, 75 Comunidade da Serrinha, 2024)

Os quilombolas mais do que fechar o contrato desejam entender o que seria realmente o carbono e qual o interesse dessas empresas no território. Busquei ler sobre mais sobre o assunto, procurei também pessoas que tinham mais entendimento sobre o assunto, para que eu pudesse ter um melhor entendimento sobre o que seria esse carbono. Além de não entenderem o que seria o carbono, é questionado as propostas que as empresas propõem. Não tive acesso a documentos referente as reuniões ou contratos, mas segundo os interlocutores

entre as propostas está: não realizar queimadas; uma parte do território ficará sob a responsabilidade da empresa; não poderá entrar na parte do território que ficará sob responsabilidade da empresa. Isso é o que eles afirmam que foi colocado em reunião. Por isso que o Seu João Guedes exclama de forma revoltada dizendo:

Eu digo olha, eu da minha parte tem que lutar. Porque a madeira tu sabe o que é uma itauba, tu conhece um marupá, tu conhece o cedro. E esse carbono? Tu conhece? Tu não sabe o que é! Fizeram uma reunião aqui, mas ainda não foi definido nada, mas a previsão é de vim esse do carbono e você não vai poder tacar fogo em nada porque a fumaça vai atingir lá não sei o que! E quem faz roça como vai ficar? E que negócio é esse que querem mandar no que é nosso? (João Guedes, 72, Comunidade da Serrinha, 2024)

Seu João trás em sua fala os questionamentos que são de outras pessoas e é um questionamento que eu mesma me faço. Como é que as famílias dos territórios irão viver, se realizam uma produção, com suas próprias tecnologias? Sendo que o roçado ainda é iniciado pela queima e limpeza do local onde será a roça, praticam a caça, coleta de sementes e frutos, além de usarem os igarapés que cortam a floresta. Atentando-se que essa queima não é incêndio florestal, é uma queimada controlada, que ficará concentrada apenas na parte onde será realizado o plantio.

O fato de ele reclamar por não poder mais avançar para determinados espaços do território, demonstra o cuidado que eles têm com a terra. Os quilombolas sabem e gostam de cuidar de sua terra, dos seus rios, igarapés e animais. Nada é feito sem a permissão das mães, afinal somos filhos do Erepecuru, Cuminá, Trombetas. Terra que é titulada aos quilombolas e como assim não poderão, mais ter o domínio sobre aquela parte? A empresa não compreende que o cuidado vai para além de não derrubar as árvores. É preciso sim preservar a floresta, os rios, mas também é preciso preservar a forma como o povo vive e suas subsistências.

Ainda não conformada e sem entender direito sobre essa relação das empresas de carbono e as comunidades quilombolas, fui procurar na Arqmo alguém que me explicasse melhor como está sendo feita essas negociações da entrada das empresas de carbono dentro dos territórios.

Cheguei na Arqmo estavam lá o coordenador Rogério de Oliveira Pereira, Seu Josielson meu primo Gerson Pinheiro e estagiárias, estudantes da UFOPA. Nesse dia iriam ter uma reunião, então fiquei aguardando terminar para falar com o Seu Josielson.

Assim, a reunião terminou e Seu Josielson apareceu para falar comigo e pudemos conversar um pouco sobre as empresas de carbono e os territórios quilombolas. Então ele me

explicou que, se fala nas medidas compensatórias que podem ser interpretadas como: países que tem alto índice de poluição pagam para outros não poluírem. E como na Amazônia ainda temos uma grande região de conservação florestal é um excelente lugar para que se produza o que eles chamam de créditos de carbono.

E é esse crédito de carbono que as comunidades recebem caso fechem o contrato com a empresa de carbono. Ele mencionou que o território de Cachoeira Porteira aceitou o contrato com a empresa Systemica, mas a comunidade assim como a empresa propôs algumas normas que seriam: garantir as práticas tradicionais, caçar, pescar, coletar castanha, fazer roçado. A empresa aceitou a contraproposta e os créditos de carbono ficaram divididos da seguinte maneira:

25% pra empresa, 10% é pra ser garantido a infraestrutura do entorno do projeto e 65% é da comunidade, o grosso. Desse 65% tem um porcentativo que é pra investir em obras sociais e o outro quantitativo o território vai decidir como é que vai ser a repartição por família e um fundo pra associação. (Josielson, Ariramba, 2024)

A conversa com Josielson evidenciou as diferenças de conhecimentos que existem nos territórios quilombolas. Alguns, mais próximos às associações com maior conhecimento sobre essas negociações e outros, aqueles que vivem e fazem cotidianamente o território, estão mais desconfiados com essas negociações, visto que conhecem bem as artimanhas das empresas. É preciso mostrar que o território é ocupado, que as famílias que estão ali tem suas vivências, seus modos de vida. Então, não dá mais para permitir que outros grupos estranhos cheguem e queiram mudar tudo apenas por que eles necessitam dos benefícios que procuram, que nesse caso é a redução da emissão de carbono.

O território ainda sente as mudanças que ocorrem após a entrada dessas grandes empresas. Mudanças essas que acontecem nas matas, rios, igarapés, fauna e em suas festas. E concordamos que as empresas oferecem pouco para os territórios diante do lucro que obtém e do impactam que causam aos territórios. Mas poder colocar as nossas contrapostas já é um início

Assim, destaco que as mudanças climáticas podem ser causadas de forma natural, mas que as ações humanas contribuem para que ocorra de maneira desregulada e causando catástrofes maiores que antes visto pelos quilombolas e a presença das empresas nos territórios têm muitas responsabilidades sobre isso. Durante o campo pude observar essa situação extrema mudança e os seus efeitos no cotidiano da vida em território quilombola.

Assim que vi o Seu João quando cheguei no barco para ir com ele e sua esposa Dona

Betinha para a comunidade notei que seu pé estava enfaixado, perguntei o que tinha acontecido. Ele disse que tinha sido mordido por uma piranha, a mordida foi profunda, bem na palma do seu pé. Para cuidar do ferimento ele passa na região uma pomada de diclofenaco e banha de sucuriçu²⁶, que segundo os moradores da comunidade é ótimo para tratar esse tipo de ferimento e não dói quando entra em contato com local da mordida, diferente da andiroba que é boa para ferimentos, porém deixa o local dolorido.

Ele usa uma faixa de pano pé, principalmente quando precisa entrar em contato com a água. O cuidado com o corpo humano ferido perpassa pela relação do homem com os corpos não humanos no qual seu João precisa da banha de uma cobra para lhe sarar o seu ferimento causado por outro não humano que luta em busca da água escarça na seca do Rio Erepecuru. As mudanças climáticas (que deixa a seca mais severa) afeta os corpos dos sujeitos que residem no Alto Trombetas. O ataque da piranha é uma forma de defesa e cuidado consigo mesma, pois a piranha estava em um local que já raso causado pela seca do rio e ao perceber o ser estranho entrando em contato com ela se defendeu atacando e tentando ir para um local mais fundo. Aqui é a piranha tentando cuidar de si mesma e o homem da mesma maneira cuidando do território para que as mudanças climáticas possam ser menos agressivas. Mas o amenizar dessas climáticas não dependem apenas do homem quilombola, mas de toda a sociedade que necessita previne-se para amenizar as catástrofes ambientais, uma dessas ações seria a diminuição das queimadas criminosas.

A seca traz à tona esse cuidado pela vida e resiliência perante as mudanças climáticas sofridas. A seca pode ser interpretada de várias formas pelos quilombolas, todas podem ser reais do ponto de vista de cada pessoa. Seu João em conversa com Seu Vicente perguntou para ele: O que o Senhor acha que acontece com toda essa água? Pra onde ela vai embora? Seu Vicente responde: Eu acho que toda está água vai para outro lugar e lá fica cheio e quando aqui está cheio lá fica seco! E para o Senhor? O que acontece? Seu João Batista responde: Olha segundo os cientistas toda essa água vai para o céu, ela sobe. É o que eles dizem, eu também acredito nisso que eles dizem.

Esse dialogo deles me faz refletir que devo acreditar na ciência ocidental, mas também na nossa ciência quilombola. As duas afirmações são verídicas, enquanto a ciência ocidental nos explica que acontece a evaporação da água para a atmosfera, na ciência quilombola a água vai para um outro lugar e assim lá passa a ficar cheio. Como se houvesse

²⁶ Gordura da cobra Sucuriçu derretida, frequentemente utilizada como remédio cicatrizante.

um outro mundo onde eles vivenciam o contrário do que estamos vivendo, é como se fosse a cidade dos encantados que tanto ouvimos falar.

Em conversa com o Senhor Leonel, ele lembrou que Baldoíno sempre falava enxergava uma cidade cheia de luzes no meio da floresta. Na época em que ele mencionava isso ninguém entendia o que era, anos, mas tarde com a chegada da empresa MRN é construída uma vila para abrigar os trabalhadores da empresa, nesse momento é entendido o que Baldoíno já falava lá atrás para todos do território.

Além disso, Seu Leonel lembrou de uma frase que Baldoíno sempre falava para todos: *“Tenham cuidado com a terra de vocês! Criam muita criação, que daqui mais uns tempos vocês vão procurar o que comer e não encontra. Vocês procurar tirar um pau e vocês não vão poder tirar! Isso ele cansou de me dizer, pra mim e pra todo mundo!”* Essas palavras de Baldoíno que Seu Leonel lembra, coincidem com o momento que hoje é vivenciado pelos quilombolas nos territórios. Quando tudo está mais escasso, um momento de luta pelas terras, pois algumas comunidades ainda não possuem a titulação e agora com as reservas florestais, parte do território sendo usado para os créditos de carbono (alguns ainda sob negociação). Fazendo com que o quilombola não possam caçar, pescar, colher ou retirar madeira dentro das reservas.

Para além, da aceitação de acordos com as comunidades, o carbono traz outros efeitos que precisam ser debatidos. Os projetos que chegam até as comunidades, como os jurídicos que são os pagamentos realizados por países ou estados para que aconteça a diminuição do desmatamento. Geralmente são os países desenvolvidos que emitem altas quantidades de queimada de combustíveis fósseis e consequentemente emitindo grandes quantidades de gás carbônico. Nesse sentido o pagamento soa como amenização da culpa por essa grande quantidade de emissão e colocando a responsabilidade por essa emissão nos povos tradicionais.

Um dos problemas é que os projetos de carbono podem trazer limitação as atividades tradicionais dentro das comunidades. Isso foi uma das indagações das comunidades quilombolas que fazem o roçado utilizando a técnica da quima e derrubada de uma minúscula área da floresta. Além disso, os povos quilombolas ainda realizam a coleta de castanhas, caça e pesca para a sua subsistência. Nesse caso é preciso que os povos quilombolas e outras comunidades tradicionais fiquem atentos aos contratos que estejam sendo propostos, para que não interfira de modo radical as suas atividades do cotidiano e de subsistência. Pois, os

contratos tem duração em média de 10 a 30 anos, é um tempo longo e que pode ser prejudicial aos povos tradicionais que vivem do que a floresta produz e por isso buscam cuida-la bem.

Outro ponto, é o não cumprimento dos contratos, com demoras para realizar os pagamentos, falta de investimento, geração de renda e coação para que as comunidades assinem os contratos. Além disso, vem se intensificando a grilagem em algumas regiões, com a falsificação de documentos de terra para poder usufruir desses projetos e se aposar de terras habitadas por povos tradicionais.

Enfim, a questão dos territórios e os grandes empreendimentos é algo hoje não só de entradas sem permissões e exploração. Mas de diálogos com os territórios para que assim se torne algo benéfico não apenas para as empresas, mas também para o povo que ali reside. Mostrando que esses empreendimentos não podem ser somente algo lucrativo, mas que levem em consideração e respeitem as vivências das pessoas que ali estão habitando.

4. CONCLUSÃO

Então, cheguei até o final. Mas não diria literalmente um final. Até porque nossos trabalhos não tem um fim, mas sim um início para novas pesquisas, novas curiosidades, novos conhecimentos que podem surgir a parti do que já iniciamos. E este trabalho aqui é isso, o início de novas jornadas que podem vim a acontecer.

A pesquisa fez eu me reconhecer como quilombola, conhecer mais sobre nossas histórias e reencontrar pessoas e ouvir interlocutores que já coheciam minha família. A pesquisa me fez refletir que nossas histórias não podem se resumir apenas a homens e mulheres que foram escravizados e fugitivos. Mas sim grupos que se formaram, criando comunidades quilombolas, habitando as margens dos rios, criando suas histórias e vivências. Povos que aprenderam a conhecer cada canto do Alto Trombetas, conhecendo as matas, os rios, igarapés e seus encantos.

E ai concluimos que não são apenas povos quilombolas, mas também ribeirinhos, pescadores, coletores, castanheiros, povos que vivem a coletividade, ou como é comum falarem na região: vivem em comunidade. Onde todos cooperam com as atividades realizadas no local, onde é feito o puxirum, onde as festas são realizadas de modo coletivo. A vida em coletividade fortaleceu politicamente os quilombolas, para que pudessem proteger seus territórios de invasores, ou pessoas de má fé que desejavam tomar suas terras ou usufruir dela sem se importar se ali já existem pessoas que possuem uma história com aquele local.

Durante o campo minha pesquisa foi se moldando e foi justamente no campo que meu trabalho tomou novos rumos e descobri o cuidado quilombola do Alto Trombetas. Diferenciado de outros povos quilombolas, até porque nenhum é igual ao outro, cada povo possui suas próprias características. O cuidado para os quilombolos do Alto Trombetas é coletivo, todos cuidam da comunidade, das matas, do rios e igarapés. O encantados também participam desse cuidado junto com os humanos e a biointeração de Nêgo Bispo se forma nos territórios quilombolas.

O cuidado com o corpo é essencial, desde criança esse cuidado é realizado, as crianças são benzidas para não pegar quebranto, adultos estão sempre indo ao curandor em buscar desse cuidado com o corpo para curar doenças e evita-las. As mulheres procuram as parteira e puxadeiras de mãe do corpo para cuidat dos seus corpos, principalmente durante a gravidez. E assim nota-se o cuidado como os corpos humanos e não humanos dentro das comunidades

quilombolas do Alto Trombetas.

O cuidado masculino se faz presente na pesquisa de um jeito singular, homens que não apenas cuidam da família, mas também da comunidade, da floresta, dos animais, das festas, dos encantados e que cuidam das embarcações. E as histórias de cuidado masculino se entrelaçam, indo de encontro há outros homens e vindo de encontro com a minha história.

Isto porque, as vivências de Baldoíno vão de encontro as vivências do meu bisavô Duca Pinheiro. Mestre Baldoíno foi um grande curador da região, um dos mais falados. Lembro que quando criança meus avós falavam: “Era Deus no céu e Baldoíno na Terra”. A crença nele era enorme! E de acordos com minhas observações Baldoíno sempre será esse ícone dentro dos territórios quilombolas do Alto Trombetas. Um homem no qual identifiquei não só ser um curador, mas um cuidador.

Um homem quilombola que cuidou da comunidade e de todos que o procuravam como curador. A educação foi uma forma de cuidado que ele teve com as crianças e todos aqueles que desejavam estudar, pois algumas famílias passaram a morar ali em frente a Serrinha e assim foi preciso fundar uma escola na comunidade.

As vivências dele e do vô Duca e a minha se entrelaçam a partir do momento em que começam a comentar que sempre viam ele tocando nas festas e que ele sempre ia nas festas que Baldoíno organizava. Em contrapartida, em casa vovô Duca sempre contava as histórias de Baldoíno. E me encontro agora finalizando uma pesquisa em que falo sobre esses dois homens, das variadas formas de cuidado que ambos realizavam e realizam.

E esses encontros acontecem junto com o encontro dos rios, visto que um morava no Rio Erepecuru e o outro no Rio Cuminã. É pelos rios que as viagens acontecem, é por eles que os quilombolas chegam as comunidades, no encontro deles acontece também o encontro dos interlocutores. E nos rios moram os encantados, as cobras grandes, o boto, as iaras, quem pesca sempre tem história pra contar. Com meu avô não era diferente sempre tinha uma história de encantados e Baldoíno tinha uma conexão com o rio e visitava os encantos de lá em busca de seus conhecimentos.

No capítulo em que falo sobre meu bisavô Duca, o que me chama atenção é a música. Desperta-me a curiosidade de saber mais sobre como era naquele tempo e como está hoje a música quilomba? O cuidado com os instrumentos, tanto para manuseá-los como para fazer a sua manutenção, como eram realizados em uma época com poucos recursos e sem a tecnologia avançada que temos hoje em dia?

Enfim, essa é uma curiosidade despertada pelo campo e que no futuro pode vir a ser uma pesquisa, para abordar a música quilombola realizadas por homens. Esta pesquisa me leva a compreender que o território é uma extensão do corpo, que deve ser cuidado assim como o corpo humano. O cuidado com o território protege as matas, rios, igarapés e os encantados. A luta pela proteção do território constante, as associações ficam sempre atentas para eventuais negligências contra o território quilombola.

Percebeu-se na pesquisa que os grandes empreendimentos tem entrado cada vez mais nos territórios para realizar explorações de seus recursos naturais. Apesar de as comunidades sedarem a entrada após negociações que lhes proporcione alguma troca. Esses empreendimentos ganham muito monetariamente com a exploração dessas terras e pouco cumprem com os acordos que são feitos durante as assembléias.

Durante a pesquisa surgiu o assunto sobre o carbono, confesso que tive e tenho que ler e aprender ainda mais sobre o assunto. É complexo e ainda muito debatido atualmente, sendo um dos principais discursos da COP30 que ocorrerá na cidade de Belém. Momento oportuno para apresentar as demandas dos quilombolas quanto aos projetos de créditos de carbono que chegam até as comunidades.

Notou-se que há a necessidade de impor mais rigorosidade nos contratos para que sejam cumpridos literalmente os acordos pela parte das empresas. Além disso, há muitos pontos negativos com a entrada desses empreendimentos dentro dos territórios, como a extrapolação da exploração dos recursos naturais, falta de investimento dentro das comunidades, irresponsabilidade quanto a proteção e manutenção dos rios, florestas, igarapés e ainda passam a ignorar as tradições, costumes e vivências das pessoas que vivem em território.

Outro ponto apresentado nessa dissertação foi a arte de calafetar, que aborda o cuidado masculino para com as embarcações. Onde demonstra que o homem quilombola não é só um trabalhador braçal mais possui uma sensibilidade nas mãos, um olhar delicado que moldam e calafetam as brechas abertas nos cascos dos barcos e canoas. Seu Paca me ensina que o breu branco não só calafeta embarcações, mas que pode cuidar das feridas da pele humana para que o ferimento se feche e cure. Assim, o calafetar veio para mostrar o quanto esses homens são valiosos cuidadores, que possuem a arte nas mãos, que nos ensinam que cuidar de todos é essencial para que a comunidade permaneça bem e em harmonia.

Portanto, desperço-me com a alegria de que realizamos um bom trabalho, que teve

suas falhas, que precisa ser moldado algumas partes. Minha pretensão é que não tenha um fim, mas que possa ser uma pesquisa que dei inúmeras ideias para que surjam novos trabalhos, outras curiosidades principalmente sobre o nosso povo quilombola.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e as novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.
- ALVES, PC; MINAYO, MCS., orgs. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Acessado em: 09 de Abr. 2024. Disponível em SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- ALVES, Yara de Cássia. Do corpo para o mundo: força e firmeza como princípios políticos entre quilombolas mineiros. In: VILLELA, Jorge Mattar; VIEIRA, Suzane de Alencar (Org.). **Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020. p. 207-226.
- ALVES, Yara. **A construção de raízes: O parentesco tecido no tempo, nos corpos e nas casas**. In: **Nos rastros do passado: Costuras do tempo na construção do parentesco e da socialidade entre quilombolas do Vale do Jequitinhonha- MG**. Tese de doutorado, PPGAS/USP, 2023.
- ANDRADE, Lúcia M. M. Os quilombos da bacia do Trombetas: breve histórico. **Revista de Antropologia**, v. 38, n. 1, 1994.
- ARAUJO, Ana Barbara. **Da Ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado**. Mediações, Londrina, V. 23 N. 3, P.43-69, set.- dez. 2018.
- ARCHANJO, Elaine Cristina Oliveira Farias. **Oriximiná terra de negros: trabalho, cultura e luta de quilombolas de Boa Vista (1980 – 2013)**. Dissertação de mestrado, UFAM. Manaus -Am, 2015.
- ARRUTI, José Maurício. Quilombos. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Lívio (Orgs.). **Raça: Novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.
- ARRUTI, José Maurício; SILVA, Hilton Pereira da. **Quilombos, ecologia, política e saúde: perspectivas antropológicas**. Rev. Amazônica: Revista de Antropologia. v. 12 (1). pp. 13 - 20. 2020.
- ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES REMANESCENTE DE QUILOMBOS DO MUNICÍPIO DE ORIXIMINÁ. **Histórico de fundação da associação ARQMO**. Oriximiná – Pa, 2022.
- Carvalhosa, Natália Neme. **Sinestésias de uma resistência: mobilidade, terra e narrativas na expropriação minerária de comunidades rurais em Conceição de Mato Dentro**. In: Casa, corpo, terra, violência: abordagens etnográficas. – 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2022.
- CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A canoa da cura nunca ninguém rema só”: o se ingerir e os processos de adoecer e cura na cidade de Parintins (AM)**. 2017. Tese

(Doutorado em Antropologia Social), UFAM. Manaus – AM, 2017.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/ Significado/Cura**. Ed. 1, Porto Alegre, Editora UFRGS, 2008, pp. 101 – 146.

DEALDINA, Selma dos Santos. **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. Org. Selma dos Santos Dealdina. Ed.: Jundaíra. São Paulo-SP, 2020.

DOTHLING, Nathália. **Cosmopolítica do cuidado: percorrendo caminhos com mulheres líderes quilombolas**. São Paulo – SP: Editora Contracorrente, 2022.

DROTBOHM, Heike. **O cuidado além do reparo**. MANA, Rio de Janeiro, V. 28(1): 1-23, 2022.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Trad. Coletivo Sycorax – São Paulo: Elefante, 2019.

FELIX, Camila Corrêa. **‘Eles são cristãos como nós’: humanos e encantados numa comunidade quilombola amazônica**. Dissertação (mestrado) – UFRJ/Programa de Pós Graduação em Antropologia e Sociologia. Rio de Janeiro, p. 154. 2011.

FLORES, Luiza Dias. **Ocupar: resistências quilombolas**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2021.

FUNES, Eurípedes A. **Comunidade Remanescente dos Mocambos do Alto Trombetas**. São Paulo: Fundação Pró-Índio, 2000.

GEERTZ, Clifford. 1926. **A Interpretação das Culturas**. Ed. 1. 13 reimp. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil** - 1º edição – Claro Enigma. São Paulo – SP, 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Lívio (Orgs.). **Raça: Novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. **A “crise do cuidado” e os cuidados na crise: refletindo a partir da experiência brasileira**. Sociol. Antropol. Rio de Janeiro, V.14:01, 2024.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA. **As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome**. São Paulo: Rev. Estudos Avançados, 2020.

HAESBAET, Rogério. **Do corpo – território ao território – corpo (da terra): contribuições deocoloniais**. GEOgraphia, vol: 22, n.48, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Marcelo Brandão Cipolla (Trad.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da**

antropologia. Educação (Porto Alegre), v. 39, n. 3, p. 404-411. 2016.

JUNIOR, Geraldo Barbosa de Oliveira. **Antropologia da Saúde: Uma contribuição aos programas de assistência à saúde pública nas comunidades quilombolas no Estado do Rio Grande do Norte.** Kwanissa, São Luís, v. 4, n. 8, p. 363-377, jan/jun, 2021.

KOFES, Suely. **Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites.** *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 117-141, 1994.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MALUF, Sônia Weidner. Et al. **Antropologia da saúde: entre práticas, saberes e políticas.** BIB, São Paulo, n. 91, 2020, pp. 1-38.

MALUF, Sônia Weidner. Et al. **Antropologia da saúde: entre práticas, saberes e políticas.** In: MACHADO, Igor José de Renó. Et al. (orgs). *Ciências Sociais hoje: Antropologia.* São Paulo. Editora Zeppelini Publishers, 2020, p. 256 – 292.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória.** Ed. Perspectiva, São Paulo, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Csaic Naify, 2023.

MENDES, Maria Aparecida. O reencontro com os saberes ancestrais dos meus antepassados. In: PAIVA, José Carlos de (Ed.). **Partilha de reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.** Porto: i2ADS/Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; AQCC/Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2020. p. 31-72.

MENÉDEZ, Eduardo. **La enfermedad y la curación ¿Qué es medicina tradicional?** *Alteridades*, vol. 4, núm. 7. Universidade Autônoma Metropolitana Unidad Iztapalapa Distrito Federal, México, 1994, pp. 71 -83.

NASCIMENTEO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos.** Org. Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras,** Zahar, 2021.

NÊGO BISPO, Antônio Bispo dos Santos. **Colonização Quilombos modos e significados.** Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI. Brasília, 2015.

NOBRE, Carlos A.; NOBRE, Antônio D. **O balanço de carbono da Amazônia brasileira.** *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 81-89, 2002.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PEIRIANO, Mariza. **Etnografia não é método.** *Rev. Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391. 2014.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos. Et all. **Cura e proteção em territórios negros da Paraíba e do Rio Grande do Sul, Brasil.** *Rev. Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 5, p. 259-289, 2017.

PUIG DE LA BELLACASA, María; ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel; ENGEL, Cíntia; GRECO, Lucrecia; FIETZ, Helena. **O pensamento disruptivo do cuidado**. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 48, n. 1, p. 108-133, jan./abr. 2023.

RODRIGUES, Ingrid da Costa. **A política do cuidado no cotidiano de mulheres amazônidas remanescentes de quilombolas da comunidade São Francisco do Bauana**. 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2024.

SANTOS, Isabel Cristina dos. **Relato da construção de vida do Balduíno Melo na Comunidade Remanescente de Quilombo Serrinha**. Monografia. Memorial de pesquisa e intervenção em Etnoeducação. Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Etnoeducação Universidade Federal Fluminense, 2018.

SANTOS, Isabel Cristina dos. **Relato da construção de vida do Balduíno Melo na Comunidade Remanescente de Quilombo Serrinha**. Monografia. Memorial de pesquisa e intervenção em Etnoeducação. Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Etnoeducação Universidade Federal Fluminense, 2018.

SARTI, Cyntia. **Corpo e doença no trânsito de saberes**. RBCS Vol. 25 nº 74 outubro/2010. Acesso em: 07 de Nov. 2023. pp. 77 – 191. Disponível em: www.scielo.br.

SAUMA, Julia. **“Moramos no mundo dos invisíveis”: Sobreposição, ruptura e movimento em uma área coletiva quilombola**. In: *Paisagens evanescentes*. Belém, Pará: NAEA editora, 2019.

SAUMA, Julia F. **Entrosar-se, uma reflexão etnográfica afro-indígena**. Rev. Cadernos de campo, São Paulo, n. 23, p. 1-381, 2014.

SILVA, Ana Lúcia de Jesus da. **Aqui todo mundo é parente: os entrelaçamentos da vida e da água na Comunidade Remanescente de Quilombo de Boa Vista, Oriximiná-Pará**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, 2015.

SILVA, Givânia Maria da. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. Ed.: Jundaíra. São Paulo -SP, 2020.

SOARES, Maria Raimunda Penha. **Corpo-território, os comuns e as mulheres quilombolas**. Revista Praia Vermelha, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 230-255. 2023.

SOUSA, Amária Campos de. Et Al. Da comunidade à universidade: trajetórias de luta e resistência de mulheres quilombolas universitárias no Tocantins. In: DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). **Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas**. Ed.: Jundaíra. São Paulo -SP, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Almeida, Marcos Pereira Freitas, André Pereira Freitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Jorge Luan. **Sobre terra dos outros: família e morada em movimento no Sertão cearense**. In: Casa, corpo, terra, violência: abordagens etnográficas. – 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2022.

TEIXEIRA, Raquel Dias. **Todo lugar tem uma mãe: Sobre os filhos de Erepecuru**. *Revista Antropológicas*, ano 10, vol. 17(2), 2006.

TEIXEIRA, Raquel Dias. **Todo lugar tem uma mãe: Sobre os filhos de Erepecuru**. *Revista Antropológicas*, Recife, ano 10, v. 17, n. 2, p. 117-146, 2006.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 09, n. 02, p. 270. 2001.